

# Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil

15º concurso - 2024

Prosas e Poesias

Gráfica Movimento



**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

**Ministro da Fazenda**

Fernando Haddad

**Secretário Especial da Receita Federal do Brasil**

Robinson Sakiyama Barreirinhas

**Subsecretária-Geral da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil**

Adriana Gomes Rêgo

**Subsecretário de Arrecadação, Cadastros e Atendimento  
da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil**

Gustavo Andrade Manrique

**Coordenador-Geral de Atendimento**

José Carlos Nogueira Junior

**Chefe da Divisão de Memória Institucional**

Fabiane Paloschi Guirra

**Comissão Julgadora do 15º Concurso Histórias de Trabalho da RFB**

Márcio da Silva Ezequiel - DRF/Pelotas - Presidente da Comissão

Abigair Aparecida dos Santos - Cofis

Branca Moura Machado - SRRF06

Juliana Maria de Lucena - DRF/Santo André

Rudimar Radatz - DRF/Novo Hamburgo

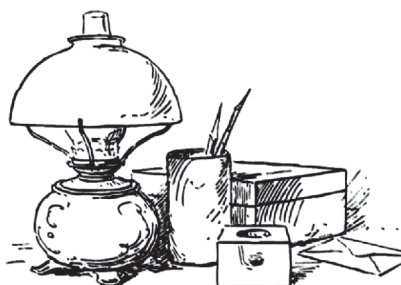


Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

# Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil

15º Concurso - 2024

## Prosas e Poesias



**Receita Federal**

Memória Institucional

Copyright 2025 - by *Receita Federal*

Estão resguardados todos os direitos desta publicação, que poderá ser reproduzida por qualquer meio, desde que citado o nome do autor.

**Capa e Diagramação**

*Marcia Palma de Azevedo*

**Imagem da capa**

*Assessoria de Comunicação Social - Ascom/RFB*

**Revisão Ortográfica**

*Márcio da Silva Ezequiel*

**Impressão e acabamento**

*Gráfica Movimento*

**Tiragem**

*400 exemplares*

Ministério da Fazenda / Receita Federal do Brasil / Memória Institucional - Brasília: RFB, 2025

Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil - 15º Concurso, 2024.

192p.; 22cm. Coletânea de Histórias.

1. Memória Institucional. 2. Receita Federal do Brasil



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil



# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	VII
<b>Prefácio</b> .....	IX
<b>Introdução</b> .....	XI
<b>Prosas Premiadas</b>	
O corpo .....	17
Água .....	25
Eu sou todos vocês - quem sou eu? .....	33
<b>Menção Honrosa</b>	
“O certo é certo”: o dia em que o crime aplaudiu a Receita Federal .....	41
<b>Prosas Classificadas</b>	
A bolsa vai ao <i>check-in</i> antes da dona.....	55
A terceira margem do meu rio.....	58
Grupo “Integração do Brasil”.....	64
Implantação do atendimento em Libras no sul de Minas Gerais .....	67
Minha experiência de ingresso na RFB, uma providência divina .....	69
Não sei, só sei que foi assim.....	74
Nossas visitas pelo Projeto Cidadania em Movimento.....	83
O armário da vergonha.....	89
O Bom Bona .....	92
O surgimento de novas amizades.....	93
Perdas e ganhos.....	96
Receita Federal e uma experiência congelante .....	102



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

## VI

Recordações do começo de tudo .....	107
Tinha que ser assim, com muita emoção mesmo!.....	113
Três Josés e dois CPFs .....	120
Tudo joia?.....	128
Um novo tempo: o início da minha jornada na Receita Federal do Brasil .....	131
Uma jornada de três décadas .....	134
Uma porta, várias janelas .....	137

### **Poesias Premiadas**

Pia 24 horas em ação .....	145
Uma Receita de letras, números e poesia .....	151
Cidadania Fiscal na Rodovia .....	161

### **Menção Honrosa**

"Thank" cheio de mágoa.....	171
-----------------------------	-----

### **Poesias Classificadas**

O homem, o urso e o leão - Uma fábula moderna.....	179
Oi.....	184
Saudosa memória.....	187



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

## Apresentação

Criado em 2010, o Concurso Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil orgulhosamente celebra sua 15ª edição. Por meio do presente volume, reafirma-se a parceria entre os servidores e a Memória Institucional da Receita Federal no registro e na transmissão de suas experiências laborais para a posteridade.

A edição deste ano conta com 23 prosas e 7 poesias, mostrando uma diversidade de olhares e interpretações que enriquecem o projeto. As narrativas aqui apresentadas destacam uma pluralidade de perspectivas, ressaltando a importância do trabalho em equipe, bem como os benefícios da inovação para enfrentar os desafios diários da Instituição.

Tendo como ponto de partida o último Concurso Público para provimento de vagas na Carreira Tributária e Aduaneira da Receita Federal do Brasil, realizado em 2023, a temática sugerida, em 2024, foi “Minha experiência de ingresso na RFB”. A adesão ao tema proposto foi significativa, ocupando mais da metade dos assuntos tratados, com depoimentos que remontam desde três décadas atrás até o período atual, com o relato de uma analista-tributária recém-empossada, que, aliás, foi uma das premiadas deste ano.

Mais do que um registro das vivências individuais, este livro é um convite à reflexão sobre o papel essencial da Receita Federal na construção de um país mais justo e transparente. Através dessas histórias, o leitor é transportado para o cerne das operações que impactam diretamente a vida de cada cidadão, permitindo uma compreensão mais profunda da missão institucional do Órgão.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

## VIII

Gostaríamos de expressar nosso apreço e gratidão aos servidores que compartilharam suas histórias, bem como à equipe da Divisão de Memória Institucional. Um agradecimento especial a Marcia Palma de Azevedo, responsável pela diagramação e projeto gráfico do livro, e a Márcio Ezequiel, presidente da Comissão Julgadora e revisor dos textos, além dos demais membros da comissão, cujo trabalho foi essencial para o

Fabiane Paloschi Guirra  
Chefe da Divisão de Memória Institucional  
Receita Federal do Brasil



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

## Prefácio

O Concurso Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil coleta testemunhos em prosa e verso oferecendo uma perspectiva ampla e diferenciada sobre o cotidiano da Instituição. Por meio das experiências narradas pelos servidores, o leitor é transportado por situações diversas que revelam desafios, aprendizados e momentos marcantes da atuação na Receita Federal em prol do país.

Os textos aqui trazidos oferecem uma imersão em histórias que variam entre o inusitado e o emocionante, sempre refletindo o comprometimento dos servidores com os valores de cooperação, resiliência e dedicação. Cada página é uma oportunidade de celebrar conquistas, revisitar desafios e compreender como tais experiências moldaram e moldam a Receita Federal.

Para além de simples relatos sobre aspectos técnicos e operacionais, este projeto dá voz à dimensão humana do trabalho realizado, compondo um mosaico de experiências que transcendem a rotina profissional. Trata-se, antes de tudo, de um espaço de partilha de vivências e de preservação de histórias.

A iniciativa, conduzida pela Divisão de Memória Institucional, tem por objetivo resgatar e valorizar as lembranças dos servidores em suas experiências cotidianas de trabalho. Esses relatos são fundamentais para reforçar os valores de ética, cidadania fiscal e justiça tributária, ajudando a construir uma relação mais transparente e respeitosa entre a Instituição e os contribuintes.

Convidamos, mais uma vez, todos a tomar assento junto a estes servidores no interior das unidades, em salas de atendimento, em bancadas de oficinas de tecnologia e informática, nos gabinetes dos



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

administradores ou até mesmo a pegar carona em operações aduaneiras e fiscais e, assim, acompanhar um pouco mais de perto as tarefas desenvolvidas pela Receita Federal do Brasil em nossas Histórias de Trabalho.

José Carlos Nogueira Junior  
Coordenador-Geral de Atendimento  
Receita Federal do Brasil



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

# Introdução

*"Os cientistas dizem que somos feitos de átomos,  
mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias."  
Eduardo Galeano*

Há 15 anos, precisamente em 2010, a Receita Federal, por meio de sua Divisão de Memória Institucional, deu início a uma atividade de recuperação de suas memórias com o Concurso Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil, criado nos termos da Portaria RFB nº 1.287/2010.

O certame objetiva, desde sua primeira edição, coletar, selecionar e premiar registros de experiências que tratam do dia a dia de trabalho na Receita Federal, apresentados por seus servidores, ativos ou inativos, das quais tenham participado ou tomado conhecimento no exercício de suas atribuições.

Em sua primeira versão, os trabalhos podiam concorrer em duas modalidades: 1 - depoimentos verídicos e relatos escritos, e 2 - fotografias. Devido às poucas imagens inscritas nos dois primeiros anos do concurso, inclusive sequer havendo trabalhos classificados na segunda edição, esta modalidade foi suspensa, sendo inserida a categoria poesia a partir da terceira edição.

Ainda que não esgote o rol de atividades da Divisão de Memória e tampouco ofusque outros projetos, em andamento ou que venham a ser implantados, a iniciativa representou um grande passo para a revitalização da Memória na RFB. Na ocasião, pode-se dizer, a área estava, de certo modo, distanciada da realidade habitual do trabalho na Instituição, priorizando então pesquisas sobre um passado mais longínquo, com foco na estrutura fazendária e na evolução histórica dos tributos.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

## XII

A despeito da importância de estudos mais específicos da história administrativa e tributária, que resultaram em diversas publicações desde os anos 1990, o Concurso Histórias de Trabalho trouxe, no cerne de sua concepção, algo fundamental ao se tratar da conservação da experiência laboral. Foi a primeira ação de memória institucional na Receita Federal que permitiu a participação e o envolvimento dos servidores, não apenas enquanto leitores de uma narrativa oficial, mas tornando-se agentes evocadores da própria história profissional.

Vale destacar, ainda, que a coleta de registros e depoimentos mantém um potencial arquivístico, à primeira vista, oculto. Os trabalhos inscritos e não classificados para a publicação não são descartados, passando a fazer parte do acervo memorial da Instituição e, quem sabe, aos historiadores do futuro possam até mesmo significar os maiores laureados na conservação da memória.

Ao narrar suas histórias de trabalho, os servidores colaboram para constituir um documento material com algo que antes ocupava somente suas lembranças e imaginação. Este processo leva as experiências antes individuais para o campo da memória coletiva e histórica, voltando, por meio desta leitura, ao cotidiano como saber acumulado e produtor de identidade funcional.

Ao longo desses anos, observando as áreas de procedência e os assuntos abordados, percebemos, nas inscrições, uma preferência por histórias advindas da aduana e do atendimento ao público. Em comum, trazem o maior contato com o contribuinte, isto é, com o público externo - seja em orientação, atendimento ou na prevenção e combate a ilícitos aduaneiros. Assim posto, a identificação funcional parece pautada mais pelo processo de alteridade, em relação ao “de fora” da Instituição, do que propriamente por uma autoidentificação interna. É no contraponto da apreciação do outro que se dá a concepção de identidade. Esta, por sua vez, está intrinsecamente ligada à formulação da memória. Conforme o antropólogo francês Joël Candau:



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil



### XIII

*A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.*<sup>1</sup>

Antonio Barbosa de Oliveira, doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), expressa uma síntese bastante pertinente ao colocar que “mesmo (re)constituída a partir de indivíduos, a memória sempre nos remete a uma dimensão coletiva e social e, por extensão, institucional”.<sup>2</sup>

As histórias rememoradas à Receita Federal por seu corpo funcional vão desde auditorias e fiscalizações complexas a interações inesperadas com os contribuintes. O que poderia ser percebido como uma rotina burocrática ou friamente padronizada na busca estatística por resultados de desempenho, ganha novos contornos, destacando o comprometimento e a sensibilidade envolvidos no cumprimento das atribuições funcionais.

Não obstante tal dimensão coletiva, cada relato carrega um aspecto único, seja pela superação de adversidades, pela reflexão sobre o impacto social do trabalho ou pela criatividade ao abordar o dia a dia de maneira poética, o que, por óbvio, pouco espaço encontraria nos manuais de procedimentos.

---

<sup>1</sup> CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2012, p.16.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória Sibi/UFRJ. In: \_\_\_\_ (Org). Universidade e lugares de memória. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008, p. 43.



#### XIV

Como decorrência dos livros resultantes do projeto, publicados anualmente, outros produtos surgiram durante essa década e meia de Histórias de Trabalho, como a apresentação de depoimentos pelos autores em vídeos e *lives*. Além disso, foram gravados mais de cinquenta episódios de podcast, adaptados e interpretados pelo auditor fiscal Celso Viáfara, recentemente aposentado, e ao qual, na oportunidade, estendemos nosso agradecimento e homenagem por meio deste exemplar.

Além de proporcionar tantos contentamentos e uma leitura prazerosa, os textos contribuem de maneira significativa para o registro da memória institucional da Receita Federal. Eles preservam episódios que enriquecem a história da Administração Pública brasileira e podem servir de referência para pesquisadores, gestores e futuros servidores.

Tal acervo torna-se, portanto, valioso recurso tanto para entender o fluxo presente quanto para guiar os passos vindouros. Em nome da comissão julgadora, expresso o desejo de que muitos mais se inspirem nos relatos a seguir, oferecendo-nos também suas memórias de trabalho.

Boa leitura e boas escritas!

Márcio Ezequiel  
Presidente da Comissão Julgadora do  
15º Concurso Histórias de Trabalho da RFB



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

# Prosas Premiadas



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

# Primeiro Lugar

## ***O corpo***

Cléber Marcelo Fernandes Caetano

*Auditor-Fiscal da RFB*

*Ingressou na Receita Federal do Brasil em 1993, trabalhando, principalmente, com despacho de importação, trânsito aduaneiro e vigilância e repressão. Na atualidade, está lotado e exercendo a função de chefe substituto na Equipe de Despacho de Exportação da Alfândega do Porto de Santos.*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

## ***O corpo***

Alfândega do Porto de Santos, 14 de setembro de 2023.

Os pensamentos empilhados em sua mente contrastavam com a aridez de sua mesa de trabalho. Tempos atrás, cada centímetro quadrado daquele universo era preenchido por itens de, à época, primeiríssima necessidade. Lista telefônica, perfurador de papéis, almofadas para carimbos, calculadora e um bocado de quinquilharias estavam sempre dispostos ao alcance das mãos.

O saudoso aparato cedera espaço a um moderno computador, cujos fios entrelaçados escorriam por um orifício desde a mesa até uma caixa metálica sob seus pés e ali se enraizavam, buscando absorver os nutrientes vitais ao seu funcionamento. A vida seguira o seu curso, e a correnteza do tempo varrera um punhado de anos seus. Em breve, desaguaria no oceano dos aposentados.

Fixou o olhar na tela à sua frente e sacudiu a cabeça, incrédulo. Não restavam dúvidas! A imagem do escâner sugeria um conteúdo de excelsa arquitetura e singular complexidade: o corpo humano!

\* \* \*

Tânger – Marrocos, 1º de setembro de 2023.

Claustrofobia não era opção. Das sólidas e caneladas paredes de lata, nem o pensamento escapava. Cerrou os olhos e esperou, pacientemente, sua visão ajustar-se àquele escuro-solidão. Se houvesse meios, acenderia uma vela. Se para orar ou iluminar, decidiria ao sabor das



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

chamas. “Passarinho nenhum foge de alçapão”, ouvira os mais velhos sentenciar, ainda criança.

Hesitou por um instante, mas decidiu seguir com o plano. “Afinal, depois da meia-noite não escurece mais”, confortou-se mentalmente. A despeito da feroz clausura, veio-lhe ao pensamento a paradoxal percepção de que, em toda sua vida, nunca dispusera de lugar tão seguro.

Do infausto enrosco em que se metera, gargalhou.

\* \* \*

Todo contêiner é uma lata de surpresas. Em quase 30 anos de cais, já havia visto, lido ou ouvido dizer que dali tudo saía, como se fosse uma imensa cartola de mágico. Nada! Absolutamente nada lhe causava espanto! Entorpecentes, obras de arte, cachorro saltando etc. Mas, na prateleira de achados surpreendentes, por certo, aquele artigo ainda não estivera posicionado.

Uma silhueta humana inerte ensejava uma clandestina e malsucedida relação de inquilinato. Fosse qual fosse o motivo, talvez o corpo dissesse algo.

Porque a alma, há muito, desprendera-se.

\* \* \*

O amigo de infância, recém-embarcado num navio cargueiro, foi quem primeiro teceu o plano. Impulsionado pela pobreza e pelo desejo de proporcionar algum conforto à mãe, decidiu aderir e arriscar a vida em outras latitudes. Para tanto, deveria subir despercebido a bordo e





permanecer silenciosamente escondido e trancado num contêiner vazio, de antemão selecionado. Sessenta metros cúbicos para exercer o dom da vida. Nada mais, nada menos. Enquanto carga, permaneceria incomunicável sob a curatela do amigo tripulante.

Encoberto pela escuridão dos mares, a cada madrugada, o amigo retornaria com mantimentos e novidades. Numa das escalas, ambos desembarcariam sorrateiramente num famoso país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza! De primeira providência em solo brasileiro, avisaria à mãe, uma vez que, se a avisasse previamente, ela o impediria de chegar perto daquele navio.

Ocorre que, no dia do embarque, como havia tempo e permissão, após alojar seu companheiro na unidade de carga, o amigo marinho resolveu dar um passeio pela noite marroquina. Bebeu até não mais poder, meteu-se em confusão e, detido pela polícia local, foi impedido de seguir viagem, deixando o enlatado parceiro à própria sorte.

\* \* \*

Do pai, só ouvira falar. Nenhuma foto, memória ou lembrança. Da sua árvore familiar, a mãe era raiz, caule, folha e flor. A árvore nunca se separa do fruto! (É bem o inverso que costuma acontecer...).

Do pouco que já lera, nada lhe encantava mais que uma singela adaptação da obra principal de Cervantes: “Dom Quixote”! Do fascínio de suas aventuras, jamais se divorciara. Buscou forças para imaginar, em seu lugar, o engenhoso paladino. Como o “Cavaleiro da Triste Figura” se portaria naquela batalha em alto-mar? Provavelmente se esboçaria engolido por uma baleia, tal qual o profeta Jonas...

Com o canto da boca, sorriu.



\* \* \*

Todos os dias, em todas as partes do mundo, seres oprimidos e angustiados buscam refúgio no inviolável contêiner da alma. Escondido naquele latão enorme, em nome dos seus sonhos, suportou frio e calor excessivos, mas se manteve fiel à advertência do amigo para que não fizesse qualquer tipo de barulho.

Quando, por fim, decidiu bradar por socorro, a voz já lhe faltava, pernas e braços não lhe obedeciam. O amigo fiel desaparecera tal como o cheiro da terra no meio do oceano. Seu tecido social há muito se decompusera. E assim caminhava sua esperança. Naquele instante, teve a certeza de que, se adormecesse, jamais acordaria.

De tensão, mordeu os lábios.

\* \* \*

A pátina do tempo transformara seu semblante, embora lhe restassem alguns vestígios juvenis. Da noite para o dia, transmutou-se de borboleta a lagarta, subvertendo, sem pecado e sem juízo, a ordem natural das coisas.

Juntou forças para rodar em sua mente, pela última vez, o filme da sua vida. Rebobinou o cassete da sua memória, do presente aflitivo às mais remotas lembranças. Nunca mais veria a luz do sol. Nunca mais andaria sobre a Terra. E – suprema tortura – impingira à amada mãe a mais lancinante, a mais angustiante das dores: a de ter um filho desaparecido.

Dali só sairia carregado. Entendia, perfeitamente, que seus pés já haviam cruzado a irreversível linha que separa a vida da morte. Como fosse seiva, sentiu sua alma sendo sugada.

Enfim, chorou. E adormeceu.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

\* \* \*

No dia 14 de setembro de 2023, a COV - Central de Operações e Vigilância da Alfândega do Porto de Santos, joia incontestada da Aduana Brasileira e – atrevo-me a dizer - mundial, em inspeção de rotina, identificou em seus monitores aquilo que parecia ser um corpo humano dentro de um contêiner recém-descarregado. Imediatamente, emitiu alerta para verificação, cujo resultado, poética e fantasiosamente prefaciado nas páginas anteriores, chocou a comunidade santista.

Essa história joga luz sobre a tímida mobilidade social observada mundo afora. A falta de oportunidades resulta no congelamento da desigualdade; este, por seu turno, impõe desafios e sacrifícios cada vez mais inalcançáveis (não raro ultramarinos...), àqueles que desejam furar a bolha com consequências, quase sempre, desfavoráveis.

\* \* \*

Do mundo que conhecemos, partiu da mesma forma que chegou. Em fase primária de decomposição, não se observou consigo nenhum documento ou objeto que pudesse apontar a sua identidade.

Apenas suas roupas foram encontradas ao lado do corpo despido, donde se permite supor uma desesperadora tentativa de aplacar o calor. De igual modo, para conter a fome, teve que se despir da dignidade, ingerindo pequenas porções das próprias roupas ali descartadas.

Descobriu da pior maneira que, na plataforma das decisões a serem tomadas ao longo da vida, o trem da sabedoria, invariavelmente, chega atrasado.



\* \* \*

A multifacetada Aduana Brasileira, de tantos tentáculos e movimentos bem-sucedidos, evitou, uma vez mais, que a saúde dos brasileiros fosse posta em risco. Afinal, não é irrazoável imaginar que aquele corpo pudesse estar de algum modo contaminado. A Anvisa e a Polícia Federal foram prontamente notificadas para que, na esfera de sua competência, adotassem as medidas necessárias.

Talvez jamais nos seja outorgado conhecer a identidade daquele corpo, mas há justiça em afirmar que, por obra e zelo de valorosos agentes aduaneiros, a ele foi dado o repouso definitivo dessa vida transitória. Em cova rasa, segue provisoriamente sepultado na cidade de Santos.

E, dessa forma, a Receita Federal do Brasil estendeu outra virtuosa peça no seu varal de boas ações e predicados.

---

*Nota do autor – O fato aqui narrado, embora episódico, carece de ineditismo. Há quase cem anos, mais precisamente em 1928, nesse mesmo cais santista, nossos antepassados aduaneiros ajudaram a desvendar aquele que se revelaria o mais emblemático feminicídio da história brasileira, rotulado como “O Crime da Mala”. Seu enredo também se desenvolve a partir de um corpo humano encontrado, fato narrado na segunda edição do *Histórias de Trabalho*.*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

# Segundo Lugar

## **Água**

Vandliny Paiva Martins Teixeira  
*Analista Tributária da RFB*

*Ingressou na RFB em 2024. Trabalha na Aduana da Delegacia da Receita Federal de Uruguaiana/RS.*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

## Água

Descobri o Concurso Histórias de Trabalho durante o curso de formação, na excelente aula sobre Memória Institucional. Na época, trabalhando há cinco anos na Biblioteca Nacional de Brasília e me preparando para assumir o cargo de Analista, fiquei maravilhada ao saber que também existia esse universo de livros, leituras e escrita na Receita Federal do Brasil (RFB). Durante o treinamento, eu decidi: vou participar do próximo Histórias de Trabalho!

Desde o início do ano, quando assumi o cargo e comecei a trabalhar, fiquei pensando sobre o que eu poderia escrever para participar. Acompanhei os *podcasts* do Histórias de Trabalho para me inspirar, li algumas histórias dos concursos anteriores e, enfim, coloquei a mão na massa. Minha ideia original era escrever sobre um *motorhome* de procedência alemã, todo pintado com tema de cachorro São Bernardo, que cruzou a fronteira no verão, no meu segundo mês de trabalho. O tal *motorhome* era pilotado por um senhor alemão, com mais de 70 anos, que viajava sozinho pelo mundo a bordo de sua casa móvel.

O rascunho já estava pronto e, possivelmente, até daria um depoimento interessante. Porém, dois meses depois, acontecimentos muito mais relevantes me levaram a mudar totalmente o rumo da “minha” história de trabalho.

Era final de abril de 2024. Fazia pouco mais de quatro meses que eu havia me mudado de Brasília e, chegando ao Rio Grande do Sul, na cidade de Quaraí, fronteira com o Uruguai. Após enfrentar um verão escaldante, com temperaturas chegando aos 40 graus, eu começava a me despedir do agradável outono e a me preparar para o meu primeiro inverno na região.



Repentinamente, começaram a surgir as notícias nos jornais: chuvas acima do previsto em todo o estado, cidades com pontos de alagamento, enchentes, níveis dos rios subindo. Após alguns dias de chuvas persistentes, alguém no trabalho disse com ar de surpresa: “Vão fechar as comportas do Guaíba”. Outra pessoa completou: “Tomara que elas aguentem”. Perguntei: “O que são as comportas do Guaíba?” Os colegas explicaram que era um sistema construído em 1970 para conter as águas do lago e evitar que as partes baixas da cidade de Porto Alegre fossem inundadas. Explicaram também que, em 1941, aconteceu uma enchente histórica na capital, quando o Guaíba atingiu 4,76 metros. Agora a história se repetia e, no dia 2 de maio, as comportas foram fechadas.

No final de fevereiro, eu tinha visitado Porto Alegre para participar do Seminário de Integração dos novos servidores, realizado no icônico prédio da Superintendência Regional da Receita Federal do Brasil na 10ª Região Fiscal, carinhosamente apelidado de “Chocolatão”. No caminho entre o hotel e a Superintendência, dentro do transporte por aplicativo, tinha visto o Muro da Mauá, com suas bonitas pinturas e o Mercado Público. No intervalo, fomos almoçar em uma marina e passamos pela Avenida Edvaldo Pereira, margeando o belíssimo Guaíba, de onde avistamos o imponente Estádio Beira-Rio. Era difícil acreditar que a água tinha alcançado todos esses lugares e ido além. Eu havia chegado à capital gaúcha pelo movimentado Aeroporto Salgado Filho, com seus mais de 180 voos diários, e não dava para imaginar a água invadindo o local e interrompendo todas as operações. Quando noticiaram que o aeroporto estava fechado e que permaneceria assim por tempo indeterminado, percebi a gravidade da situação.

Logo, começamos a compreender a dimensão da catástrofe que estava acontecendo: além das notícias veiculadas pela imprensa, chegavam histórias de conhecidos, amigos e parentes. Todo mundo conhecia alguém que tinha sido afetado de alguma forma. Até mesmo o Chocolatão havia sido atingido.





Assim como aconteceu com muitas pessoas, começou a crescer no meu peito um sentimento de angústia e impotência. As pequenas ajudas ao meu alcance eram poucas diante do que eu gostaria de fazer pelo povo gaúcho, que tão bem me acolheu.

Ainda em meio às chuvas e à incerteza, começaram as notícias sobre a escassez de produtos e alimentos, entre eles o arroz. Pensei comigo: “Aqui na fronteira passa muita importação de arroz, vindo do Uruguai, entrando no Brasil... É isso, agora o meu trabalho se tornou ainda mais importante”. E assim, a obrigação laboral virou satisfação. Cada caminhão carregado de arroz liberado para cruzar a fronteira ganhava para mim um novo significado, mais palpável: era o arroz que entrava para abastecer o supermercado, era o comerciante que recebia, era o motorista empregado, era o ICMS recolhido para o Estado. Era a vida que continuava, especialmente no seu aspecto econômico, primordial naquele momento de crise e futura reconstrução.

Tão rápida quanto as chuvas foi a ação da sociedade para prover socorro, assistência e doações. Pessoas, empresas e instituições públicas e privadas se mobilizaram de forma nunca vista a fim de amenizar o sofrimento, atendendo ao que era mais urgente e se preparando para auxiliar na reconstrução.

Nesse sentido, no dia 8 de maio, um empresário uruguaio nos procurou na nossa Inspetoria, informando que gostaria de doar 1.000 litros de água mineral para o Rio Grande do Sul. Ele explicou que era dono de uma empresa de água em Artigas (cidade uruguaia que faz fronteira com a cidade gaúcha de Quaraí) e que se solidarizava com os brasileiros diante da difícil situação.

Conversamos com o nosso Delegado sobre essa demanda e, já no dia seguinte, toda a nossa jurisdição estava em reunião virtual para que pudéssemos alinhar o plano de ação para viabilizar a importação daquela mercadoria e de outras ajudas que viriam. Rapidamente, um plano de



contingência foi desenvolvido e posto em prática para garantir uma célere e segura importação de bens de alívio e assistência humanitária.

Considerando toda a fronteira do Rio Grande do Sul, a nossa Inspetoria foi a primeira a receber uma doação com essa finalidade, e nosso trabalho serviu de estudo de caso para as importações que se seguiriam. Ainda no próprio dia da reunião (9 de maio), de maneira segura e ágil, respeitando todas as diretrizes da RFB e de outros órgãos de controle, a importação da água foi realizada: a mercadoria entrou no território brasileiro e foi encaminhada para a Defesa Civil do Estado, responsável pela destinação.

Foi impressionante vivenciar a agilidade e eficiência da resposta da Receita Federal, cumprindo seu papel institucional, que, em momentos de crise e catástrofe, garante a importação célere dos bens de socorro necessários, bem como a aplicação precisa de isenções fiscais para as ajudas humanitárias, ao mesmo tempo em que mantém o suporte necessário ao comércio legítimo, protegendo as nossas fronteiras da entrada de bens perigosos ou ilegais.

Dias depois, em 17 de maio, tivemos outra doação vinda do Uruguai: desta vez, dois caminhões carregados com mais de 14 mil litros de água mineral. Na primeira importação, meu colega analista, muito mais experiente, com seus dez anos de casa, conduziu o processo e eu observava para aprender. Nesta segunda vez, ele teve a generosidade de deixar que eu conduzisse, oferecendo sempre o suporte para as minhas dúvidas. No final daquele dia, eu e outro colega fizemos questão de acompanhar a entrega dos litros de água para o Exército, autorizado a receber em nome da Defesa Civil. Foi uma alegria indescritível escotar os caminhões com a viatura da Receita. Uma sensação de dever cumprido e o prazer de encontrar um significado ainda maior no trabalho realizado.

Passados os meses, a tragédia continua viva na lembrança de todos, mas já observamos sinais de reconstrução por todo o estado. O aeroporto, por exemplo, retomou suas atividades em outubro de 2024, depois de



quase seis meses fechado. Ainda há muito a ser feito, mas eu respeito e admiro a forma com que os gaúchos estão superando essa fase tão difícil: com muito trabalho duro e sem jamais perder as esperanças. Agora, conhecendo de perto a força e resiliência desse povo, compreendo plenamente o sentido do que eles querem dizer no trecho do hino do Rio Grande do Sul:

*“De modelo a toda Terra*

*Sirvam nossas façanhas*

*De modelo a toda Terra”.*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

# Terceiro Lugar

***Eu sou todos vocês - quem sou eu?***

Anaximandro Orleans Pereira Calle de Paula

*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou na RFB em 1991. Trabalhou na Delegacia da Receita Federal de Caruaru/PE; Inspetoria da Receita Federal no Aeroporto do Recife/PE; Inspetoria da Receita Federal no Porto do Recife/PE; Superintendência da 8ª Região Fiscal e Delegacia de Administração Tributária -SP. Está lotado no Gabinete da Alfândega do Recife/PE.*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

### ***Eu sou todos vocês - quem sou eu?***

A minha história na Receita Federal começa em 24 de junho de 2013, muito embora eu tenha uma forte sensação de que, de alguma maneira, estou por aqui há muito mais tempo... Tenho um sentimento incomum de presença nos diversos espaços da repartição, físicos e virtuais, Brasil afora, antes mesmo de fazer parte, oficialmente, da instituição. A minha experiência na Receita Federal, portanto, é “de ingresso” e impregnada de uma certa “onipresença”.

É como se eu estivesse em alguma área especial nas mentes e nos corações de todos os colegas agentes públicos da Receita Federal. É um pouco como se eu fosse um *link* na área de trabalho de todos eles... Assim, considero-me portador de um especial privilégio nestes espaços. Não tenho previsão de término da minha passagem pela instituição, embora vislumbre uma evolução - lenta, por natureza - nesse sentido, o que a Filosofia considera positivo.

As minhas experiências e histórias de trabalho têm sido muito intensas, contraditórias, difíceis, embora muito felizes, emocionantes e ricas em aprendizado. Há colegas com os quais convivo diariamente na execução dos meus processos de trabalho, conversando, discutindo, aprendendo. Estes amigos têm a prerrogativa da dedicação exclusiva à nossa convivência. Há outros, cujos relacionamentos são esporádicos, porém com a mesma intenção de crescimento mútuo. E, ainda, há aqueles que somente passam pela minha vida por necessidade, motivados positiva ou negativamente.

Tive e tenho o privilégio de observar agentes públicos da nossa RFB, ações e fatos que me preenchem de satisfação e orgulho. Destaco alguns. Observei um grupo de colegas, especialmente inspirados, pensar, debater



e institucionalizar a dignidade da pessoa humana como imperativo para o cumprimento da nossa missão institucional. Conheço vários que praticam a máxima de que os fatos e atos da sua conduta diária na vida privada poderão acrescentar ou diminuir o seu bom conceito na vida profissional. Testemunhei servidores agindo com retidão, muitas vezes de modo espontâneo; em outras, mediante reflexão e esforço, muito antes da existência de regras oficiais de conduta. Vi aduaneiro ignorando a alegação de um passageiro, prestes a ter sua bagagem revistada, de que "era amigo de pescaria do inspetor", e concluir a verificação física e a devida tributação. Presenciei funcionário público recusar, em repetidas ocasiões, a oferta de bebida, como suposto brinde, a bordo de embarcação procedente do exterior, porque arranhava a imagem da Receita Federal. Constatei outros servidores aduaneiros suportando poderosas pressões hierárquicas, para relativizar procedimentos, dando exemplo de profissionalismo. Acompanhei pessoal do atendimento aos contribuintes exigindo o respeito à ordem de chegada diante de um colega fura-fila. Verifiquei agente público cometer infração ética e, posteriormente, refletir e evoluir na sua integridade pessoal e profissional.

Vejo a consolidação da Rede de Valorização e Qualidade de Vida no Trabalho da RFB (QVT) e do Espaço da Fala, que disponibiliza os serviços de acolhimento psicossocial individual. Observo também a criação e o fortalecimento da Comissão da Mulher, da Equidade, da Diversidade e da Inclusão. Acompanho a criação do Canal Fala Mulher, da Receita Federal, um espaço para denúncias de assédio sexual. Percebo um crescente protagonismo da nossa Comissão de Ética, da Ouvidoria, da Corregedoria e do Programa de Integridade como fontes pedagógicas de excelência. Assisti ao lançamento da Cartilha de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Moral, Sexual e Discriminação. E muito mais...

Quantas ações efetivas de esperança de um mundo melhor, por que não dizer! O meu maior sonho é deixar de ser imprescindível. O meu objetivo é me aposentar, porque, neste dia, já não serei mais





indispensável. Enquanto esse momento não chegar, sempre com muita humildade, estarei à disposição de todas e de todos.

Afinal, eu sou todos vocês...

Quem sou eu? Eu sou o Código de Conduta da Receita Federal.

Esta é a minha homenagem a todas e todos que sonharam, pensaram, refletiram, debateram, escreveram, construíram, divulgaram, aperfeiçoaram e praticaram a minha existência, os meus valores e princípios, e ainda o fazem, na passagem dos 11 anos da minha chegada oficial à Receita Federal do Brasil.



— |

| —

— |

| —

# Menção Honrosa



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

## ***“O certo é certo”: o dia em que o crime aplaudiu a Receita Federal***

Alex Santos de Paiva

*Auditor-Fiscal da RFB*

*Ingressou na Receita Federal em 2011, na Alfândega em Ponta Porã/MS, onde ainda exerce suas atribuições. Participou de atividades de vigilância e repressão ao contrabando, destruição de mercadorias entre outras. Atualmente, trabalha na Equipe de Lavratura de Autos de Perdimento da 1ª Região Fiscal.*

O início das atividades em qualquer cargo público é sempre marcado por desafios e emoções, mas é muito razoável admitir que, na Receita Federal do Brasil, esses sentimentos são exponencialmente superiores à maioria dos outros cargos públicos, sobretudo se a primeira experiência profissional ocorrer em uma unidade aduaneira situada em região de fronteira.

Na fronteira, o servidor recém-nomeado chega ansioso por saber a área de atuação, entre tantas existentes, mas o que ele não imagina é que, no fim das contas, ele trabalhará em todas elas, ainda que de maneira indireta, durante todo o período em que ali permanecer lotado.

Assim, desde o primeiro dia de exercício no cargo, o trabalho fronteiriço é repleto de surpresas e situações inesperadas, que quase sempre inauguram sentimentos até então desconhecidos pelo servidor. Sentimentos que se misturam e se alternam entre insegurança, superação, uma certa dose de medo, o sabor da conquista e muita vontade de aprender e fazer o melhor em cada nova missão que surge pelo caminho.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Comigo não foi diferente, e vou relatar alguns dos motivos. Após a esperada publicação no Diário Oficial da União e uma vez vencidas as fases de “nomeação, posse e exercício”, eu e outros nove colegas novatos nos apresentamos em uma unidade de fronteira terrestre situada no centro-oeste brasileiro. Combinamos de chegarmos todos no mesmo horário, logo no início do expediente, o que foi cumprido conforme planejado.

Logo que chegamos, fomos encaminhados à Inspetora-chefe, que nos acolheu de maneira bastante carinhosa e demonstrou uma imensa alegria por receber um elevado número de colegas, após um desafiador período de efetivo reduzido, o que, por vezes, comprometia o desenvolvimento de diversas atividades importantes no âmbito daquela unidade.

Era nítido o sentimento de alívio que ela demonstrava, por ter a certeza de que muita coisa poderia, finalmente, ser implementada com a preciosa ajuda daquele pelotão que ali chegava, composto de pessoas com origens diferentes, vindas de regiões diversas, com sotaques e experiências de vida variados, além das histórias de superação e conquista bastante específicas, mas com algo em comum, a imensa vontade de trabalhar e sempre contribuir ao máximo em favor da Receita Federal do Brasil.

Após uma longa reunião que durou boa parte da manhã, foi realizada a distribuição dos colegas entre os setores (nós ainda não imaginávamos que a multiplicidade de demandas nos obrigaria a cumprir um pouco das atividades de cada seção). No início do expediente da tarde, já começamos a aprender o trabalho com os escassos colegas que ainda aguardavam o desligamento para seguirem para as unidades de destino, em razão do concurso de remoção.

Para mim, tudo era absolutamente novo: cadastramentos e habilitações via e-Fau (Formulário Eletrônico de Solicitações de Acesso de Usuário), certificado digital, criação de perfis diversos em sistemas



variados. Além disso, muitos sorrisos de boas-vindas por parte dos colegas mais antigos, que sempre nos brindavam com histórias vividas no trabalho e nos davam informações muito importantes sobre a cidade e a região de fronteira.

Assim, aos poucos, fomos nos sentindo familiarizados naquele ambiente, do qual já nos sentíamos parte. Nesse ritmo de normalidade, passaram-se os primeiros meses. Às vezes, essa normalidade era interrompida por demandas urgentíssimas de outros setores, que eram desenroladas com mútua colaboração.

O setor de bagagem acompanhada era diferente dos demais, pois havia uma escala de atendimento que era cumprida diariamente - inclusive nos finais de semana e feriados - com infinitos atendimentos a viajantes (na época em que a antiga DBA - Declaração de Bagagem Acompanhada - ainda deveria ser preenchida em papel e apresentada, obrigatoriamente, por todos os viajantes que retornavam do exterior).

Os plantões na bagagem nos finais de semana e feriados eram um verdadeiro caos: milhares de viajantes atendidos, DBAs carimbadas e liberadas, outras tributadas, algumas retenções com emissão manual de DARF (Documento de Arrecadação de Receitas Federais). Além disso, a verificação física e controle de veículos de carga que compareciam para o famoso “*en lastre*” (conferência física para constatar que o veículo havia retornado do exterior com o compartimento de cargas vazio e vice-versa).

Ao final de cada plantão no setor de bagagem, o cansaço era absurdo, mas, por outro lado, pouquíssimas vezes a sensação do dever cumprido falava tão alto no fundo da alma. Era muito satisfatório perceber que os viajantes nos enxergavam como a própria Receita Federal, o que aumentava, de modo natural e instintivo, a nossa responsabilidade em cada ato praticado e até mesmo em cada palavra pronunciada durante cada plantão. Era inquestionável o fato de que trabalhar na instituição exigia um alto nível de seriedade e correção nas informações prestadas.



Por vezes, eu me perguntava se aquilo era real. Parecia que não, mas bastava olhar para o colega ao lado para ter a certeza de que sim, era tudo verdade e estávamos oferecendo o que havia de melhor em nós, de tal sorte que aquela dedicação extrema permeava todos os setores da Inspetoria. Era um sentimento incrível e que me trazia uma sensação de plena satisfação profissional. Para ser bem sincero, às vezes eu tinha a ideia de que formávamos uma espécie de robô cheio de partes e engrenagens perfeitamente encaixadas, que juntas faziam tudo funcionar de maneira simultânea, num ritmo marcado por alegria, força de vontade e determinação profissional.

Pouco tempo depois, comecei a analisar processos de perdimento de mercadorias e veículos cujas retenções ocorriam em zona secundária. De imediato, apaixonei-me pela atividade, em razão da diversidade de situações e circunstâncias em que as retenções ocorriam. Ler a descrição das ocorrências nos boletins policiais era como assistir a vários filmes que se desenrolavam a cada linha que descrevia os detalhes das abordagens, as narrativas dos fatos e os motivos pelos quais os agentes públicos decidiram efetuar cada uma das retenções.

As mercadorias e veículos eram retidos por diversos órgãos, tais como Polícia Rodoviária Federal, Polícia Federal, Polícia Militar, Exército Brasileiro, Força Nacional de Segurança Pública e, também, pela própria Receita Federal do Brasil. Cada um deles possuía um formulário específico para as retenções e, é claro, uma emoção diferente a cada novo fato narrado. A responsabilidade aumentava quando, entre os documentos juntados no processo, havia alguma manifestação do viajante que tivera sua mercadoria ou veículo retido, pois aquela era a oportunidade de apresentar documentos e trazer alegações que confrontavam a versão dos agentes públicos que efetuaram a retenção.

É certo que a maioria dos casos não ensejava a devolução dos itens retidos, mas quando o viajante comprovava, por meio de documentação idônea, que a retenção era indevida, a sensação de cumprir a lei e devolver





os bens ao interessado também trazia um sentimento muito positivo. Naquele instante, eu sentia, de verdade, o que era aplicar a lei, tanto em favor do Poder Público quanto em favor do contribuinte.

Logo vieram as primeiras oportunidades de avançar no desempenho das funções, por meio da participação efetiva em pequenas operações de fiscalização em estradas e rodovias próximas à região de fronteira. Nessas operações menores (que tinham curta duração, muitas vezes apenas durante a jornada de trabalho, com deslocamentos de ida e volta no mesmo dia), éramos sempre acompanhados por colegas mais experientes que trabalhavam exclusivamente na atividade de repressão ao descaminho e contrabando.

O aprendizado era uma constante e, no intervalo entre as abordagens, esses colegas sempre contavam histórias marcantes por eles vividas e falavam da motivação de participarem em operações de grande vulto, que aconteciam em determinados intervalos e que reuniam colegas de várias Regiões Fiscais. Obviamente, a vontade de participar de uma grande operação aumentava a cada novo relato e a cada nova história que eu ouvia. Aquilo era muito cativante.

Pois bem, passaram-se vários meses, lembro-me de que já estávamos quase no fim do ano, quando fomos informados de que, em fevereiro do ano seguinte, seria realizada a Operação Escudo, que teria a duração de algumas semanas e seria deflagrada na região onde eu trabalhava. Muito empolgado, acho que fui um dos primeiros a registrar o nome como voluntário na lista que foi disponibilizada a todas as unidades que geralmente participavam.

Naquele momento, eu enxergava essa participação como uma forma de colocar em prática todo o aprendizado até então acumulado no desempenho das atribuições. Seria a grande chance de aprimorar tudo que eu havia aprendido nas operações menores e agregar uma maior experiência prática no meu currículo. Com a devida autorização do chefe



imediatamente e do titular da unidade, meu pedido foi deferido e eu tive a certeza de que participaria, enfim, de uma grande operação na Receita Federal.

Alguns dias se passaram e os preparativos e as medidas administrativas estavam prontamente cumpridos. Legislação na ponta da língua, uma lista de casos mais atípicos (que eu havia analisado nos processos), devidamente anotados. Resuminhos e esqueminhas de quantidades e limites de valor por modal de ingresso no país, principais excertos da Constituição Federal, Regulamento Aduaneiro e as principais Instruções Normativas, tudo registrado numa pequena caderneta.

Após a preparação, enfim chegou o grande dia... A partida seria ainda de madrugada para uma cidade próxima, onde seria a base da Operação Escudo. Várias viaturas em comboio, muito frio na estrada e na barriga, duas horas de viagem e já chegamos ao local de concentração pouco depois do amanhecer. Quão grande foi a minha surpresa ao conhecer colegas de outras Regiões Fiscais, que haviam viajado milhares de quilômetros para participarem daquela missão. Ali eu tive consciência da grandiosidade daquele momento, além da seriedade do nosso trabalho e da responsabilidade que recaía sobre cada um dos participantes.

Desembarcamos as bagagens pessoais e os equipamentos, cada um ocupando seu aposento no local escolhido como base. Por volta das 10 horas, fomos convocados para uma reunião com o coordenador da operação (um colega com admirável experiência na atividade), momento em que foi divulgada a lista de distribuição do pessoal nas equipes, bem como as suas respectivas áreas de atuação. Além disso, foram repassadas diretrizes importantes sobre as ações de repressão que seriam realizadas nos próximos dias, orientações relacionadas a técnicas de abordagem e instruções voltadas para a segurança das equipes em todos os momentos, inclusive nos horários de descanso. Também recebemos informações importantes sobre outros detalhes relevantes que deveriam ser cumpridos por todos, inclusive a respeito da DBA, que recentemente deixara de ser



obrigatória para os viajantes que estivessem dentro dos limites da cota de isenção. Até aquele ponto, eu não imaginava, mas as operações eram sempre precedidas de um planejamento minucioso que poderia conter, inclusive, o tipo de mercadoria que deveria ser priorizado em determinado período, durante as vistorias.

Em determinado momento da reunião, o coordenador pediu voluntários para atuarem durante o dia e durante as madrugadas, para abordagem em ônibus de viajantes, e foi antecipada a informação de que essa equipe teria intervalos de descanso inferiores às demais equipes. Pensei: “é a oportunidade que eu busco” e levantei meu braço, prontificando-me a integrar essa equipe de dupla atuação, afinal um dos meus objetivos era vivenciar o maior número possível de situações durante aqueles dias de intensas atividades. Diversos outros colegas também se apresentaram, de modo que o coordenador ficou bastante surpreso, mas como eu havia sido um dos primeiros a me manifestar, tive minha vaga garantida.

A reunião prosseguiu e, em determinado momento, fomos informados de que, na primeira semana, o alvo das equipes seria o que se chama de “veículo contêiner”. Confesso que achei engraçado imaginar um contêiner com rodas de automóvel vindo pela rodovia e sendo abordado por mim, mas logo me contive, pois aquele pensamento criativo - típico de um novato - já deveria ser imediatamente afastado, afinal estávamos todos em um contexto de grande seriedade na operação.

Então retomei a consciência e prossegui com as minhas anotações, com a atenção que a situação exigia e ciente de que eu deveria utilizar aquela expressão com naturalidade, tanto quanto os colegas mais antigos o faziam. Logicamente, a expressão “veículo contêiner” estava relacionada aos automóveis que traziam grande quantidade de mercadorias no seu interior, ocupando todos os compartimentos (porta-malas, banco traseiro e banco dianteiro).



Ao final da reunião prévia, algumas recomendações importantes foram reforçadas, as quais me marcaram bastante:

- “Abordagens devem sempre ser realizadas, no mínimo, em dupla”;
- “O fato de o viajante trazer mercadorias típicas de comércio (perfumes, brinquedos, eletrônicos e celulares) não significa que ele realmente está levando as mercadorias com finalidade comercial, por isso façam sempre uma contagem de cada item”;
- “Não se deixem iludir pelo efeito multiplicador do olhar”;
- “Antes de decidir por efetuar a retenção, formem sua convicção com base em uma análise da quantidade, valor e tipo da mercadoria transportada pelo viajante”.

Essa última parecia simples, porém resumia, em poucas palavras, algumas dezenas de artigos e excertos legais e normativos, mas parecia muito simples devido à vasta experiência daquela tropa altamente especializada da qual eu honrosamente fazia parte.

Naquele mesmo dia, já no período da tarde, as equipes se dividiram, sempre acompanhadas e lideradas por colegas mais experientes e com porte de arma. A operação estava sendo bem-sucedida, com as equipes realizando as suas tarefas conforme o planejado. No meu caso, as atividades ocorriam durante o dia e parte da noite. O descanso era mínimo; o sentimento de realização, infinito. Na minha equipe, havia um colega que fazia dupla comigo nas abordagens, e nosso entrosamento era completo.

Pois bem, ao final da primeira semana, numa sexta-feira à tarde, fomos orientados a realizar um posto de abordagem próximo a uma Subestação da Eletrobrás, região onde o sinal telefônico ainda era precário, fator que favorecia a nossa atuação, pois dificultava a comunicação entre os veículos que atuavam como batedores e outros veículos que vinham à retaguarda, com cargas ilícitas.



Estacionamos a viatura sob a sombra de uma grande árvore que ficava ao lado direito da rodovia, numa posição que permitia um embarque rápido para eventual perseguição, como de praxe. Iniciamos a seleção dos veículos a serem abordados e, num curto espaço de tempo (aproximadamente uma hora), efetuamos a retenção de seis veículos, que estavam completamente carregados com mercadorias e cujo volume de importados apresentava características inquestionáveis de destinação comercial, situação plenamente enquadrável no crime em tese de descaminho.

Esses veículos se encaixavam no conceito de “veículo contêiner” e foram sendo estacionados numa outra sombra que ficava em um morro ao lado da rodovia, bem próximo à Subestação da Eletrobrás, para que realizássemos o preenchimento dos Termos de Lacração de veículo e para que as informações pertinentes fossem repassadas aos condutores e demais ocupantes.

Daquele ponto mais alto (perto dos veículos retidos), enquanto preenchia os Termos manualmente, eu consegui ver meu colega abordando mais um veículo, determinando ao condutor que o estacionasse no acostamento da rodovia, para uma melhor conferência. O veículo era um modelo popular e pequeno, ocupado por um casal e um bebê de colo. Quando o colega abriu o porta-malas, consegui ver que estava cheio de sacolas que ocupavam todo o espaço e, pela movimentação e gestos do colega, interpretei que aquele automóvel também seria retido. Todavia, algo me chamou a atenção, pois aquele veículo não possuía mercadorias carregadas nos bancos traseiros, somente no porta-malas, cujo espaço era bastante pequeno, característica do modelo.

Estando eu com as chaves dos veículos anteriormente retidos (e os havia deixado trancados até o preenchimento da documentação), resolvi me aproximar e verificar se o colega precisava de algum auxílio imediato, momento em que percebi que os viajantes que estavam próximos aos



veículos retidos nos observavam atentamente (creio que, ao todo, dentre motoristas e passageiros, eram uns 10 ou 12 viajantes). Ao me aproximar do carro, o colega disse com convicção: “está abarrotado!”.

Perguntei ao motorista sobre o tipo de mercadorias e qual a destinação, tendo como resposta a informação de que eram brinquedos, vestuário e algumas roupinhas para o bebê, além de travesseiros novos e alguns cobertores, que ocupavam todo o espaço do porta-malas do veículo. As mercadorias seriam para uso pessoal dos viajantes e algumas peças para presentear. De forma simultânea, meu colega fez as mesmas perguntas à mulher que o acompanhava, em separado, tendo respostas idênticas aos questionamentos por mim realizados. Fizemos uma rápida conferência física nas sacolas e aparentemente as mercadorias coincidiam com as informações prestadas pelo casal.

Naquele instante, lembrei-me da frase que ouvimos no início da operação, ainda na reunião preliminar: “Não se deixem iludir pelo efeito multiplicador do olhar”. Sugeri ao colega que efetuássemos uma conferência minuciosa, verificando as faturas de compra que foram apresentadas pelos viajantes, sugestão que foi prontamente aceita por ele. Como eram três viajantes, seriam três cotas de isenção, sendo parte dos bens destinada ao uso do bebê.

Após alguns minutos, verificamos que, apesar de estar com o porta-malas cheio, aquele não seria o caso de retenção, pois as mercadorias estavam dentro dos limites quantitativo e de valor, não havendo desobediência às regras de bagagem para o modal terrestre. Além disso, não localizamos mercadorias em compartimentos ocultos no interior daquele veículo, tampouco itens de importação proibida.

Foi então que o colega disse ao casal que, após conferência minuciosa, houve mudança de entendimento em razão de não haver irregularidade e que eles poderiam prosseguir a viagem normalmente, o que foi realizado logo em seguida por eles. Todavia, a surpresa maior



ocorreu após o veículo tomar a rodovia para seguir viagem, pois, enquanto caminhávamos de volta ao local em que os outros veículos haviam permanecido, fomos subitamente surpreendidos por aplausos em alto tom.

De início, ficamos perdidos e sem entender aquela situação, mas logo percebemos que o som das palmas vinha de onde os veículos estavam estacionados. Durante o desenrolar da situação com o carro daquela família, os outros viajantes observavam, à distância e de maneira bastante atenta, o desfecho da abordagem.

O colega e eu ficamos estáticos, tamanha a surpresa ao ver aqueles viajantes literalmente batendo palmas para nós, já que, mesmo sabendo que os bens por eles trazidos estavam sujeitos à retenção e provavelmente receberiam a pena de perdimento, tiveram a percepção de reconhecer a atitude de liberarmos o veículo que estava em estrita obediência às regras.

Ao nos aproximarmos deles, ainda desconcertados e nitidamente sem jeito, ouvimos palavras de reconhecimento vindas de várias daquelas pessoas, tais como “nós estamos errados, assumimos o risco e sabemos que esse é o trabalho de vocês”, “já imaginávamos que aqueles viajantes estavam dentro da cota”, “vocês estão de parabéns por terem conferido e voltado atrás” e “o certo é certo!”

Logo fizemos contato via rádio solicitando reforço para o deslocamento dos veículos e das mercadorias retidas até o ponto de concentração na operação, bem como liberamos os viajantes com os respectivos Termos que formalizaram a retenção, sendo prestadas as informações pertinentes, como data/local de deslacrção e outros elementos que assegurassem o pleno exercício do contraditório e da ampla defesa.

A operação prosseguiu por vários outros dias, oportunidade em que pude colecionar diversas outras preciosas experiências e aprender ainda mais com os colegas. Já se passaram muitos anos desde que esse fato



aconteceu, muitos processos de trabalho foram aperfeiçoados e atualmente a tecnologia é utilizada de maneira muito mais acentuada que naquela época. Sistemas foram criados e aprimorados, as ações são planejadas mediante o uso de inteligência fiscal e tenho certeza de que a eficiência atingiu níveis impressionantes em relação às atividades aduaneiras e à atuação dos servidores da Receita Federal do Brasil.

Todavia, a tarde daquela sexta-feira marcou bastante minha vida profissional, pois naquele dia, praticamente ainda no início da carreira, eu tive a certeza de que havia escolhido o órgão certo para o trabalho, onde a seriedade, a ética, a integridade de caráter e o profissionalismo foram reconhecidos até mesmo por pessoas que traziam bens de maneira ilegal e sem a devida regularização, e que ainda aplaudiram a atitude de dois servidores por terem agido conforme o dito popular: “o certo é certo”.





# Prosas Classificadas



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

## ***A bolsa vai ao check-in antes da dona***

Maria Marlise Welter

*Analista Tributária da RFB*

*Ingressou na RFB em 1991, no cargo de Técnica do Tesouro Nacional. Por mais de duas décadas, trabalhou na Alfândega e no Aeroporto Internacional em Foz do Iguaçu/PR. Aposentou-se em 2013, revertendo a aposentadoria em 2019, quando retornou para a mesma Alfândega.*

Entrou na área do *check-in* um pequeno grupo: o guia de turismo com um casal e um senhor. Este último passou sua bagagem e seguiu para fazer o *check-in*, enquanto as malas do casal passaram pela esteira do raio-X.

Selecionei uma das malas para ser aberta sobre o balcão para verificação física. Percebi uma movimentação de bagagem entre os três, mas, como estava com os olhos no monitor, minha visão periférica não foi precisa; na verdade, foi mais intuitiva.

A primeira impressão que tive foi que tentariam colocar no balcão uma mala diferente da selecionada. Porém, a bagagem colocada para vistoria era, de fato, a selecionada. Nela havia vários eletrônicos de pequeno porte e valor, e ela foi liberada.

Olhei para a mulher e percebi que estava sem bolsa. Estranhei: toda mulher carrega uma bolsa, quase sempre. Uma mulher sem bolsa não é uma mulher completa. Minha pergunta saiu instintivamente:

- Cadê a sua bolsa?



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

- Minha bolsa? - ela disse lentamente, provavelmente providenciando uma justificativa plausível para a ausência. Depois de alguns longos segundos, ela justificou:

- Ah, minha bolsa! Meu cunhado levou para fazer o nosso *check-in*.

O cunhado era o senhor que os acompanhava. A justificativa parecia boa, mas por que dar a bolsa, se os documentos bastavam? Qualquer mulher tiraria os documentos e os daria a outra pessoa a fim de antecipar o *check-in*, mas, provavelmente, nenhuma mulher daria a bolsa para um homem - o cunhado, no caso em questão. Às vezes, e só às vezes, por alguma razão muito especial ou por necessidade, o marido tem acesso à bolsa da mulher.

Enquanto eu pensava na justificativa para a falta da bolsa, quase convicta de que ela deveria voltar para ser vistoriada, percebi que o marido estava com a carteira no bolso. Se o objetivo era antecipar o *check-in*, por que o marido não entregou também a sua carteira ou documentos? Convicção formada: a bolsa deveria ser vistoriada.

- Por favor, diga ao seu cunhado para retornar com a bagagem - pedi à passageira.

- Mas, por quê, se a bagagem dele já foi liberada? - ela questionou.

Concluí que o melhor a fazer era eu mesma chamar o cunhado. Encontrei-o na fila para o *check-in* e pedi que retornasse. Enfim, a bolsa, que na verdade era quase uma mala de viagem.

- Não sei por que a senhora pediu minha bolsa - disse ela. - Nela só tem meu computador de uso pessoal - arrematou, impaciente.

- Vamos vê-lo, então - respondi.

Tratava-se de um notebook novo, caríssimo, com etiquetas do Paraguai.



- A senhora pagou o tributo sobre este equipamento? - perguntei.

- Este computador comprei há um ano, mais ou menos.

Em uma das etiquetas constava o mês e o ano da venda. O equipamento em questão havia sido vendido no mês corrente.

- Onde a senhora o comprou? - insisti.

- Não me lembro direito onde o comprei. Acho que foi nos EUA.

Não havia dúvida de que a pessoa lembraria e saberia onde comprara um equipamento daqueles.

- A senhora tem a regularização?

- Posso lhe garantir que não comprei no Paraguai, nem na Argentina. E aqui nem deve ter desse modelo - argumentou.

- Se a senhora não tiver pagado o tributo sobre o excedente da cota de isenção, o seu computador será apreendido - informei.

Iniciei o termo de apreensão, sob os protestos da passageira.

- Acho um abuso e um absurdo apreender uma mercadoria que já estava na fila do *check-in*, ainda disse ela, inconformada.

Abuso, pensei comigo, era despachar a bagagem para a fila do *check-in* sem ter sido vistoriada, e absurdo era achar que uma mulher não perceberia a ausência da bolsa de outra.



## ***A terceira margem do meu rio***<sup>1</sup>

João Bosco Silveira da Silva

*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou na Receita Federal em 1984. Desempenhou atividades na Logística, na Gestão de Pessoas, na Aduana, na Tecnologia e na Gestão do Crédito, nos níveis local, regional e central. Atualmente, exerce a gestão das atividades relativas à capacitação e ao desenvolvimento de pessoas no âmbito da 2ª Região Fiscal.*

Nos dois primeiros anos do meu ingresso na Secretaria da Receita Federal, meados dos anos 1980, tive um aprendizado de considerável amplitude: da gestão corporativa do patrimônio para um mundo de descobertas na fronteira do extremo norte do país, propiciando a vivência de muitas experiências. Antes de completar o intervalo de tempo que o planeta Terra leva para dar uma volta em torno do astro-rei, fui da Gestão Administrativa para a Aduaneira em unidades distantes aproximadamente 700 quilômetros em linha reta: da DRF/Belém-PA para a IRF/Oiapoque-AP, cruzando as baías do Guajará e do Marajó, o maior arquipélago flúvio-marítimo do planeta e a costa atlântica do Amapá (na época, Território Federal do Amapá sob a administração da União). A propósito, a jurisdição da 2ª Região Fiscal de então era composta por três Estados (Acre, Amazonas e Pará) e três Territórios Federais (Amapá, Rondônia e Roraima).

Tudo começou em uma manhã do mês de junho de 1984, quando, na esquina da rua onde eu morava, estacionou uma antiga picape na cor branca e com duas destacadas letras maiúsculas “MF” nas portas. Desceu um jovem em mangas de camisa e gravata, envelope pequeno na mão,



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

dirigiu-se até minha casa e entregou um memorando a mim endereçado para comparecer ao 5º andar do edifício-sede do Ministério da Fazenda, sala de reuniões da Delegacia da Receita Federal em Belém. O jovem, desde aquele dia, tornou-se o meu “sumano”<sup>2</sup> Marcelo Figueiredo e foi a primeira pessoa da instituição com quem tive contato; ele orgulhava-se de ter as iniciais do nome coincidindo com as do órgão em que trabalhava.

Acompanhado de outros colegas, assumimos o cargo de Agente Administrativo no dia 2 de julho de 1984, alocados nas diversas áreas de atuação da DRF/Belém, desde as Seções de Registro, Controle e Cobrança de Créditos Tributários e de Acompanhamento e Análise da Arrecadação ao Serviço de Atividades Especiais. Iniciava carreira no setor público depois de haver trabalhado um ano e meio em uma empresa privada de construção civil, registro da minha primeira experiência profissional de carteira assinada.

Na Seção de Apoio Administrativo (Secad), meu primeiro exercício, tivemos a missão inicial de identificar e catalogar os materiais permanentes ainda existentes e guardados sob o estacionamento do edifício-sede do MF. Estes foram resgatados de um infindável espólio do incêndio ocorrido seis anos antes no Convento dos Mercedários, edificação do século XVII que é integrado ao Conjunto Arquitetônico dos Mercedários e abrigou por muitos anos a Alfândega do Porto de Belém. Passávamos horas resgatando o patrimônio possível de aproveitamento: equipamentos das mais variadas marcas utilizados no dia a dia da Receita Federal para confirmar os valores de lançamentos e de acréscimos legais e dar o formato oficial às comunicações e aos atos da Administração Tributária.

Era o mundo primitivo da evolução tecnológica para a atual transformação digital *Tax Administration 3.0*<sup>3</sup>, de então processos sequenciais para a integração dos processos fiscais nos sistemas da vida cotidiana e dos negócios dos contribuintes.



O controle patrimonial levou-me a uma experiência inusitada na ARF/Marabá (atualmente sede de DRF): conferência física de bens no garimpo de Serra Pelada, no auge do estímulo à atividade garimpeira com o objetivo de ocupar a Amazônia. Em conjunto com outros órgãos, a Receita Federal participava de ações relacionadas à extração, circulação e exportação de substâncias minerais sujeitas ao Imposto Único sobre Minerais, cobrado pela União naqueles idos dos anos 1980, vigência da Constituição de 1967. Realizar a tarefa em meio ao formigueiro humano do maior garimpo a céu aberto do mundo foi desafiador; o curto espaço de tempo levou o trabalho para um terceiro turno à noite, momento de muita agitação e barulho, em especial de uma gigantesca tela de cinema ao ar livre.

O novo mundo de leis, decretos e portarias a mim se apresentava com dois marcantes atos, apontando um caminho a seguir: a inclusão da categoria funcional de Técnico de Atividades Tributárias, de nível médio, em junho de 1982,<sup>4</sup> no Grupo-Tributação, Arrecadação e Fiscalização, e a criação da Carreira Auditoria do Tesouro Nacional, composta pelos cargos de Auditor-Fiscal do Tesouro Nacional (AFTN) e de Técnico do Tesouro Nacional (TTN), no início de 1985.<sup>5</sup> Eu, então acadêmico da Universidade Federal do Pará, resolvi dedicar-me ao concurso público que seria aberto ainda em 1984, ofertando vagas de Técnico de Atividades Tributárias (TAT, logo depois transposto para TTN). Longo caminho: edital do concurso em 1984, prova e curso de formação em 1985 e nomeação como TTN apenas em fevereiro de 1986.

Enquanto isso, menos de um ano na Secad, em um ímpeto juvenil eu aceitei o desafio do Delegado da Receita Federal em Macapá e assumi a chefia da Inspetoria do Oiapoque, na fronteira com a Guiana Francesa, Departamento Ultramarino da França na América do Sul.

Antes de exercer as funções na fronteira, fiquei um mês na DRF/Macapá aprendendo como realizar os processos de trabalho das áreas até então desconhecidas para um servidor recém-ingresso. Foram





dias de estágio supervisionado nos Serviços de Tributação, Fiscalização e Informações Econômico-Fiscais, além da Seção de Atividades Especiais. Apreendi novas rotinas, como o registro de contribuintes em atraso no pagamento de tributos ou beneficiados com o regime de parcelamento, o acompanhamento de mercadorias estrangeiras e embarcações, o controle quantitativo e qualitativo dos erros verificados no preenchimento dos documentos destinados ao processamento eletrônico (incontáveis listagens impressas!) e até a instrução de processos de autorização de promoções que visavam à distribuição de prêmios e à captação antecipada de poupança.

No início das minhas atividades na IRF/Oiapoque, foi marcante uma característica: o chamado comércio formiga, resultado da aquisição de bens por residentes entre as cidades adjacentes à fronteira isentos de tributos incidentes na importação e exportação, tanto no Brasil quanto na Guiana Francesa. Nosso trabalho era desafiador por conta da aplicação no cotidiano dos requisitos de isenção: alcançava apenas bens produzidos nos países limítrofes, deveriam restringir-se às necessidades de subsistência e a bens para os quais não havia restrição para sua entrada ou saída.

A fronteira do então Território Federal do Amapá com a Guiana Francesa era tida como uma terra de esperança para quem desejava mudar de vida e enriquecer, originando uma migração sistemática para as florestas franco-brasileiras na busca de metais preciosos, especialmente o ouro. No mais antigo garimpo brasileiro em atividade, o do Lourenço em Calçoene/AP, chegavam pessoas de todos os estados do Brasil, em especial cearenses, maranhenses e paraenses, desbravando terras de ricos subsolos, legais ou ilegais, e subindo em direção ao Oiapoque (alguns subiam até as florestas da Guiana Francesa e do Suriname).

Na denominada época do “fuxico do ouro” no Oiapoque, de grande efervescência da lavra garimpeira, fazíamos a emissão do Certificado de Matrícula de Garimpeiro, o popular CMG, sempre a pedido



verbal do garimpeiro. Extensas filas eram formadas diariamente, cheias de histórias e sonhos de mudança de vida, margeando o trecho mais plácido do Rio Oiapoque em frente ao prédio da Inspetoria (atualmente localizada na cabeceira da ponte binacional).

Recordação de tantos rostos lânguidos e esperançosos nos retratos 3x4 apresentados, juntamente com desgastados documentos de identidade e prova de inscrição no CPF; completava o momento diário das solicitações, a entrega da quitação de contribuição sindical. Fazíamos o controle das matrículas por uma das três vias, a de cor azul em papel filigranado, simultaneamente preenchidas graças a uma invenção do início do século XIX, o papel carbono, e encaminhávamos uma delas para a repartição mais próxima do Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM. De posse da primeira via, na cor branca e com seu retrato, o sonhador embrenhava-se na mata em busca do Eldorado, cruzando um imaginável pórtico e procurando realizar o desejo latente no âmago da aventura que o trouxera até ali: dar uma vida melhor aos seus familiares.

Assim, em 1986, eu caminhava para o vigésimo quarto mês de intensa experiência profissional. Mais adequado dizer “eu voava”, pois no dia 31 de maio daquele ano, enquanto no Estádio Azteca, na Cidade do México, búlgaros e italianos se preparavam para entrar em campo na abertura da Copa do Mundo de Futebol, eu embarcava no bimotor turboélice Fairchild Hiller FH-227 (mais conhecido como hirondelle) da extinta TABA, Transporte Aéreo da Bacia Amazônica, retornando para minha Cidade das Mangueiras - Belém do Pará. Na escala em Macapá, o Delegado e outros colegas da Receita Federal foram na pista do aeródromo para despedidas e cumprimentos pela missão na promoção da vigilância e fiscalização na fronteira, minha primeira contribuição para o que viria a ser a busca em desenvolver um ambiente propício ao crescimento do comércio exterior, desde a facilitação do fluxo de transações internacionais até o fortalecimento do combate aos ilícitos aduaneiros.



Tanto quanto no conto de Guimarães Rosa referenciado no título, em que o pai ultrapassa suas limitações da realidade ao permanecer na canoa até iniciar a velhice do seu filho, desdobrei em dois significativos momentos a história do meu ingresso na Receita Federal para evidenciar a importância de navegar no caudaloso rio da Administração Tributária, nele permanecendo até hoje, desenvolvendo diariamente minha maturidade pessoal e profissional, renovando sempre o *élan* dos primeiros anos.

---

1 - Uma referência ao título do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, publicado em seu livro “Primeiras Estórias”, lançado em 1962, tomado como inspiração inicial para navegar além dos rios da Amazônia nas minhas expectativas e nos meus sonhos, uma transcendência da rotina das minhas duas primeiras décadas de vida

2- “Sumano” significa irmão; é bem provável que tenha se originado por contração de “seu mano”, no falar regional típico dos parauaras, isto é, dos paraenses, já que “mano” e “maninho” são formas de tratamento bastante empregadas pelo povo do Pará.

3 - OECD (2020), *Tax Administration 3.0: The Digital Transformation of Tax Administration*, OECD, Paris.

<http://www.oecd.org/tax/forum-on-tax-administration/publications-and-products/tax-administration-3-0-the-digital-transformation-of-tax-administration.htm>

4 - Decreto nº 87.324, de 24 de Junho de 1982, publicado na Seção 1 do Diário Oficial da União de 25 de junho de 1982.

5 - Decreto-lei nº 2.225, de 10 de janeiro de 1985, publicado no Diário Oficial da União do dia seguinte.



## **Grupo “Integração do Brasil”**

**Valmir Paulino Benício**

*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou na Receita Federal através do concurso para o cargo de Técnico do Tesouro Nacional (atual Analista Tributário) em 1989, sendo nomeado em 1991. Formado em Administração com ênfase em Comércio Exterior e em Direito. Possui Pós-graduação em Direito Tributário. Elaborou a Edição Especial da Revista Comemorativa de 10 e 20 anos da Delegacia da Receita Federal do Brasil em Poços de Caldas/MG em 2008 e 2018. Na atualidade, é o Chefe da Agência da Receita Federal em São Sebastião do Paraíso/MG.*

### **Como tudo começou - Do concurso**

Estava fazendo o curso de Direito e, num certo dia, numa aula, percebi uma movimentação dos colegas de sala. Estavam comentando sobre a abertura do concurso para Técnico do Tesouro Nacional. Lembro que o concurso causou muito interesse no pessoal. Eu acabei entrando na onda e fiz a inscrição com a turma. Lembro também que tínhamos que escolher a cidade para onde desejaríamos a vaga. No edital, indicava-se o quantitativo em cada localidade. Morava em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, mas acabei optando por prestar para Guarulhos pela quantidade de vagas. Se não me engano, era o ano de 1989.

Bem, passou o tempo. Nem lembrava mais do concurso. Foi quando recebi um telegrama (na época existia essa forma de comunicação). No telegrama, informava-se que eu havia sido classificado para fazer o curso de formação.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Superada essa fase, saiu a nomeação para trabalhar no Aeroporto de Cumbica.

### **Nosso grupo**

Nosso grupo do concurso chamava atenção pela “diversidade”. Podíamos dizer que o grupo era a integração do Brasil. Havia entre nós nordestinos, mineiros e paulistas. E a representação racial do Brasil, pois havia alguns brancos, poucos negros e muitos, muitos descendentes orientais. O pessoal do aeroporto brincava com a gente por isso. Mas tudo com muito bom humor. Apesar de sermos de regiões e culturas diferentes, nosso grupo era bem unido e, entre alguns, mantemos a amizade até o presente.

Chegou o dia da designação dos locais de trabalho. Alguns de nós foram trabalhar na Delegacia de Guarulhos e outros foram distribuídos pelos setores do Aeroporto. Neste, alguns foram para a ala de passageiros, outros para a parte de cargas e outros ainda foram aproveitados pela administração.

### **Do trabalho - rotina e transporte**

Para mim, era tudo uma grande novidade. Eu iria trabalhar na Receita Federal. Instituição de grande *status*, mas confesso que não conhecia muito sobre o trabalho operacional. No meu caso específico a aventura começava ao sair de casa. Como não dirigia, eu tinha que pegar quatro ou cinco tipos de transporte para chegar ao aeroporto. Era bem cansativo.

Eu trabalhava no setor de liberação de amostras e pequenas encomendas. A sigla do setor era “DIA”. Apesar de parecer uma área simples, todo dia tínhamos alguma novidade e muita movimentação, especialmente quando havia grandes shows e visitas de celebridades.



Havia muita demanda por causa da programação de pessoas que vinham para esses grandes eventos. Por vezes, dependiam de pequenos produtos que alguma celebridade pedisse. Por exemplo, a vinda de garrafinhas d'água de uma marca preferida. Aquelas condições que as estrelas sempre exigem.

Como estava na área de cargas, na hora do almoço, sempre ia para a ala de passageiros. Era uma forma de me distrair um pouco. E era comum sempre esbarrar com pessoas famosas.

### **A remoção**

A viagem para o aeroporto estava ficando muito desgastante. Foi quando tomei conhecimento da inauguração da Delegacia da RFB em São Bernardo do Campo. Antes, era uma Agência da Delegacia da Receita Federal em Santo André (atualmente voltou a ser uma Agência).

Era a minha chance de pedir remoção para o ABC, o que facilmente consegui em função da transformação da nova unidade. Mas nunca esquecerei os bons momentos que tive durante meu trabalho no Aeroporto Internacional de Cumbica.

Por fim, devo relatar um episódio mais recente. Atualmente, o Aeroporto periodicamente seleciona voluntários para reforçar a equipe. Resolvi participar de uma das seleções. Estaria voltando quase 30 anos depois para meu primeiro local de trabalho. E para minha felicidade reencontrei alguns colegas da época.



## ***Implantação do atendimento em Libras no sul de Minas Gerais***

Valmir Paulino Benício

*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou na Receita Federal através do concurso para o cargo de Técnico do Tesouro Nacional (atual Analista Tributário) em 1989, sendo nomeado em 1991. Formado em Administração com ênfase em Comércio Exterior e em Direito. Possui Pós-graduação em Direito Tributário. Elaborou a Edição Especial da Revista Comemorativa de 10 e 20 anos da Delegacia da Receita Federal do Brasil em Poços de Caldas/MG em 2008 e 2018. Na atualidade, é o Chefe da Agência da Receita Federal em São Sebastião do Paraíso/MG.*

A ideia surgiu na Agência de Poços de Caldas durante uma demanda por atendimento de uma pessoa com deficiência auditiva. Presente no local, o então Delegado pensou que poderíamos implementar o atendimento em Libras (Língua Brasileira de Sinais) nos moldes do que foi feito em São Paulo.

Foi quando incumbiu a mim e a uma colega de Belo Horizonte de irmos conhecer o trabalho no estado de São Paulo, onde, na cidade de São Bernardo do Campo, ocorreu o projeto piloto. Com a experiência, iniciou-se o Projeto de Implantação do Atendimento em Libras, inicialmente no Sul de Minas.

Entre os meses de abril e outubro de 2024, visitei 11 unidades do Sul de Minas, promovendo o atendimento experimental em Libras em todas elas, com o intuito de capacitar as respectivas equipes para poderem atender tal demanda, que requer alguns procedimentos específicos. O



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

primeiro atendimento ocorreu em São Sebastião do Paraíso e o último, na cidade de Lavras.

Inicialmente, todos os funcionários e servidores da Receita Federal aprenderam os principais sinais de saudação para atender os contribuintes com deficiência auditiva. Em seguida, foram realizados atendimentos simulados com contribuintes voluntários que conhecem a referida linguagem de sinais. Por meio de uma ligação de vídeo, o contribuinte é orientado pelas intérpretes de Libras da Receita Federal. Revezaram-se nessa função uma colega em Belo Horizonte e outra em Varginha.

As agências da Receita Federal no Sul de Minas estão localizadas em Alfenas, Campo Belo, Guaxupé, Itajubá, Lavras, Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre, São Lourenço e São Sebastião do Paraíso.

O Projeto Libras tem como objetivo prestar atendimento a pessoas com deficiências auditivas, por meio da disponibilidade de pessoas capacitadas para traduzir o atendimento para o contribuinte e para o servidor. Com isso, a Receita Federal reforça seu compromisso com a inclusão social e com a Cidadania Fiscal.





## ***Minha experiência de ingresso na RFB, uma providência divina***

Camila Maria Rodrigues

*Assistente Técnico-Administrativa*

*Ingressou na 3ª Região Fiscal em 2015. Trabalha em dedicação parcial como chefe substituta na Seção de Comunicação e Cidadania Fiscal. Já trabalhou também no Atendimento presencial, na supervisão da Caixa Corporativa de Atendimento, na assistência da Divisão de Atendimento, na Assessoria do Gabinete da Delegacia e na supervisão do Ponto de Atendimento Virtual e no cerimonial.*

Início meu singelo relato alertando ao estimado leitor e à estimada leitora que não há nada de extraordinário na minha história. Então, se você espera ser entretido (a) com um enredo fabuloso, único e inusitado, talvez não o encontre nesta história, que decidi escrever pelo simples propósito de registrar minha mais sincera admiração e gratidão a todas as pessoas que fizeram do meu ingresso na RFB um sonho realizado.

Antes de iniciar minha partilha, vou apresentar personagens e cenários dessa odisséia. Sou Camila Maria, mulher nordestina de pele branca e cabelos e olhos negros (feito uma graúna). Sou filha de pais retirantes, tanto quanto milhares (ou até milhões) de outras mulheres. De meu pai, Wilame, eu diria que herdei a alegria, a leveza e o jogo de cintura para enfrentar os desafios que se apresentam. Da minha mãe, Maria Juvanete, recebi o amor ao próximo, a disciplina e a fé em Deus e Nossa Senhora, que inclusive segue estampada em nossos nomes. Eles me



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

presentearam com uma irmãzinha, Wanessa, minha bonequinha. Com ela, vivo o dilema entre ser a irmã que protege e mimar ou a que exige e encoraja. É, estimado (a) leitor (a), não é fácil ser eu!

Na minha trajetória, fui muito abençoada com pessoas que se importaram com minha segurança, formação e autonomia. Para não correr o risco de esquecer alguém, vou mencionar apenas duas dessas pessoas: meus avós, Francisca, que me ensinou, entre outras habilidades, a memorizar a Tabuada, e Raimundo, analfabeto que incentiva todos os netos e netas a estudarem presenteando-os com uma caneta (de doutor, rrsrs) quando concluem algum curso ou formação.

Estudei a vida quase toda em colégio de filosofia vicentina e o mais marcante nessa trajetória foi como bolsista no Colégio da Imaculada Conceição (CIC), localizado no Centro de Fortaleza, capital cearense. Pesquise sua história e arquitetura e verá que é um encanto circular pelos corredores do "Viveiro Adorado", como carinhosamente o chamamos. O deslocamento diário de Caucaia (cidade vizinha onde nasci e cresci), no trem metropolitano, durante minha adolescência, era um preço barato a se pagar para desfrutar dessa oportunidade.

E o investimento rendeu frutos valiosos, não apenas para minha formação pessoal e cristã, mas também para a formação profissional. Conquistei aprovação no vestibular da UFC (Universidade Federal do Ceará) na primeira tentativa. E graças a Deus, porque naquele ano de conclusão do ensino médio, meu pai sofreu um aneurisma e passou a depender dos nossos cuidados praticamente para tudo.

Depois de um tempo na faculdade, iniciei estágios e dedicação para concursos públicos. Caro (a) leitor (a), se decidiu permanecer nessa prosa, espero sinceramente que não se decepcione com o desfecho, que também não tem nada de extraordinário. Acontece que, por conciliar faculdade, trabalho e preparação, a aprovação no tão sonhado cargo público demorou mais tempo do que o normal para outros (as) candidatos (as). E por isso



mesmo, quando fiz a inscrição para concorrer a duas vagas para Assistente Técnico Administrativo na Agência da Receita Federal de Acaraú, no Ceará, confesso que já não tinha mais tanta esperança e quase nem compareci no dia da aplicação da prova. Mas, sabendo que a probabilidade de quem joga na loteria ganhar é maior do que quem não joga, para minha sorte, eu joguei, rsrsrs.

E no dia do exame, 27/04/2014, eis aqui meu ritual em linhas poéticas:

Cadê o documento de identificação?  
E lembre o comprovante de inscrição!  
Várias canetas sempre à mão...  
Água e lanches fazem bem pro cabeção.

Cuide para cedo chegar  
Tempo para o gabarito deve reservar  
Não precisa se aperrear  
Mantenha a fé, você vai conquistar!

Mesmo com tantas precauções, o destino ainda me preparou uma surpresa, ou melhor dizendo: uma Providência Divina.

Entre as questões que resolvi com convicção, no gabarito pintei uma letra diferente da alternativa que seria a solução correta. No mesmo momento, rolou aquela pausa dramática... Você que é concurseiro (a) sabe: cada vaga é conquistada no décimo, na ponderação, no critério de desempate. Meu coraçãozinho trincou. Mas paciência! Continuei marcando o gabarito sem deixar aquele fato me abalar.



Voltei pra casa, conferi o gabarito, esperei o resultado preliminar (antes dos recursos), esperei o resultado definitivo (pós recursos) e sofri calada quando vi que aquela bendita questão me tirou do 1º para o 4º lugar. Minhas chances de ser convocada estavam ainda mais remotas. Tá lembrando que eram apenas duas vagas, né?

Então, segui minha saga rumo ao próximo concurso, enquanto já cursava pós-graduação, também na UFC. Em fevereiro de 2015, a primeira turma foi convocada, e eu só cheguei a apresentar a monografia de pós-graduação em maio de 2015. Quando finalmente em 1º de junho de 2015, meu nomezinho estampou reluzente no Diário Oficial da União, vulgo DOU. Meu Deus!!! Nesse momento, caro (a) leitor (a), admito a você que até hoje, quase dez anos depois, acho que ainda não experimentei tão esplêndida sensação.

Se você ainda não percebeu a "Providência Divina" que relatei, eu explico: repare que, se eu tivesse ficado em 1º lugar, teria sido convocada em fevereiro e, por certo, precisaria escolher entre concluir a pós-graduação em instituição pública e federal ou assumir o tão sonhado cargo público e federal. Ou seja, com apenas uma marcação "equivocada", o Senhor me concedeu duas bênçãos, federais, vale salientar, rsrsrs.

Mais que depressa, tratei de providenciar a documentação e os exames de saúde. No dia da perícia médica, eu estava tão nervosa, tremendo mesmo, que não consegui tirar os resultados de dentro do envelope. Triste de mim se não fosse a minha irmã, Wanessa, pegar o envelope da minha mão e entregar os resultados direto na mão da doutora. Depois, foi só correr pra posse na Agência de Acaraú, interior do Ceará, um dia depois do meu aniversário: 15 de junho de 2015.

O resto da história, meus estimados colegas já conhecem. Estou aqui, compondo equipes na minha querida 3ª Região Fiscal, na acolhedora cidade de Fortaleza, com a companhia dos meus amigos, amigas e especialmente da minha amada família. Sigo aqui sonhando em progredir



na carreira pública, pra minha satisfação e realização pessoal (SIM! COMO NÃO?), mas também porque como usuária de serviços públicos que sou, percebo a diferença que faz na vida e na dignidade de muitas pessoas quando um serviço público é prestado com compromisso e responsabilidade.

E para presentear o (a) gentil leitor (a) que acompanhou meu singelo relato até aqui, partilho um versículo da Bíblia que fortalece minha fé e acalma minha mente em situações como essa e certamente será útil

*“Peçam, e será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta será aberta.”  
Mateus 7:7*



## ***Não sei, só sei que foi assim***

Marcelo Marcio de Oliveira

*Analista Tributário da RFB*

*Formado em Administração de Empresas com especialização em Sistemas de Informação e pós-graduado em Gestão de Políticas Públicas. Atuou durante 21 anos na área de Tecnologia lotado na Delegacia da Receita Federal de Cascavel/PR, 15 dos quais na chefia, e 10 anos na equipe de Vigilância e Repressão da mesma unidade. Atualmente, encontra-se em teletrabalho na Equipe de lavratura de Processos Aduaneiros da 9ª Região Fiscal.*

Na manhã ensolarada de terça-feira, 12 de janeiro de 1993, pela primeira vez, entrei onde, ainda hoje, está a sede da Delegacia da Receita Federal em Cascavel/PR. Adentrei o saguão daquele prédio de fachada de mármore marrom projetado para ser um condomínio residencial, mas que, pouco depois de ser concluído, já pertencia à União. Seria o primeiro de muitos, muitos dias de serviço público. Para que esse dia acontecesse, tantos outros haviam se passado. Não era para eu estar ali. Eu tinha me esforçado para não estar, mas estava.

Naqueles tempos, só fazia concurso público quem era parente ou amigo de servidor. Não havia divulgação. O público comum não ficava sabendo. E mesmo que soubesse, não era algo que estava nos meus planos. Quando houve o concurso para Auditor-Fiscal em 1991, meu professor de faculdade (que era consultor na empresa em que eu trabalhava) comentou e perguntou se eu faria. Respondi que NUNCA! LONGE DE MIM! Eu era gerente do setor de informática da empresa, já tinha trabalhado muitos anos com auditoria contábil e a simples ideia de lidar com isso novamente me causava arrepios.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Em 1992, teve o concurso para Técnico do Tesouro Nacional - TTN. Minha esposa foi acompanhar uma colega de trabalho que ia se inscrever e, como a taxa de inscrição era muito baixa, resolveu candidatar-se também. Perguntaram se ela ia concorrer em Administração ou Informática.

- INFORMÁTICA? - Tem para a área de informática? Tinha. E como a inscrição podia ser feita em nome de outra pessoa, ela me inscreveu, mas só disse depois, sabendo que eu daria de ombros. Por conta dessa grande amiga, ela se animou. Chegou a se matricular em um cursinho do Banco do Brasil para se preparar melhor (era o que tinha e eles adaptavam conforme o gosto do freguês).

Morávamos em Londrina/PR. Eu a levava para as aulas toda noite após o trabalho e ficava dentro do meu carrinho lendo e esperando a aula dela terminar. Sim! Em 1992, eu ia para casa fazer o quê? Assistir a novelas? Alugar um VHS? Então ficava por ali lendo Asimov, Clarke e Herbert em vez de alimentar o dragão da inflação galopante com a minha gasolina.

Quando anunciaram a data das provas, veio a surpresa. A seletiva dos inscritos para a área de informática seria trinta dias antes da administrativa. Decidi fazer a prova. Falei para minha esposa que era por convicção, mas a verdade é que só queria pegar o caderno de questões para ela estudar. OIÊ! É 1992, milênio passado. Não existia internet. Nem comércio de apostilas e material de concursos em banca de jornal - sim, naquele tempo havia bancas de jornais.

A prova seria em Curitiba. Entrei em um ônibus convencional noturno e cheguei ainda de madrugada. Fiquei zanzando pela rodoviária até a hora de pegar um ônibus urbano para ir ao local do concurso. Já na sala, fiquei sabendo que só poderia sair depois de uma hora. “Droga, não vai dar tempo de pegar um cineminha à tarde.” Depois avisaram que só poderia sair com o caderno de questões quando faltasse uma hora para terminar. “Mas eu vim só pra isso?” Conclusão, teria que amargar três



longas horas naquela carteira dura dentro daquela sala calorenta. Então, preenchi as questões para matar o tempo. E passei. Na rabeira, mas passei.

Concurso é fotografia, não é filme. Junte um monte de gente para uma foto. Se a pessoa mais bonita piscar vai ficar mais feia que o feio. Em qualquer prova é assim: se você está bem, se domina o assunto, se treinou, se está preparado, se é seu dia, se o Cara lá de cima decidiu que é sua hora, se saiu bem na foto, entra. O filme da vida do servidor público a gente conhece quando compara quem ainda trabalha depois de trinta anos com quem já parou no primeiro.

Ao anunciarem o resultado, eu já era gerente-geral em uma empresa que dava sinais de que não ia durar. Então, arrisquei mudar de cidade, de vida, de tudo. E assim começou. Vieram trinta dias de exaustivo confinamento naquele outubro de 1992: treinamento no “internato” da Esaf - Escola de Administração Fazendária, em Brasília, com outros 300 colegas de vários estados. Acomodaram três pessoas em cada um dos quartos. Com apenas duas camas, sobrevivi no fim do mundo da estrada do Unaí dormindo no sofá-cama, que era melhor que as tábuas revestidas com espuma fina que serviam de colchão das camas.

Éramos a segunda turma dos Técnicos do Tesouro Nacional aprovados a passar pelo treinamento. A primeira, com os colegas de São Paulo e Minas Gerais, tinha feito o treinamento antes. Treinamento puramente teórico de um amplo projeto de reestruturação tecnológica que ainda estava no papel e que acabou sendo implementado de maneira distinta do que nos foi apresentado. Apesar de tudo, foi divertido. Tínhamos cartunista, violeiro, churrasqueiro, ativismo para fechar o refeitório. Se tivesse um padre, até casamento teria acontecido.

Dois meses depois daquele treinamento, chegou o dia da posse. Foi naquele dia que me aproximei do grande balcão que separava o saguão entre funcionários e contribuintes (expressão que depois fui entender que para os fazendários era sinônimo de “qualquer um que não trabalhasse na





Receita”). Me apresentei. Esperava um comentário receptivo e nada. Apenas indicaram usar o elevador para chegar ao quarto andar. E lá fui eu, com um misto de frustração e ansiedade.

Entrei na sala do que depois fui conhecer como SAPOL (Seção de Programação e Logística) e fui recebido pela colega Regina Brigida Dors Sakata. Agora sim, muito bem recebido. Aquela pequena grande mulher me trouxe segurança e a sensação de ser bem-vindo. Recebeu meus documentos, bateu dezenas de carimbos, colheu algumas assinaturas e, enquanto esperávamos que o Delegado da unidade me recebesse para formalizar a tão esperada posse, me explicou tudo o que considerava importante para que eu soubesse onde estava pisando.

Não demorou muito e segui para a grande sala que ocupava quase metade do quinto andar, toda decorada com móveis de ipê. O Delegado Mário Benjamin Bartos, olhar sisudo e poucas palavras, perguntou amenidades como “de-onde-vem-para-aonde-vai” e, por fim, assinou o termo de posse. Só, simples assim. Depois fui saber que o comportamento distante era disfarce. Assim como para mim, tudo para ele também era novidade já que acabara de chegar à cidade e estava a menos de uma semana no cargo.

Despachou-me para o térreo onde estava localizada a DIVIEF - Divisão de Informações Econômico-Fiscais, nome pomposo da divisão que cumpria as funções de atendimento ao contribuinte e de preparação dos dados que alimentavam os sistemas da Receita e o de arquivo das declarações de Imposto de Renda então em papel. No devido tempo, esse setor daria origem ao CAC (Centro de Atendimento ao Contribuinte) e à Satec (Seção de Tecnologia e Segurança da Informação). A chefe do setor me recebeu com ar longínquo. A expressão dela me pareceu um “quê-que-esse-cara-vai-fazer-aqui?”. Após breves apresentações, foram todos para aquele mesmo saguão da entrada do prédio. Mas agora eu estava do outro lado!



Quando abriram os portões e a turba de contribuintes adentrou, os funcionários começaram a se movimentar. Perguntei para a colega Selvina Aparecida Lemes de Campos - que depois se tornaria a minha chefe:

- O que eu faço agora?

- Atende o balcão - ela respondeu.

Fui... e quando uma senhora me perguntou qualquer coisa sobre CPF, voltei-me para uma funcionária que estava ao lado e falei:

- É com você! - peguei o elevador e fui direto para o gabinete do Delegado.

A cabeça martelava com tudo o que tinha sido divulgado no treinamento: os projetos de inovação; o futuro da Receita Federal enquanto Órgão de Excelência no tratamento de dados informatizados. Meu concurso selecionara profissionais com conhecimento de informática para dar suporte nas unidades locais ao projeto de descentralização da base de dados da Receita. Tudo o que existia até então seria passado e eu, tal qual todos os meus pares naquele treinamento, estávamos ali para fazer isso acontecer. Não para atender balcão.

Entrei no gabinete, nem sei se podia, mas entrei. E não tinha ninguém. Na sala ao lado, o então TTN Márcio Bento, que fazia as vezes de assessor do Delegado, pediu para adiantar o assunto e exclamei:

- Eu não vim aqui pra isso!

Pronto, pensei, vou assinar a exoneração no mesmo dia da posse. Ele me olhou com olhar grave e, com voz baixa, falou:

- Não veio mesmo. Recebemos um ofício determinando que não deve haver desvio de função.

Alívio! Saímos dali para uma sala do terceiro andar onde guardavam placas e acessórios de computadores. Entre eles, um que já estava montado.



- Faz o que você quiser com isso - disse o Márcio, o que depois foi corroborado pelo Delegado. Peguei o computador e levei para aquela que tinha sido indicada como minha mesa, montei e, enquanto começava a dar vida àquele pequeno dinossauro tecnológico, veio a chefe com olhar de “já-vi-que-vai-me-aprontar” e pergunta algo do tipo:

- Que você está fazendo?

Com toda a diplomacia e candura que o momento exigia, respondi:

- O que fui contratado para fazer, trabalhar com computadores.

E foi mais ou menos assim. Demorou para que o projeto de cliente-servidor se tornasse uma realidade que, a seu tempo, também virou passado. Mas foi um tempo muito bem ocupado. Justamente porque as unidades não tinham expectativas claras do trabalho que deveria ser realizado por aqueles técnicos que, tanto quanto eu, tinham formação em TI e com a determinação de que não nos desviássemos dessa atividade, foi possível usar a criatividade para dar um enorme salto de qualidade nos serviços prestados.

Para além de fazer palestras públicas divulgando o então inédito projeto de entrega de declarações de IRPF “em disquete”, afora a participação nas maratonas de homologação de sistemas diversos, muitas iniciativas locais de pequena magnitude foram significativas em toda essa história.

Até aquela distante manhã, a Delegacia de Cascavel contava com oito “terminais burros” - microcomputadores de segunda geração ligados ao extinto sistema transdata e que eram usados apenas para emular o ainda onipresente HOD (sistema Host On-Demand). Contava ainda com dois computadores COBRA (Computadores e Sistemas Brasileiros, fábrica criada em 1974) - Dinossauros usados para sistemas específicos e que contavam com “impressionantes” unidades de disquete flexível de oito polegadas.



Por estar localizada na faixa de fronteira, numa época que ainda sofria os efeitos da malfadada Lei da Reserva de Mercado de Informática que, de 1984 a 1991, proibiu a importação de equipamentos, era grande o volume de apreensões de peças de computadores contrabandeadas para abastecer o mercado interno.

Éramos, eu e o colega Gustavo Stein, egressos do mesmo concurso e lotados em Cascavel. Com o incentivo do Gabinete da Delegacia, passamos a incorporar essas peças e montar computadores pessoais. Ao término do ano de 1993, havíamos disponibilizado um computador para cada um dos mais de 120 funcionários da delegacia, a maioria deles com processadores de segunda geração, 512 KB de memória e HD de 20 MB.

Em 1994, todos eles já tinham sido atualizados para terceira, quarta e quinta gerações e continuaram sendo modernizados com as apreensões que não cessavam. Nesse momento, todos os funcionários da unidade e suas seis agências já estavam contemplados com computadores individuais plenamente operacionais. Aquela sala do terceiro andar foi especialmente preparada para o estoque dos materiais incorporados, montagem e manutenção dos equipamentos. Contava ainda com uma sala de treinamento com 16 computadores, apta a receber até 32 alunos. Treinamos todos os funcionários nos fundamentos básicos de operação dos equipamentos e sistemas operacionais. Em 1995, estávamos prontos para a implantação do projeto cliente-servidor que ficou popularmente conhecido como SIEF - Sistema Integrado de Informações Econômico Fiscais.

Lembrar de tudo isso causa uma estranha nostalgia. Aquele espírito meio rebelde de fazer as coisas do seu jeito. Os dedos sempre cortados pelas chapas afiadas dos gabinetes. Pilhas de placas com defeito sendo descartadas sem cerimônia. Computadores de variados modelos configurados “na unha”, sempre nos desafiando com algum defeito novo. Todo dia, uma novidade. Toda hora, um aprendizado.



Isso aconteceu, em menor ou maior escala, em todas as unidades. Todas as delegacias que receberam aqueles colegas “de informática” puderam ver essa mudança acontecer. E não porque éramos especiais. Éramos apenas diferentes. Diferentes porque a maioria não queria ser servidor público, queria apenas trabalhar com informática em um tempo em que as oportunidades ainda eram escassas.

Já dizia o compositor Nelson Ned:

*“Mas tudo passa, tudo passará.  
E nada fica, nada ficará.  
Só se encontra a felicidade,  
Quando se entrega o coração.”*

E se passaram mais de trinta anos. E tudo que foi realizado ao longo desse tempo passou. Contribuiu para construir isso tudo que está aí, mas passou. Relutei a trilhar esse caminho que teve muitos espinhos. Momentos de luta, de medo, de raiva, de ansiedade e de frustração. Mas também muitas amizades, êxtase, alegrias e realizações. Tempos vividos com o coração.

Daqui a pouco, chega a aposentadoria. Respeitamos e valorizamos o aposentado, mas não conviveremos mais. Não como antes quando todas essas tecnologias passaram a preencher nosso tempo, nos aproximando dos ausentes e nos afastando dos presentes.

Então vai chegar o dia em que vou adentrar aquele mesmo salão. Agora sem balcão, sem filas. Só um solitário atendente a me cobrar uma senha. Não vou entrar, pois ali não haverá mais quem se lembre de mim. Ninguém que se lembre do que passamos ajudando a construir um tanto disso tudo. Poderei sofrer pensando que a culpa é um pouco minha, mas vou me resignar em saber que era inevitável. Não fôssemos nós, seriam outros. Não fosse ontem, seria hoje.



E assim segue a linha do progresso. Vou sentir-me grato pela oportunidade de ter vivido cada um desses momentos. Arrependido dos muitos erros que cometi. Esperançoso de ter ajudado, de ter feito as coisas serem um pouco melhores, de ter feito alguém um pouco mais feliz. Se me perguntarem se foi bom? Como diria o personagem de Ariano Suassuna: *Não sei, só sei que foi assim.*



## ***Nossas visitas pelo Projeto Cidadania em Movimento***

Valmir Paulino Benício

*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou na Receita Federal através do concurso para o cargo de Técnico do Tesouro Nacional (atual Analista Tributário) em 1989, sendo nomeado em 1991. Formado em Administração com ênfase em Comércio Exterior e em Direito. Possui Pós-graduação em Direito Tributário. Elaborou a Edição Especial da Revista Comemorativa de 10 e 20 anos da Delegacia da Receita Federal do Brasil em Poços de Caldas/MG em 2008 e 2018. Atualmente, é o Chefe da Agência da Receita Federal em São Sebastião do Paraíso/MG.*

### **O que é**

O projeto nasceu com a iniciativa de um colega, na época Chefe da Agência de Poços de Caldas, para, informalmente, repassar informações de benefícios para prefeituras decorrentes de parcerias, convênios ou simplesmente por estreitar o relacionamento com a RFB através de canais próprios de comunicação.

Encampada pelo Delegado da época, hoje nosso Superintendente, a ideia ganhou corpo e várias denominações até ser oficialmente chamado de Projeto Cidadania em Movimento. Hoje podemos dizer que o projeto consiste em um conjunto de ações desenvolvidas em parceria com as prefeituras.

Nas visitas, os chefes de Atendimento ou de Unidades, Agentes e Delegados explanam sobre os projetos, que trazem modernidade,



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

celeridade, transparência e agilidade aos serviços públicos, além de fomentarem novas ações educacionais, esportivas, sociais e de cidadania. Enfim, o projeto consiste em uma aproximação específica da Receita com os municípios para tratar de assuntos e temas de interesse conjunto, estreitando também a relação com os contribuintes.

Na atualidade, outras regiões fiscais já estão adotando o projeto como uma de suas ações.

### **Compartilhando as experiências**

Sendo participante de várias dessas visitas, temos algumas vivências marcantes que valem a pena relembrar. Foi uma experiência muito interessante conhecer uma parte das cidades mineiras, cada uma com suas características e peculiaridades.

Lembro de alguns prefeitos nos receberem de chapéu de fazendeiro. Eles são muito simples. No início, inclusive, alguns chegaram a cochilar nas reuniões. Foi quando verificamos a necessidade de modificar um pouco as apresentações para não ficarem tão maçantes, uma vez que eram muito técnicas.

Percebemos que, em boa parte das cidades, a visita era um verdadeiro “acontecimento” para a localidade, pois havia grande mobilização para receber os representantes da RFB. Um fato curioso aconteceu em determinada cidade, onde havia uma competição política entre a Câmara Municipal e a Prefeitura para definir quem receberia “os louros” por ter implantado o (PAV) Ponto de Atendimento Virtual da Receita Federal, uma vez que ambos apresentaram a solicitação junto ao órgão.

Em outra, houve quase uma comoção pela presença de um carro oficial próximo à prefeitura. Apesar disso, o prefeito levou tudo com muito bom humor. Ele brincava durante a reunião que o celular dele não parava





de apitar. Com todos querendo saber o motivo da presença da Receita Federal na cidade, algo possivelmente nunca visto.

Vamos agora repassar algumas de nossas experiências em viagens pelo Projeto Cidadania em movimento.

### **Delfinópolis**

Uma viagem que não esqueceremos tão cedo foi para Delfinópolis. Na função de Agente de Guaxupé, naquela época, acompanhei a chefe da Agência de Passos. Ah sim, era praxe irmos em dupla para as visitas.

Uma experiência muito agradável e interessante, Delfinópolis é um município do sudoeste do Estado de Minas Gerais. Fica a 401 quilômetros de Belo Horizonte e tem cerca de sete mil habitantes. O município faz parte do circuito turístico Nascentes das Gerais e tem como principal atração turística o Complexo do Claro, um conjunto de cachoeiras localizadas próximas ao centro da cidade.

Duas coisas foram interessantes: a primeira foi a necessidade de fazer a travessia por balsa para chegar à prefeitura para a reunião. Foi uma experiência inusitada e até agradável. A balsa é a melhor forma de chegar ao município turístico que fica aos pés da Serra da Canastra. O transporte aquaviário transita sobre o Rio Grande. Outra forma seria por estradas de terra, o que estenderia muito o caminho e poderia resultar em atraso.

Outro fator relevante foi sermos recebidos por uma mulher, já que, até então, todos os prefeitos eram do sexo masculino. Ela foi a primeira prefeita da referida cidade e a única mulher que encontramos na função de chefe do poder executivo local dos municípios visitados.



### **Guaranésia**

Guaranésia é um município localizado na Região Geográfica Imediata de Guaxupé. Sua população é de cerca de 20 mil habitantes.

Na visita a Guaranésia, também ocorreu algo inusitado. Por uma infelicidade, estava havendo um incêndio na cidade, e o prefeito não parava na mesa de reunião. Era toda hora acionado por alguém. Tivemos que seguir o encontro basicamente com os secretários.

### **São Tomé das Letras**

São Tomé das Letras é uma cidade turística, também com cerca de sete mil habitantes, como Delfinópolis. Seu ar rústico, típico do interior de Minas Gerais, e sua localização montanhosa, em posição elevada que permite a observação de boa parte da região ao redor fazem com que a cidade seja destino preferido de muitos turistas, entusiastas da natureza e de pessoas ligadas às artes em geral, tendo sido inclusive cenário para a minissérie Filhos do Sol de uma já extinta rede de televisão.

A cidade também atrai visitantes em busca de supostas aparições de óvnis. Em São Tomé das Letras, local que nunca havia visitado, lembro que senti uma vibração muito bacana. Fiquei feliz quando o prefeito disse que a cidade tem esta tradição de passar boas vibrações para pessoas do bem, ou seja, as pessoas que se identificam com a aura da cidade. E disse que o contrário também acontece: algumas pessoas que não entram no clima acabam indo embora de imediato.

### **São Bento Abade**

Agora, mais recentemente, estivemos na prefeitura de São Bento Abade. Daremos um destaque para esta visita pela intrigante história que descobrimos na reunião com aquela prefeitura.



Localizada no Sul de Minas Gerais, São Bento Abade é uma pequena, pacata e hospitaleira cidade de aproximadamente cinco mil habitantes, próxima de São Tomé das Letras. Antes da reunião, num bate-papo informal, o prefeito nos perguntou se conhecíamos a lenda do “Sete Orelhas”.

Nosso Delegado Adjunto, que estava conosco, disse que já tinha ouvido falar. Eu confesso que não conhecia a tal lenda. Comentaram que houve na cidade a incrível ocorrência de um vingador mineiro.

Segundo a história, um cidadão promoveu uma caçada de seis anos pelos sertões mineiros para vingar um irmão. O detalhe que marcou foi que o tal justiceiro enfileirou orelhas das pessoas encontradas em um cordão. O prefeito sugeriu que, quando saíssemos da reunião, observássemos o detalhe da praça onde havia estátuas dessa história, digamos, sombria.

Ficamos curiosos sobre porque este folclórico dito popular marcou tanto a cidade a ponto de ter uma praça em homenagem aos personagens envolvidos na história. Verificamos, depois, que até o Hino do Município menciona o episódio.

Talvez fosse pelos detalhes e características das pessoas em questão. O personagem a quem se atribui a folclórica vingança era considerado um homem bom e trabalhador. Tem a questão de envolver maldade feita com familiares. Tem o detalhe das orelhas. E ainda tem o tempo que durou a busca pela tal vingança. E, por fim, tem a obstinação do vingador que, pelo que consta, deixou a família quando decidiu fazer justiça com as próprias mãos, enveredando-se por terras longínquas.

Segundo consta, o caso tem cerca de 210 anos. Eu não sabia, mas essa intrigante história do “Sete Orelhas” faz parte do imaginário popular de várias cidades do Sul de Minas e já foi tema de documentários, livros, peças de teatro e até inspiração no cinema. Um escritor de Luminárias/MG, Marcos Vinícius Almeida, em 2023, lançou o romance *Pesadelo Tropical*, que resgata a lenda. A praça onde podemos ver as estátuas desses



personagens fica na Avenida Miguel Nasser, sem número, Centro de São Bento Abade, Minas Gerais.

Por fim, vou relembrar o último dia de visita, também recentemente. Crente que faltavam apenas três cidades para completar 100% de visitas no Sul de Minas, fiz um esforço descomunal para fazer todas elas no mesmo dia. Detalhe: as três cidades eram bem distantes uma da outra. Feliz por ter conseguido, elaborei uma nota noticiando o feito. Infelizmente, tomei conhecimento que, na verdade, ainda faltavam mais duas. E, pelo período de defeso eleitoral, não poderíamos mais visitá-las. Que pena! Mas chegamos bem perto, não é mesmo?



## ***O armário da vergonha***

**Tatiana Goellner**

*Analista Tributária da RFB*

*Ingressou na Receita Federal em 2006. Trabalhou em Novo Hamburgo e São Leopoldo no RS. Foi chefe de equipe, atuou em restituição, ressarcimento e compensação, e em cálculo de obras. Atualmente, está na Equipe de Atendimento da Superintendência da 7ª Região Fiscal.*

Para quem não me conhece, vou me apresentar: sou a Tatiana, aquela que fez os processos do “armário da vergonha” desaparecerem. Mas me deixa explicar melhor esse enredo, meu primeiro desafio logo que passei no concurso. Eu, pessoalmente, digo que já nasci para resolver problemas. Sou filha do meio, o que, por si só, nos ensina a se virar, porque são dois para cuidar de três.

Sou aquele tipo de pessoa que não coloca a culpa em ninguém. O problema está aí e temos que resolver. Agora, não adianta achar o culpado, porque, provavelmente, ele nem trabalha mais no setor. Entrei no concurso de 2006 como Analista Tributária e fui lotada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul chamada Novo Hamburgo, onde o setor calçadista é predominante.

Logo fomos designados aos setores em que trabalharíamos na Receita, e, no meu caso, foi o setor de Compensação, Restituição e Ressarcimento. Este último era preponderante devido à importação, que era o principal fator de ressarcimento no setor calçadista. E detalhe: tudo era em papel, desde os pedidos de ressarcimento até os de compensação.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Após uns dois meses de trabalho, estava eu a pegar meus processos numa estante que ficava numa sala ao lado de onde trabalhava. Nessa sala, havia um armário fechado, cheio de processos. Daqueles, sabem, cheirando a mofo... Acho que vocês entendem do que estou falando. Então, caí na besteira de perguntar à minha chefe o que era aquilo.

Antes de contar o desfecho, preciso relatar alguns episódios da minha jornada. Herdei a mesa de um colega que trabalhava com malha de pessoa física e IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) em papel. Logo que entrei, encontrei alguns processos na gaveta que só faltavam ser pagos, mas havia uns bilhetes escritos: “pessoa não encontrada” ou “conta corrente inexistente”. Ok, resolvi terminar esses processos.

Um deles era de uma mulher que havia morrido de câncer, e o valor da restituição era alto porque eram despesas médicas. Depois de muito procurar, achei o marido dela. Deixei um recado na secretária eletrônica da seguinte maneira:

- Olá, Sr. fulano, aqui é a Tatiana, trabalho na Receita Federal de Novo Hamburgo e tenho aqui uma restituição da sua esposa para pagar. Por favor, entre em contato pelo telefone tal.

Nem preciso dizer que, obviamente, o homem não ligou, porque achou que era trote. Na terceira tentativa, mandei o endereço da repartição pública e informei meu setor. Então, ele apareceu e, finalmente, recebeu o dinheiro, após os trâmites legais.

Assim fiz com todos os processos da gaveta. Um deles era de IPI de uma empresa quase falida. Quando liguei, expliquei ao responsável sobre o pagamento. Ele me passou a nova conta corrente e chorou de emoção porque, segundo ele, ia conseguir pagar o 13º dos funcionários. Minha chefe brilhou os olhos quando os processos “sumiram”.

Agora, voltando ao armário com cheiro de mofo: caí na besteira de perguntar à minha chefe o que era aquilo. Ela respondeu:



- Bom, já que você perguntou, vou te dar uma tarefa... Resolver o “armário da vergonha”.

Em poucas palavras, eram processos em que foram detectadas compensações erradas com créditos trocados. Jesus, sentiram o drama? Desfazer tudo e acertar.

Mas, tal qual minha chefe ensinava, podemos consertar tudo. O problema seria não querer trabalhar por medo de errar. Pensem num pesadelo um pouco pior: várias vezes tive que recorrer à minha chefe, achar outros processos que estavam ligados, para desfazer e refazer tudo.

Em mais ou menos seis meses - porque depois ficaria realmente “expert” - já identificava rapidamente os erros, desfazia todas as compensações, corrigia e pagava o ressarcimento que sobrava. Obviamente, em alguns processos nada sobrava. Pelo contrário, faltavam valores porque o ressarcimento não cobria as compensações que estavam erradas. Essa foi a pior parte: cobrar quando faltavam poucos meses para a decadência.

Enfim, resolvido aquele armário, fiquei famosa. Quem eu era? A Tatiana, aquela que resolveu o “armário da vergonha”.



## ***O Bom Bona***

Renzo Castello Miguel

*Assistente Técnico-Administrativo*

*Ingressou na Receita Federal em 2009. Ocupou funções de chefia no atendimento desde 2015. Atualmente, é Chefe Substituto da Divisão Regional de Atendimento da 7ª Região Fiscal e Chefe da Equipe Regional de Atendimento.*

Diante de minha mesa de trabalho, a marcante presença de uma camaronesa. Calada, olhar triste, distante, bebê no colo. Seu passaporte informava chegada recente ao Brasil. Ao concluir o serviço, rompi o respeitoso silêncio e indaguei: qual o seu músico camaronês preferido? Seu semblante subitamente floresceu, conheci todos os seus dentes e ela me disse: Richard Bona.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil



## ***O surgimento de novas amizades***

Eduardo Antônio Costa

*Auditor-Fiscal da RFB*

*Em 2003, tomou posse como Auditor-Fiscal do INSS, mais tarde unificado com a Receita Federal. Iniciou suas atividades na fiscalização externa na Regional de Ijuí/RS (atualmente pertencente à DRF - Delegacia da Receita Federal de Santo Ângelo). No final de 2004, ocupou a chefia de fiscalização na DRF Poços de Caldas/MG. Na DRF Varginha, assumiu de 2005 a 2016 a chefia de equipe fiscal; em 2016, a chefia de fiscalização e, de 2017 a 2021, a função de Delegado Adjunto. Na DRF Uberlândia/MG, exerceu a função de Delegado entre 2021 e 2022. Atualmente, é o titular da Delegacia da Receita Federal de Varginha/MG.*

Minha experiência de ingresso na Receita Federal do Brasil (RFB) traz reflexos positivos desde a época da posse, pois todas aquelas pessoas com quem convivi no início são eternos colegas e amigos. Na medida do possível, até os dias atuais, encontramos-nos, principalmente nos eventos da RFB.

Em 13 de janeiro de 2003, tive a honra de assumir o cargo de Auditor Fiscal em uma Delegacia no Rio Grande do Sul, atualmente DRF Santo Ângelo. Tudo começou quando saí de Belo Horizonte, com uma temperatura amena de 20º C, com destino ao interior riograndense, onde a temperatura chega perto dos 40º C no verão. Isso já mostrava que precisaria de um período de adaptação ao novo ambiente.

Logo na apresentação, fui recebido pelo chefe da fiscalização, que, de forma muito gentil, se prontificou a me ajudar a encontrar um imóvel para eu morar com minha família. Esse chefe era diferenciado, pois sua



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

intenção era unir os Auditores Fiscais antigos e novatos. Foram providenciados encontros diários e churrascos nos finais de semana. Detalhe: no dia a dia, era servido o tradicional chimarrão para que os novatos se adaptassem.

Passado o momento de adaptação inicial, fomos todos para as atividades de fiscalização externa. Foi um período marcante e histórico, quando vários acontecimentos ficaram na memória de todos. Tivemos momentos de tensão em fiscalizações com alto índice de periculosidade, em que muitos contribuintes se julgavam injustiçados, outros consideravam os valores dos autos de infração elevados; ou seja, ninguém queria ser fiscalizado. Os fiscais novatos estavam com toda a disposição para encontrar irregularidades e divergências na aplicação da legislação e no cálculo dos tributos, fato que marcava a atuação da equipe de fiscalização. Todos os índices na área subiram de maneira significativa.

Um detalhe interessante era que as fiscalizações eram concentradas, quinzenalmente, em uma região específica da Delegacia. Isso mostrava uma presença fiscal atuante na região com vários auditores no mesmo município e em municípios limítrofes. Mas o que mais marcou esse período inicial foi a união dos Auditores Fiscais antigos e novatos. Houve uma integração em todos os níveis, tanto profissional como familiar. Os colegas antigos estavam presentes ao lado dos novatos com orientações constantes, mostrando a forma de aplicar o conhecimento teórico da legislação nos casos concretos.

O espírito de coleguismo foi expandido também para os laços familiares, pelo qual as famílias se encontravam de forma constante, incluindo cônjuges e crianças. Foi um momento que fez surgir muitas amizades, que se refletem até os dias atuais. Esse período de adaptação durou quase um ano. Foi uma experiência que guardo na memória. São daqueles momentos imortalizados.



Muitos destes colegas são ex-Delegados ou atuais Delegados em diversas unidades da RFB, mas o companheirismo e amizade permanecem entre todos até hoje. Sinto-me muito realizado e agradecido por ter vivido momentos marcantes de ingresso na RFB, impactando de forma positiva a minha vida e de minha família.



## **Perdas e ganhos**

Luzia Souza Santos

*Assistente Técnico-Administrativa*

*Ingressou no Ministério da Fazenda em 2015, no cargo de Assistente Técnico-Administrativo. Na atualidade, exerce a função de Fiscal de Contratos no Serviço de Programação e Logística da Delegacia da Receita Federal de Feira de Santana/BA.*

De onde veio essa, ficaram outras muitas, e haverá mais também, possivelmente. Se fosse um equívoco pontual, ou sem maiores consequências, ficaria na conta do esquecimento. Esse não é o caso, entretanto. Mal dissipo um fato, acabo por me envolver em outro. São muitos e têm se agravado com o passar do tempo; de uma maneira tal que não vejo precedente na história das confusões. Pode ser também porque nunca comentei sobre elas com ninguém, exceto agora, com vocês. Talvez até haja por aí algum incauto que se identifique com isso. Mas enquanto não tenho certeza, imagino que, em termos de trapalhada, sou exclusiva.

Importa saber que cada ocorrência adquire um peso de crime para mim. Demora muito até aliviar a culpa, seja pela amenização do problema, às vezes, ou porque tenho que dar lugar ao caso seguinte, o que ocorre na maior parte do tempo. O leque de constrangimentos é grande, e só há pouco tempo descobri um fundamento a mais para isso. Bem assim, não me dão motivo para orgulho, mas preciso relatar um deles, relativo ao trabalho, pela abrangência dos atingidos.

Pois bem, era 17 de junho de 2024, não havia sido um dia padrão de expediente. Ao contrário, passei em consultas médicas. Passava das 20



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

horas quando consegui chegar em casa. Uma simples viagem perdurou a jornada de um dia inteiro. Sendo a temporada dos festejos juninos, havia muita gente a embarcar/desembarcar, barulho e alvoroço em todo lugar. Retornei extenuada, sem disposição. Apenas por força da curiosidade, após a rotina usual, agora por volta das 23 horas, passei os olhos nas mensagens de trabalho para ver o que havia ficado por fazer e ir preparando o ânimo até o próximo dia. Nessa averiguação, vi no aplicativo de *chat* o alerta de uma correção necessária até o dia seguinte - o qual, a propósito, começaria dali a menos de uma hora. Como me conheço, sabia que diante de uma demanda importante e imediata, poderia ficar mais nervosa que o costumeiro e comprometer o resultado. Para aliviar a tensão, então, pensei em começar logo naquele momento, e assim o fiz. Mas essa não foi uma sábia decisão.

Embora o intuito fosse o de adiantar o trabalho, a tentativa não rendeu frutos. Não identifiquei as soluções mais claras para o problema. Encaminhei-me por curso engenhoso (que por fim, nem serviu) e nele segui até por volta das duas horas e cinquenta minutos, quando sucumbi para reiniciar ao amanhecer, em trabalho presencial.

A partir de então, entre uma tentativa frustrada e outra, foi-me sinalizado sobre as informações que buscava. Logo, só não as havia identificado por não as ter procurado no lugar exato. De posse dos dados, o necessário foi revisto, concluído e encaminhado.

Talvez você se pergunte qual o grande prejuízo, afinal, se o objetivo pretendido foi alcançado? Ocorre que a confusão se deu no curso da atividade, não em sua conclusão. Durante o acesso intempestivo da madrugada, entre um arrastar do mouse e outro, movi uma pasta, sem perceber. Não uma das minhas, criadas para as demandas do dia a dia, tampouco uma das utilizadas no setor, compartilhadas entre os que exerciam atividades semelhantes, podendo remediar o dano entre si. Não, a pasta atingida destinava-se a outro setor e compreendia incontáveis arquivos, de diferentes servidores.



Àquela altura, ainda não estava ciente do fato, mas, no dia seguinte, um servidor ou outro recorria à Seção de Tecnologia e Segurança da Informação - Satec, por não conseguir acessar seus arquivos; ao passo que eu, da minha parte, incomodava-me muito com a “colocação” repentina daquela pasta ali, bem no caminho dos meus arquivos.

Não demorou muito até se descobrir a origem do problema. Na tarde do dia 18, fui chamada no *chat*, mas sem nenhum detalhamento por esse canal. A revelação seria presencial.

Uma vez a par do ocorrido, assumi o malfeito apenas por reflexo, eu acredito. Talvez externamente aparentasse ainda alguma tranquilidade, enquanto rememorava os fatos para identificar o momento exato em que o ato provavelmente se concretizou. Mas, na verdade, meus batimentos estavam acelerados. Senti um nó na garganta que demorou a se desfazer. Minhas mãos gelaram. Ao final do expediente, passei pelos corredores da DRF consumida pelo remorso. Revivi esse fato por alguns dias.

Perguntei, na ocasião, se a pasta em questão poderia ser restabelecida ao local de origem e sim, apesar do trabalho envolvido. A utilização de um atalho evitaria esses infortúnios? Certamente. Tenho utilizado mais esse recurso, desde então. Naquele momento, entretanto, nem me ocorreria tal possibilidade.

Considerando-se que descobri, muito tardiamente - depois de quase uma vida inteira de adulta, das vivências no meio escolar, acadêmico e laboral - que tenho TEA (Transtorno do Espectro Autista) e, associado a ele, o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), deveria ter lembrado que, depois de um dia inteiro sob experiência (compulsória) sensorial tão intensa, iniciar o trabalho naquele momento não haveria de ser uma boa ideia.

Ainda estou assimilando essa realidade. Mas, de certa forma, ter ciência do diagnóstico foi um ganho para mim. A partir dele, comecei a entender por que preciso sempre empregar tanto tempo e energia para a



consecução de uma tarefa; para cumprir minha programação ou mesmo montá-la; para não me distrair com fatores externos; para lidar com barulho, iluminação, situações imprevisíveis e com as “crises” - que, até então, não reconhecia como tal - presentes quando o grau de esgotamento decorrente do processamento dessas situações atinge o auge.

Realmente, até pouco tempo, não sabia por que fatores usualmente imperceptíveis para a maioria dos indivíduos me afetavam tão facilmente. Não havia o reconhecimento e a associação das manifestações supracitadas a partir de uma característica em comum. Esse esclarecimento simplesmente não existia. Então, chegar a ele trouxe alívio.

Apesar disso, reconheço que as perdas decorrentes de tanto tempo sem diagnóstico foram significativas. Durante esse período, as soluções para atender a necessidades tão específicas de adequação no trabalho acabaram sendo criadas intuitivamente, o que, por vezes, tornou o exercício das atividades laborais mais desgastante.

No que diz respeito ao forte incômodo com barulhos que sempre senti, por exemplo, costumava utilizar fones (mesmo sem estarem conectados a nenhum dispositivo) para amenizar os ruídos, inibir a interação de outros comigo e, por consequência, eventuais interrupções. Para o primeiro objetivo eles nunca produziram o resultado esperado, e ainda machucavam os ouvidos.

Já não recorro mais a esse mecanismo. Utilizo um protetor auricular pequeno, semelhante a um fone. Quando bem pressionada, a borrachinha das extremidades reduz bastante os ruídos. Sem esse empecilho, a chance de dispersão durante o trabalho é bem menor.

Autismo não é uma doença. Por isso, não espero que as características decorrentes dele desapareçam por completo, em algum momento. Na verdade, os fatores citados anteriormente integram minha rotina desde sempre, em todos os ambientes. Ocorre que, em razão do



esclarecimento adquirido, posso lidar melhor com eles agora, identificando os meios para otimizar meu trabalho e favorecer o alcance dos meus objetivos.

Obviamente, como a ocorrência em questão demonstrou, ainda não obtive pleno sucesso nesse alvo, mas estou a caminho.

Acredito que o conhecimento a respeito desse assunto é de grande valia não apenas para os próprios indivíduos, mas para a Administração. Sobretudo porque a decisão quanto à necessidade de ajustes, às vezes, ultrapassa o âmbito individual, passando pelo crivo organizacional. Assim, um conhecimento bem fundamentado acerca do tema aumenta a assertividade na tomada de decisões durante esse processo, podendo, inclusive, embasar o direcionamento desses profissionais para as tarefas nas quais apresentem melhor rendimento, de acordo com os muitos dons que talvez demonstrem.

Tenho consultado algumas atualizações na legislação acerca do tema, mas percebo que a aplicação de boas propostas já previstas em lei não ocorre tão prontamente. Ainda é necessário bastante esforço para implementá-las.

A pouquíssima - quase inexistente - oferta de abordagens terapêuticas voltadas especificamente para adultos TEA é um exemplo disso. Na verdade, não sei o que se imagina que ocorre com um portador de TEA após a adolescência, na vida adulta. Indiscutivelmente, as ofertas de tratamento destinadas a crianças e adolescentes são necessárias para que identifiquem e desenvolvam mais prontamente suas potencialidades. Não obstante, as crianças crescem, e nem todos os indivíduos são diagnosticados desde cedo. Talvez sejam surpreendidos com essa informação quando já adultos, no curso de sua vida acadêmica, profissional etc. Por isso, a ausência de um planejamento voltado para adultos TEA é lamentável.





Naturalmente, cada TEA é único. O ponto de partida para minhas conclusões restringe-se, tão somente, à minha própria vivência, sem qualquer aplicação para outros servidores com o mesmo diagnóstico. Mas, em linhas gerais, creio que um intercâmbio de informações entre interessados que queiram compartilhar entre si obstáculos vencidos, esclarecimentos adquiridos, mudanças implementadas, enfim, poderia amenizar a falta citada, gerando ganhos para os envolvidos e as organizações que integram.



## ***Receita Federal e uma experiência congelante***

Maria Cecília de Souza Dias Furonì

*Analista Tributária da RFB*

*Ingressou na Receita Federal em 1987. Trabalhou com assessoria de comunicação, cadastros, atendimento ao público, plantão PIR - Imposto de Renda - Pessoa Física, supervisão do serviço de autoatendimento orientado e em atividades de qualidade de vida. Aposentou-se em 2020, com reversão em 2024, voltando às atividades na equipe de Gestão de Pessoas na 8ª Região Fiscal.*

Em 1987, ingressei na Receita Federal, quando a instituição passava por mudanças em seu quadro de servidores. Na época, eu tinha 23 anos e um grande desejo de aprender sobre imposto de renda, pois concluía minha formação em ciências econômicas. Na minha experiência anterior em um banco privado, recebi um “bóton” de atendente de Imposto de Renda durante a entrega das declarações, mesmo sem nunca ter feito uma.

No início do meu ingresso na Receita Federal, não havia ainda uma possibilidade que me permitisse esse aprendizado, pois como as mudanças no quadro funcional ainda eram recentes, não havia atribuições definidas para o meu cargo e, tampouco, naquele momento, oportunidades no sentido de aprender a legislação de imposto de renda, algo tão almejado para quem vislumbra trabalhar nesse órgão. Quando falamos aos leigos sobre Receita Federal, logo vem à mente o tão temido Imposto de Renda Pessoa Física.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Na ocasião, fui me familiarizando, aos poucos, com as atividades. Comecei na área de Assessoria de Comunicação e fui tomando conhecimento de outras áreas até que, em 1994, comecei a trabalhar com atendimento para dúvidas de imposto de renda por telefone, o que me permitiu aprender e oferecer à população um atendimento que abrangia desde as questões mais simples até as mais complexas. Lembro-me de que auxiliávamos os contribuintes nos cálculos de Imposto sobre Ganho de Capital por telefone!

Não foram poucas as vezes em que, do outro lado da linha, eu recebia elogios que sempre vinham acompanhados de manifestações de carinho e agradecimento e até de convites para um cafezinho na casa das contribuintes, que desejavam retribuir o serviço. Porém, de minha parte, restringia-me a agradecer cordialmente ao encerrar o atendimento.

Aos poucos, a Receita Federal foi passando por inúmeras transformações, tanto no que diz respeito às ferramentas de trabalho, com a evolução da tecnologia, quanto no atendimento ao contribuinte.

De posse de todo esse conhecimento adquirido e por ter oferecido um trabalho de excelência aos contribuintes, em 2001 fui convidada a fazer parte de uma equipe do Plantão de Imposto de Renda, à época da entrega de declarações.

Era uma nova forma de atendimento oferecida, por meio de palestras informativas, com *slides* de apresentação que abrangiam as dúvidas mais comuns e com esclarecimentos posteriores sobre as questões específicas de cada contribuinte que não conseguisse resolver seus questionamentos durante as palestras.

Participei do Programa Imposto de Renda de 2001 a 2013, ministrando palestras e esclarecendo dúvidas dos contribuintes, e essa experiência foi enriquecedora. Fazia três exposições por dia, esclarecendo todo tipo de dúvida, algumas muito simples e outras mais complicadas.



A cada ano, todos os conhecimentos em matéria de legislação de imposto de renda foram se agregando, tanto que, após o período de entrega da declaração, percebi que me agradava esse contato com as pessoas e que tinha uma satisfação imensa em ajudar aquele contribuinte que saía satisfeito ao ter sua dúvida esclarecida.

Os convites para chazinho e cafezinho continuavam, e agora o carinho vinha com toalhinhas de crochê, quindins, chocolates que, pela ética da função, não poderíamos aceitar. Mas o “muito obrigado” e o “você esclareceu minha dúvida”, acompanhados de um sorriso de confiança, me satisfaziam de tal forma que, quando terminava o período de entrega da declaração, algumas vezes batia um vazio.

Porém, diante de todo esse histórico que guardo, o fato mais curioso que me ocorreu durante toda essa trajetória foi proporcionado por um senhor muito educado que atendi. Não me lembro o ano exatamente, pois fiz atendimentos no Plantão do Imposto de Renda por 12 anos. Após meu atendimento nesse dia, ele me disse prontamente que eu era uma “pessoa rara”, que tinha muitos conhecimentos e que sabia transmitir de forma clara esses conhecimentos que, para os mais leigos, eram bastante complexos. Ele afirmou que a forma como me expressava e me comunicava tornava tudo muito mais simples.

Fiquei feliz com o elogio, mas aquele senhor, olhando para mim de maneira bem séria, me fez uma proposta inusitada. Até agora, quando me lembro dessa passagem, consigo reviver claramente aquele momento e, até hoje, tenho o cartão dele guardado entre minhas coisas e lembranças.

Pois então, esse senhor olhando bem nos meus olhos e com um ar tranquilo, porém seguro, informou que uma pessoa humana feito eu merecia permanecer no universo. Eu, sem entender muito o que ele estava dizendo, agradei prontamente, com receio, mas entendendo que meu atendimento foi importante. Imaginei que ele iria, tanto quanto as outras



pessoas, querer agradecer com docinhos, chocolates, coisas que insistem em oferecer, mas que entendemos os limites para receber tais “mimos”.

Aquele senhor, ainda olhando para mim, me perguntou de forma incisiva se eu aceitaria ser congelada. Eu pensei: “Como assim?” Ele me explicou o motivo para tal convite inusitado. O objetivo era simplesmente não morrer e levar comigo toda a bagagem humana e conhecimento que eu tinha adquirido. Ele me disse que a ciência da qual ele era estudioso estava tentando congelar pessoas para recuperá-las em toda a sua essência e conhecimento anos depois - ou séculos, sei lá!

Em seguida, ele me deu seu cartão de uma fundação de criogenia com localização nos Estados Unidos e no Brasil. Enfim, eu estava falando com o neurocientista presidente da tal fundação, sobre a qual, até então, eu não tinha conhecimento da existência e, tampouco, desse método ou estudo.

Fiquei sem palavras, na verdade meio “congelada” após tal proposta. Agradei e guardei o cartão. No momento em que estou escrevendo este texto, por curiosidade, pesquisei o nome do contribuinte na internet e descobri que ele faleceu em 2015.

Fato é que não foram poucas as vezes que atendi pessoas que me agregaram conhecimentos e histórias de vida, mas, em especial, mesmo com os convites para o chá e as toalhinhas de crochê, tão especiais e carinhosas, que, por força da profissão, eu recusava educadamente, esse fato ficou gravado na minha memória como um reconhecimento pelo meu trabalho vindo do público que um dia necessitou dos serviços da Receita Federal.

Por fim, de todo o conhecimento, de toda a satisfação e valorização que, a despeito das inúmeras fases e transformações sofridas pela nossa instituição, guardo momentos como esse, em que, apesar de não ter a



pretensão de ser congelada, valem a pena na nossa breve vida funcional dentro da Receita Federal!

Que os novos colegas tenham muitas histórias para contar, em suas fases, de acordo com suas vivências e conhecimentos. Que, com as novas formas de executar suas funções, eles contribuam para transformar seus ambientes de trabalho, a vida da sociedade e seus próprios caminhos, repletos de expectativas e realizações.



## **Recordações do começo de tudo**

Ney Carline Limonge

*Auditor-Fiscal da RFB*

*Ingressou na RFB em 1994 no Porto de Rio Grande/RS. Trabalhou também em Campinas/SP, na Alfândega do Aeroporto Viracopos e na Delegacia da Receita Federal no Rio de Janeiro/RJ. Atualmente, se encontra em atividade no Serviço de Controle Processual da Superintendência da 7ª Região Fiscal, RJ.*

### **O início de tudo**

Nunca conheci alguém que, quando criança quisesse ser Auditor ou Analista da Receita Federal. Eu mesmo queria ser engenheiro, e muitos de meus amigos desejavam se tornar médicos ou advogados. Por isso, acabamos vindo trabalhar na RFB por diversas razões.

Quando prestei concurso no início dos anos 90 para AFTN (na época Auditor Fiscal do Tesouro Nacional), o país atravessava mais uma das infindáveis crises econômicas. Após trabalhar em várias empresas privadas, enxerguei no serviço público uma oportunidade de me estabilizar em uma carreira que fosse importante para o país.

Após ser bem-sucedido, comecei a exercer minha função em janeiro de 1994, em Rio Grande, RS. Fui trabalhar no porto daquela cidade juntamente com trinta outros novos colegas oriundos de todos os estados. Antes disso, efetivamente, minha primeira experiência na RFB se deu no curso de formação de AFTN, atual AFRFB, realizado no Rio de Janeiro.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

### O curso de formação

A classe era composta por quase sessenta pessoas, sendo que a maioria era casada, inclusive eu. Sentimos um clima festivo pela nossa chegada, pois iríamos substituir “veteranos” auditores localizados nas fronteiras ou nos inóspitos cantões Brasil afora. Fazia um bom tempo que não havia concursos de remoção.

Receber o material fornecido pelo Ministério da Fazenda que nos acompanharia ao longo do curso, coroava o esforço realizado para fazer parte da Instituição. Ao chegarmos, nossa primeira atividade foi uma dinâmica de grupo. Cada membro foi convidado a se apresentar, com um breve currículo e expectativas. Foi uma catarse.

Os relatos eram emocionados, e um deles me chamou a atenção. Um colega, ainda servidor de alguma força armada, falou do dia mais feliz de sua vida: “Foi quando retornei ao Rio de Janeiro após iniciar minha vida militar bem longe de casa”.

Considerando que a previsão para todos da turma era tomar posse em local ainda mais distante, achei que aquele sujeito tinha muita sorte. Ele teria a oportunidade de vivenciar a mesma felicidade ao retornar, pela segunda vez, à sua cidade natal.

Anos mais tarde, de volta ao Rio, estando em um papo informal com um de meus chefes, ele me perguntou se eu não o reconhecia, pois ele lembrava de mim do curso de formação. “Ahhhh, claro. Agora sim. Você era militar e foi designado para a fronteira...”. A história contada há pouco me veio à mente. “Olha aquele sujeito do depoimento emocionado aqui de volta. Deve estar muito feliz”, pensei.

Entre os colegas havia um muito simpático, que já trabalhava na Receita, porém no Espírito Santo. Além de eloquente, possuía uma “voz de veludo”. Eu falava com frequência: “Sua voz é muito bonita. Com ela você vai longe”. E estava certo, pois, entre muitos do grupo que despontaram





em lideranças da RFB, este chegou a ser subsecretário. Claro, não foi só pela voz, mas conforme havia previsto, ele foi longe.

Finalizado o curso, a preocupação passou a ser o cumprimento dos trâmites burocráticos para tomar posse. Quem trabalhava em empresa privada, como eu, precisava sair do emprego e dar baixa na carteira de trabalho. Para meu azar, tive grande prejuízo. Durante o curso de auditor, recebi proventos da empresa que foram integralmente ressarcidos por ocasião da rescisão trabalhista deixando-me em sérias dívidas.

### **A viagem**

Minha viagem se tornou uma epopeia. Até aquele momento, o mais distante que viajei em direção ao sul, foi para a cidade de São Paulo. Para chegar em Rio Grande, ultrapassaria esse limite por quase 1.500 quilômetros. A previsão era pegar a estrada com minha esposa, sem a intenção de voltar tão cedo. Logo, não poderia deixar nada de importante para trás, levaria o que coubesse em meu carrinho à álcool.

Muitos colegas cujos cônjuges tinham emprego, vivenciaram o drama da separação. Para estes, o início de um novo trabalho em local remoto, ainda que, por escolha própria, significou uma ruptura de vida que trouxe bastante sofrimento.

Após tudo arrumado, meu veículo ficou lotado até o teto. Cabe mencionar que um colega de Três Pontas, MG, viajou para o mesmo destino, sem escalas, com mulher, três filhos e um cunhado que com ele revezava a direção, além de muita bagagem num pequeno automóvel. Após a façanha, seu carro era chamado de Enterprise por todos enquanto morou por lá.

No meu caso, devido à enorme ansiedade, saí de casa em meio ao intenso calor do Rio por volta das 13 horas, imaginando descansar depois



de passar pela cidade de São Paulo. Mas o trajeto foi tão tranquilo e rápido que resolvi aproveitar a claridade do horário de verão e continuar. “Vamos dormir em Registro, SP, divisa com o Paraná”, falei. Não tinha ideia do que estava por vir.

Cerca de uma hora após entrarmos na Rodovia Régis Bittencourt, em direção a Curitiba, a BR-116 que até então estava razoável, se reduziu a uma pista de mão dupla com acostamento irregular, cheia de grandes e furiosos caminhões.

Em pouco tempo, o escuro da noite chegou, trazendo junto uma chuva torrencial. Em meio ao trânsito de veículos pesados, com vidro embaçado e água por todo lado, quis parar, mas não tinha onde. Nessa hora, compreendi o porquê daquela estrada ser conhecida como “Rodovia da Morte”. Restou-me rezar e acompanhar as luzes vermelhas dos caminhões para conseguir chegar vivo na primeira parada: um hotel na beira da estrada em Registro.

Para evitar outro susto, no segundo dia de viagem ainda pela tardinha, com muito sol, em vez de enfrentar o desconhecido, resolvi parar logo após atravessar a ponte do Guaíba, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O terceiro dia amanheceu sem uma nuvem. Após o café, voltei à BR-116 que agora parecia uma reta sem fim. As montanhas ficaram para trás, e pelo caminho observava grandes fazendas de pecuária e um céu que parecia mais infinito e azul do que o de costume. Em ambos os lados da pista, pelo acostamento, pássaros pretos comiam grãos de soja que caíam dos caminhões que transportavam esta carga. No rádio, comecei a ouvir o característico sotaque gaúcho.



### A chegada

Após passarmos ao largo da cidade de Pelotas, finalmente chegamos em Rio Grande. Cruzei o pórtico de boas-vindas na hora do almoço e dirigi agora vagarosamente até o Hotel Charrua. Lá chegando, ao desligar o veículo, minha esposa chorou copiosamente sem nunca me dizer o motivo.

Depois do *check-in* e de um rápido almoço, caminhei até o histórico prédio da Alfândega para tomar posse. Não foi um ato solene, mas apenas a entrega de documentos. Isto feito, o Delegado convocou um dos colegas da repartição para me apresentar aos demais. Do meu concurso, poucos ainda haviam chegado.

### O trabalho

Apesar de se chamar Delegacia, o trabalho era predominantemente relacionado ao comércio exterior. Meu chefe imediato à princípio me alocou na Seção Documental para fazer a análise das Declarações de Importação. Foi quando comecei a conviver com termos e expressões como Guia de Importação, DECEX, *drawback*, conhecimento de carga, entre outros.

Aprendi rapidamente o serviço, mas o achei monótono. Em pouco tempo, com a chegada dos novos auditores, fui deslocado para o desembaraço de mercadorias e comecei a realizar processos de vistoria intercalando com plantões de visita aduaneira.

A chefia aguardou a posse dos demais concursados para escolher o local definitivo onde cada auditor iria trabalhar. Muitas mulheres foram direcionadas ao trabalho administrativo enquanto eu, após rodízio em todas as áreas, exceto exportação, acabei por ficar no setor de Vigilância, sendo um dos responsáveis pela visita aduaneira aos navios que lá chegavam.



Com pouco tempo de serviço, já podia ser considerado uma autoridade, afinal, o porto era uma zona primária sob supervisão da Receita Federal. A Marinha, Polícia Federal e demais órgãos sempre solicitavam autorização à Vigilância quando necessitavam ingresso nas dependências do porto.

Enquanto estive lotado em Rio Grande, realizei mais de mil visitas aos diversos tipos de embarcações que possuíam improváveis nacionalidades. Fosse de dia, de madrugada, com calor ou com o frio uivante do Sul, tão logo atracasse ou fundeasse o navio, lá estava eu para recepcionar e liberá-lo para operação.

Uma vez, quando uma embarcação proveniente da “China comunista” chegou, convidei um colega auditor, que era chinês de Taiwan, para me acompanhar. Ao entrarmos, alguns membros da tripulação cochicharam em seu idioma e foram prontamente interpelados por meu amigo. Em seguida, perguntei o que foi falado, quando então ele me disse que os tripulantes achavam que ele era coreano. “Eu sou é chinês”, respondeu, surpreendendo a todos. O encontro com o comandante do navio é uma história à parte.

O trabalho no porto me fez ver o quanto é importante a nossa função na regulação da concorrência interna e no incentivo ao comércio exterior, seja de importação ou exportação. Iniciar minha função em Rio Grande com dezenas de novos companheiros, promoveu um crescimento pessoal que me rendeu frutos até os dias de hoje. Fico feliz ao ver os nomes de colegas de concurso ou do porto no Diário Oficial, seja para promoção ou, mais recentemente, para aposentadoria. Por sorte, trago boas recordações dos lugares por onde passei. Torço para que todos estejam tão felizes quanto eu.

Rio de Janeiro, 2 de outubro de 2024.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

***Tinha que ser assim, com muita emoção mesmo!***

Luiz Cláudio Martins Henriques

*Auditor-Fiscal da RFB*

*Ingressou na Receita Federal em 2006. É bacharel em Ciência da Computação e em Direito, e especialista em Direito do Estado e em Direito Tributário e Auditoria Fiscal, ambos pela Universidade Católica de Brasília. Trabalhou na Coordenação-Geral de Tecnologia e Segurança da Informação; na Delegacia da Receita Federal - DRF/Franca/SP e, atualmente, exerce a função de Delegado na DRF/Uberlândia/MG.*

O ano de 2006 foi um marco divisor de águas na minha vida. Foi o ano em que ingressei na Receita Federal, o ano que alcancei um grande objetivo de vida, após uma jornada de vários anos de estudo.

De quando em vez, fico pensando de onde veio esse desejo de trabalhar numa instituição de tamanha relevância para o país, mas que, até certo ponto da minha vida, eu não conhecia. Seria para garantir uma melhor situação financeira? O que seria algo normal de se pensar e que, no meu caso, sim, havia esse componente. Não sei se era só isso. Então, o que mais me movia?

Seria uma necessidade interna de provar para mim mesmo que eu era capaz de ser aprovado em um dos concursos mais difíceis e concorridos do país? Para mim, de fato, esse também era um motivador, já que eu vinha de sucessivas derrotas em outros certames, principalmente na juventude, quando não consegui ingressar na Força Aérea. Mas seria essa a única motivação ou existiriam outras?



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Seria uma influência do meu pai, que era auditor-fiscal aposentado da extinta Secretaria da Receita Previdenciária? Ou talvez a influência de um professor que tive na universidade e que era (e ainda é) servidor da Receita Federal? Ou teria sido o que senti quando ainda era funcionário da empresa de processamento de dados de Uberlândia?

Na ocasião, precisei resolver um problema na Receita Federal e fui atendido de modo muito gentil por uma servidora da Seção de Fiscalização da Delegacia. Com muita paciência, ela ajudou-me a compreender o que precisava ser feito para solucionar o problema que estava impactando a situação fiscal da Prefeitura. Teria sido isso?

Ainda não sei exatamente o que me fez ter um interesse tão grande pela Receita Federal. Talvez tenha sido o conjunto de tudo isso. O fato é que meu ingresso na instituição não foi nada fácil. Algo que não é novidade para muitos, haja vista o grau de dificuldade do processo seletivo. Mas, no meu caso, foi com muita luta, dedicação e fortes emoções.

Neste contexto, os anos de 2005 e 2006 jamais sairão da minha mente, e explicarei o porquê... Desde 2004, estava decidido que a única forma de melhorar a situação financeira da minha família seria sair do emprego que eu tinha e ir para o setor público. O objetivo final era entrar na Receita Federal, mas não estava fácil, pois já havia participado de outros processos seletivos da instituição sem conseguir a aprovação.

Então, comecei 2005 com foco total nos estudos e, com certo desespero, inscrevi-me para vários concursos naquele ano. Primeiro foi o da Procuradoria Geral da República, depois o do Tribunal de Contas da União e teve ainda o do Tribunal Regional do Trabalho. Fui reprovado em todos eles, porém hoje entendo que tudo fez parte de um processo evolutivo de aprendizado.

Finalmente, em outubro de 2005, foi publicado o tão esperado edital do concurso para o cargo de Auditor-Fiscal da Receita Federal do



Brasil, o primeiro que incluiu Direito Previdenciário nas disciplinas avaliadas, algo que não era novidade, pois estava em andamento o processo de criação da “Super Receita”. Também o primeiro e único que disponibilizou vagas específicas para a área de especialização em tecnologia da informação para aquele cargo.

Eu já estava em um ritmo pesado de estudos e, a partir daí, intensifiquei ainda mais. Porém, eu não tinha muitas horas disponíveis, já que trabalhava durante o dia. O que me restava era aproveitar ao máximo o período da noite, os feriados e os finais de semana. Algo que também não chega a ser novidade aos concurseiros.

Mas, durante a caminhada dos mais de sete meses, entre a data da abertura do concurso e a data da Portaria de nomeação, muitos fatos inusitados ocorreram. Lembro-me de alguns deles como se fosse hoje.

Em um domingo de outubro daquele ano de 2005, quando estava a caminho da missa na Catedral de Santa Terezinha, subindo a pé pela Rua Olegário Maciel, avistei um carro com placa de Brasília. O que aconteceu na sequência foi estranho. Numa fração de segundos, sonhei de olhos abertos, imaginando com grande realismo que em breve estaria na mesma situação, ou seja, morando em Brasília e vindo a Uberlândia para visitar meus familiares.

Depois desse episódio, outro foi ainda mais marcante. Já era a semana do concurso, e eu havia comprado as passagens de ônibus para ir à capital do país, local onde faria as provas. Lembro-me de que o ônibus sairia de Uberlândia no final da noite de sexta e chegaria em Brasília por volta das cinco horas da manhã de sábado, dia da primeira prova.

Pois bem, tudo estava caminhando conforme o planejado, foi então que no dia anterior à viagem, durante o almoço, acabei discutindo com minha filha mais velha, à época com apenas 4 aninhos. No meio do “bate-boca”, veio um clarão na mente e algo me dizendo para verificar minhas passagens.



Fiz isso, e descobri que havia comprado a passagem de ida com data incorreta. Em vez de comprar para a noite de sexta, a passagem estava para a noite de sábado. Quando percebi o duplo erro cometido, abracei minha filha, pedi desculpas pela discussão e a enchi de beijos.

Logo em seguida, saí correndo para a rodoviária e, por ação divina, consegui trocar a passagem. Não fosse o ocorrido, teria eu descoberto o equívoco só na hora do embarque e perdido a viagem, o que, provavelmente, inviabilizaria minha ida a Brasília no dia seguinte.

Mas os fatos inusitados não pararam por aí. No sábado da primeira prova, cheguei a Brasília com o dinheiro contado para as minhas despesas. E estava tudo contado mesmo. Entretanto, não calculei corretamente o que gastaria com transporte e, logo na ida do hotel para o local da prova, precisei pegar um táxi, gastando muito além do previsto.

Porém, por outra ação divina, encontrei, na saída da prova, um colega que havia se formado comigo e que morava em Brasília. Ele estava lá dando apoio para seu cunhado, que também fazia o concurso. Meu colega se ofereceu para me levar de volta ao hotel e ainda fez mais: no dia seguinte, apanhou-me no hotel e me levou até o local da prova, e depois, no final, ainda me levou à rodoviária. Foi incrível, e isso me ajudou muito com as despesas daquela viagem.

E outros fatos estranhos continuaram acontecendo. Lembro-me, por exemplo, de que passei um frio terrível na tarde do primeiro dia de prova, pois o ar-condicionado da sala estava ligado no máximo. Era um sábado de verão, e eu estava em Brasília, numa sala de aula da antiga Esaf (Escola de Administração Fazendária) no Jardim Botânico. Não imaginei que sentiria frio, mas foi o que aconteceu. Acho que isso fazia parte do processo seletivo, um teste psicológico para avaliar a capacidade de superação e a vontade de ingressar na Receita Federal. Consegui vencê-lo!





Outro momento marcante aconteceu durante a prova de português. Em outras edições do concurso, a disciplina de conhecimentos gerais, que incluía português, era colocada no primeiro dia. Naquele ano, porém, foi realizada na tarde de domingo, o que, de certa forma, afetou a estratégia de muitos candidatos, incluindo a minha. Mas o interessante foi o que aconteceu comigo. Eu havia voltado do almoço e resolvi começar a prova de conhecimentos gerais por português, mudando a estratégia que havia definido previamente. Aquela foi a decisão mais acertada. Iniciei a prova, e a resolução das questões foram fluindo quase automaticamente. Era como se alguém externo a mim estivesse me guiando pelas respostas corretas. Acho que eu estava tão treinado e concentrado que nem lia por completo os enunciados. Das 20 questões, acertei 18.

Apesar de tudo ter sido incrível naqueles dias de prova, fato é que quando saiu o gabarito, percebi, entristecido, que, novamente, não daria para mim, pois não havia atingido o mínimo de pontos necessários em uma das disciplinas: matemática financeira. Foi então que novamente entrou em cena a ação divina. No edital de resultado da primeira etapa do concurso constaram a anulação de algumas questões e a alteração da resposta de outras. Isso me beneficiou. A felicidade foi indescritível, porque vi meu nome na lista dos aprovados. Eu estava lá, na 23ª posição das 30 vagas disponíveis para as Unidades Centrais, na especialidade Tecnologia da Informação.

Mas então, outro acontecimento... Na tarde ou manhã do dia 23/01/2006, foi publicado um novo edital, alterando o resultado da primeira fase. Meu nome ainda estava na lista dos aprovados, mas eu havia caído três posições. Fiquei com muito receio. Liguei na Esaf e o atendente me disse que foi necessário republicar o resultado. No entanto, já estava tudo resolvido e aquele era o edital definitivo.

Contudo, passaram-se mais alguns instantes e um novo edital foi divulgado. Passei da 26ª para a 29ª posição. Daí pensei: se houver outra



publicação com a mesma lógica das anteriores, serei eliminado. Bateu-me calafrios e desespero, afinal, já havia feito muitos planos e comemorado bastante com meus familiares.

Foi então que, novamente, liguei na Esaf e falei com um dos diretores da instituição. Ele me garantiu que aquela seria a última publicação. E foi mesmo, graças a Deus!

Mais alguns dias se passaram, com a angústia da espera tomando conta do coração, até que, em fevereiro de 2006, começava o curso de formação. Ufa! Durante esse treinamento, também houve muita emoção, esforço e dedicação.

Para começar, até aquele momento, eu não havia ficado tantos dias fora de casa sem minha família. Logo precisei enfrentar essa barreira e passar quase um mês sozinho em Brasília para, só depois, reencontrar minha esposa e filhas.

Vi colegas desesperados durante os dias de prova. Um, por exemplo, levava várias calculadoras de reserva com receio de não ter como fazer as contas. Outro teve que comparecer às aulas e fazer prova passando mal, pois não podia faltar. Outros ficaram apavorados com a notícia de que a primeira prova de Processo Administrativo Fiscal - PAF seria sem consulta.

Nem tudo, porém, foi sofrido naquela época. Teve muitas coisas boas também, como, por exemplo, a possibilidade de conhecer outras pessoas e fazer novas amizades, a chance de conhecer lugares desconhecidos e até mesmo os lanches dos intervalos de aula, com as famosas bolachinhas da Esaf. Pude ainda ver surgir a integração entre um grupo de mais de trinta pessoas que ficaram juntas por oitenta e nove dias.

E quando acabou o curso de formação, o que fazer, já que a nomeação não saiu de imediato e havia rumores de que não sairia naquele ano? Voltei com minha família para Uberlândia e tive que aguardar mais



dois meses, até que no final de junho, depois de muita angústia gerada pela espera e pelas informações desencontradas que surgiam, saiu o resultado definitivo do concurso e, logo em seguida, a portaria do então Secretário Jorge Rachid, nomeando os candidatos aprovados.

Foi assim mesmo, com muita dedicação, várias situações inusitadas e muita emoção, que consegui realizar o grande sonho de ingressar na Receita Federal, essa instituição de tanto destaque e importância para a sociedade.

E as emoções não pararam por aí. Estar na RFB tem me proporcionado experiências enriquecedoras a todo momento, como a possibilidade de sair da cidade onde cresci, estudei, casei e tive minhas filhas, e ir para lugares desconhecidos; a oportunidade de conhecer e trabalhar com pessoas fantásticas, e de várias regiões do país; ou ainda a chance de desenvolver aptidões que não sabia que possuía, como a de ser o dirigente de uma unidade e a de ser porta-voz da instituição.

Achei interessante contar essa história para compartilhar o ensinamento que extraí de todos os episódios narrados: quando você se dedica a uma causa com verdade e intensidade de alma, ainda que demore um pouco, você conseguirá atingir seu objetivo. Conjuntura dos astros, ação divina, sorte ou o nome que se queira dar, não importa: tudo conspirará a seu favor quando é chegada a sua hora.

Hoje estou aqui, podendo viver muitas outras histórias emocionantes dentro da Receita Federal, situações que jamais imaginei vivenciar, como o caso do treinamento de repressão que participei nas cidades de Curitiba e Foz do Iguaçu, em 2016, e a participação nos projetos Cidadania em Movimento e Receita para o Futuro. Porém, estas experiências deixarei para contar em outras edições do Histórias de Trabalho.



## **Três Josés e dois CPFs**

Werson Sousa de Abreu

*Assistente Técnico-Administrativo*

*Ingressou na RFB em 2015. Chefe da Agência da Receita Federal em Balsas/MA, Também faz parte da Equipe de Atendimento da 3ª Região Fiscal, trabalhando com cadastros de imóvel rural e CNPJ.*

Caro colega, esta é uma história embaraçosa e complexa, contada por um recém-empossado servidor em exercício na Agência da Receita Federal do Brasil em Balsas/MA. Então, caso tenha interesse em ler até o fim, é bom que esteja desocupado e dê total atenção a este pequeno imbróglio, digno de ser transmitido em programas de televisão do tipo casos familiares.

Vamos lá!

Era início de expediente na Agência da Receita Federal do Brasil em Balsas/MA. O *jingle* do SAGA, como é denominado o Sistema de Apoio ao Gerenciamento do Atendimento, anunciava as primeiras senhas do dia na tela de chamada. Os ventos que sopram no mês de junho começavam a assobiar pelas frestas de portas e janelas de nosso recinto. Em bandos organizados, pombos surgiam e pousavam suavemente no antigo prédio; suas asas batiam em sincronia, produzindo um leve sussurro que ecoava entre as paredes envelhecidas. O cotidiano ditava minuciosamente o seu ritmo, aquele seria mais um dia de trabalho idêntico a tantos outros: até que:



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

*PLIMMMM BOOOM - SENHA CDF4 - MESA 03.*

“Sua senha está sendo chamada, senhor”, avisa a recepcionista da agência.

Na sala de espera, levantou-se lentamente um senhor com características de homem da roça, feito tantos outros que utilizavam o atendimento daquela unidade. Por algum motivo, seu semblante estava triste. Sua pele era marcada pelo sol, sugerindo anos de trabalho árduo sob o céu aberto. Ele segurava em suas mãos um pequeno embrulho - talvez documentos ou algo precioso. Caminhou em direção ao guichê de atendimento com passos firmes, mas lentos, emanando uma dignidade silenciosa. Sentou-se na cadeira de atendimento, fixou os olhos no atendente e saudou-o com um “bom dia”.

“Bom dia, senhor, me dê seu documento de identificação e diga o que veio resolver, por favor”, respondeu o jovem atendente, fixando também seus olhos sobre o contribuinte.

Foi observado que o embrulho que o homem segurava nas mãos era, na verdade, uma sacola de supermercado. Dentro dela, havia um envelope onde estavam guardados seus documentos pessoais. Ele entregou tudo ao atendente e explicou que desejava regularizar seu CPF, pois já havia chegado à idade para se aposentar como trabalhador rural, porém não conseguia prosseguir na solicitação devido à suspensão cadastral.

Com a documentação em mãos, o atendente fez o “cara-crachá” e, vendo que os documentos realmente pertenciam ao contribuinte, iniciou o atendimento pelo portal de cadastros. Ao digitar o número de inscrição no sistema, verificou que não se tratava de suspensão cadastral, mas sim de CANCELAMENTO POR MULTIPLICIDADE.

Havia, portanto, forte indício de que ele possuísse dois números de CPF. Os dois cadastros com o mesmo nome. Para não expormos os dados cadastrais, vamos revelar apenas o primeiro nome “José” e adicionar um



sobrenome fictício “Fulano de Tal”. Ambos os cadastros eram de “José Fulano de Tal”. Também possuíam o mesmo nome de mãe, naturalidade e endereço: Povoado Vão Da Salina, Zona Rural, Balsas/MA. A única distinção entre os dois registros estava no campo “data de nascimento”.

“O senhor, por acaso, se lembra de já ter perdido seu CPF e, em vez de puxar uma segunda via na Receita Federal, ter acabado por pedir nova inscrição nos Correios ou em algum outro local?”, perguntou o atendente.

O senhor entrou em estado de nervosismo e respondeu com a voz trêmula: “Não, eu nunca perdi nada, e nem sei quem pode ter usado, pois não entrego meus documentos para ninguém”.

O atendente percebeu a alteração emocional do contribuinte e deduziu que ele poderia estar escondendo algo, já que estava relutante em responder todas as perguntas. A partir desse ponto, a nossa história começou a ganhar contornos dramáticos. Foi avisado ao humilde homem que para resolver sua situação seria essencial obter todas as informações necessárias e, que a Receita estava ali para ajudar. Em meio à conversa, o contribuinte decidiu dar mais detalhes da razão pela qual existiam dois CPFs com características idênticas, divergindo apenas na data de nascimento.

“Esse outro CPF, que está regular, na verdade, é de um irmão meu mais velho”, respondeu o senhor.

“Como assim? Não pode ser! Dois irmãos com o mesmo nome?”, indagou o atendente, bastante surpreso e desconfiado.

“Sim, senhor. Deixa eu falar...”, a voz do contribuinte voltou a ficar trêmula.

Em prosseguimento à conversa, o homem revelou que tanto ele quanto o irmão se chamavam “José” porque, na época em que nasceram, muitas crianças do interior morriam, principalmente por conta do sarampo. Em sua família, inclusive, houve a morte de uma irmãzinha ainda



bebê. Seus pais queriam muito ter um filho de nome José e, temendo perder mais um filho para a doença, deram o mesmo nome para ambos, na esperança de que, caso um falecesse, o outro “José” sobreviveria, mantendo o nome na família.

Essa explicação tocou o atendente, que percebeu a profundidade emocional por trás dos dois CPFs. Ele explicou ao homem do campo que acreditava em sua história, mas que, para reativar seu CPF, seria bom trazer o irmão ao guichê de atendimento, ambos munidos de toda a documentação pessoal, para que a situação pudesse ser ratificada documentalmente. Esta seria a solução mais prática.

A emoção mais uma vez invadiu o semblante do contribuinte, que decidiu dar ainda mais detalhes de sua vida. Ele explicou que seu irmão mais velho conseguiu se aposentar como trabalhador rural, enquanto ele, o mais novo, devido à coincidência de dados pessoais, ainda lutava para obter seu benefício previdenciário. Esse impasse gerou uma rixa na família, com acusações mútuas e ressentimentos que abalaram os laços familiares.

O irmão mais velho, que conseguiu se aposentar, vivia em constante medo de tentar resolver a situação e acabarem “cortando” seu benefício. Esse temor o paralisava, impedindo-o de tomar qualquer ação que pudesse esclarecer o mal-entendido. Por outro lado, o irmão mais novo, frustrado e ressentido, tentava compreender a posição do mais velho.

O atendente percebeu que a rixa familiar, embora dolorosa, não apagou os anos de convivência e as memórias compartilhadas. Era possível que ambos se sentissem frustrados e magoados pela situação, mas no fundo, desejassem encontrar uma solução que permitisse a reconciliação. Havia a esperança de que, superando os obstáculos burocráticos e emocionais, os irmãos retomassem a relação fraternal.

Então, foi explicado ao senhor José que existiam duas possibilidades para resolver a situação administrativamente. A primeira seria protocolar um processo digital e encaminhá-lo para uma equipe



especializada, que investigaria a duplicidade dos dados, verificando a distinção entre as duas pessoas. Esse processo, no entanto, poderia ser demorado devido à análise detalhada necessária. A segunda opção era a que o atendente já havia explicado anteriormente: os irmãos deveriam comparecer juntos à repartição. A presença de ambos permitiria que o atendimento verificasse pessoalmente a distinção entre os dois e resolvesse a confusão no cadastro de forma rápida. O atendente deixou claro que, embora essa opção pudesse ser emocionalmente desafiadora, ela era a maneira mais eficaz de acelerar a resolução do problema.

O contribuinte, refletindo sobre as opções, percebeu que teria que discutir mais uma vez a situação com seu desafeto. Embora apreensivo quanto à reação do irmão, ele entendeu que a solução conjunta poderia ser o caminho mais rápido para restabelecer seus direitos e resolver o impasse familiar. Por sorte, aquele era dia de pagamento da aposentadoria de seu irmão mais velho, que também estava na cidade para sacar seu benefício. O mais novo, aliviado em ter compartilhado a verdadeira história, decidiu por mais uma tentativa de convencer seu irmão a solucionar o embaraço de forma amigável.

“Não saia daí, vou trazer o meu irmão nem que seja amarrado”, disse o contribuinte ao servidor, com risos misturados a nervosismo. Ele saiu da repartição e se dirigiu ao banco onde sabia que seu irmão estaria.

Naquele momento, o atendente sentiu um frio na espinha ao imaginar o que poderia acontecer caso os irmãos voltassem juntos. Ele sabia que a situação era delicada e temia que a tensão entre os irmãos pudesse explodir em frente aos demais agentes públicos e outros cidadãos no local. É neste instante que destacamos o terceiro José desta história: o chefe da ARF/BALSAS/MA, José Sobrinho Moreira Neves. Funcionário público com quase 40 anos de serviço até então, José Sobrinho era conhecido por sua habilidade em lidar com situações complexas e sensíveis, resolvendo problemas com eficiência.





O atendente preparou a continuação daquele atendimento para a hipotética chegada dos irmãos e informou ao Sr. José Sobrinho sobre a complexidade do caso, solicitando que ele tentasse resolver o assunto, como um mediador experiente que era, de forma a garantir que a situação fosse tratada com a devida sensibilidade e calma. A sala de José Sobrinho ficava no andar superior do prédio da agência, acessível por uma escada de madeira que emitia um rangido característico a cada passo. O som ecoava pelo corredor, criando uma atmosfera de seriedade e solenidade que contrastava com a agitação do piso inferior.

De repente, o que parecia impossível aconteceu: o José mais novo conseguiu convencer o José mais velho a comparecerem juntos à Receita Federal. Ambos entraram pela porta da agência sem trocar muitas palavras e o clima de tensão mais uma vez pairava no ambiente. O atendente explicou aos dois onde seria dado prosseguimento ao atendimento e por quem seriam atendidos. Explicou os próximos passos e garantiu que faria o possível para resolver a questão de forma justa e rápida, respeitando a história e os sentimentos envolvidos.

Os irmãos, embora ainda nervosos, sentiram um pouco mais de segurança ao ver a disposição do atendente e do mediador em ajudá-los. Ao subirem a escada, a leve tensão começava a se dissipar gradualmente, substituída pela expectativa de uma resolução positiva. O som da madeira sob seus pés parecia acompanhar seus pensamentos enquanto refletiam sobre o que está por vir na sala do chefe.

Enquanto os irmãos se sentavam, o supervisor começou a explicar os procedimentos e a estratégia para resolver a questão dos dados “duplicados”. Sua voz experiente transmitia uma sensação de confiança e competência, ajudando a dirimir qualquer dúvida. Enquanto José Sobrinho assumia a responsabilidade de guiar os irmãos através da resolução de suas questões, o atendente decidiu focar em outros contribuintes, confiando na experiência do chefe da unidade para lidar com a situação adequadamente.



Passados cerca de 45 minutos, o rangido da escadaria voltou a ecoar no prédio, agora misturado com murmúrios e sons de comemoração. Júbilos e choro se intensificavam à medida que os irmãos desciam juntos as escadas. Eles se abraçavam, sorriam e conversavam amigavelmente, tendo, enfim, resolvido o problema que os separara por tanto tempo. Os olhos de ambos estavam marejados de emoção, expressando um misto de alegria, alívio e perdão mútuo.

O atendente, tocado pela cena dos irmãos reconciliados, não conseguia conter sua curiosidade e emoção. Rapidamente, ele subiu a escada até a mesa de José Sobrinho. Ao entrar na sala, encontrou-o com um sorriso sereno no rosto, satisfeito com o sucesso daquele atendimento. O atendente se aproximou, ainda emocionado, e expressou sua admiração pela maneira como o agente lidou com o delicado imbróglio.

Com um gesto acolhedor, José Sobrinho compartilhou com o atendente os detalhes do processo de resolução. Ele explicou como guiou os irmãos através de um diálogo sincero, utilizando sua experiência e sensibilidade para ajudar os irmãos a entenderem a importância de resolver as diferenças e cooperar para encerrar o problema. Durante a reunião, ele enfatizou a importância dos laços familiares e compartilhou histórias de situações semelhantes que testemunhou ao longo de sua carreira. Destacou, assim, como a reconciliação familiar poderia trazer não apenas paz pessoal, mas também benefícios práticos como a resolução de problemas administrativos. Ele incentivou aos irmãos a deixarem de lado os ressentimentos passados e a se concentrarem no futuro, reforçando a ideia de que trabalhar juntos para resolver suas questões poderia fortalecer seus laços e trazer realização pessoal como, por exemplo, gozarem de suas respectivas aposentadorias.

O jovem atendente ouviu admirado o relato da abordagem sábia de José Sobrinho, reconhecendo que a orientação do supervisor não apenas resolveu um problema prático, mas também teve um impacto emocional



profundo nos irmãos. Com gratidão, o atendente refletiu sobre como a experiência reforçou sua própria crença na importância de lidar com questões burocráticas com compaixão e consideração pelos aspectos humanos envolvidos.

A história dos irmãos José nos mostra que, além do conhecimento técnico e da habilidade burocrática, é fundamental entender e valorizar as relações humanas. Muitas vezes, conflitos e problemas podem ser resolvidos não apenas com documentos e processos, mas com empatia, diálogo e compreensão mútua. Esse caso nos lembra que, em qualquer profissão ou contexto, lidar com pessoas envolve lidar com suas histórias, emoções e relações interpessoais. Compreender tais aspectos não só melhora a eficácia no trabalho, como contribui para um ambiente mais humano e colaborativo.



## ***Tudo joia?***

Israel Lucieto Moreira

*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou na Receita Federal em 2006, atuando no atendimento ao contribuinte na Agência de Barueri/SP. Em 2009, foi removido para a Alfândega de São Paulo onde, na maior parte do tempo, esteve lotado no Depósito de Mercadorias Apreendidas. Durante esse período, participou de diversas operações contra ilícitos aduaneiros em atividade de reforço junto ao Aeroporto de Guarulhos, à Divisão de Repressão ao Contrabando e Descaminho e à Alfândega de Santos.*

São extremamente comuns, em épocas de grande movimento, as equipes de reforço na conferência de bagagem no Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos - André Franco Montoro, o mais movimentado do país. Em uma das oportunidades que tive de participar desse reforço, testemunhei diversas situações interessantes, mas uma em particular ficaria gravada em minha memória.

Durante um plantão noturno, na chegada de um voo proveniente dos Estados Unidos, muitos passageiros foram selecionados para a vistoria de suas bagagens, principalmente aqueles que, após terem seus pertences submetidos a uma inspeção não invasiva, revelaram alguma possível irregularidade.

Uma das operadoras do raio-X chamou minha atenção para uma das malas, dizendo que a imagem indicava uma quantidade excessiva de roupas. Fiquei curioso para verificá-la e, identificando o passageiro proprietário da mala, pedi gentilmente que se dirigisse até a bancada para inspeção.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Ele, atendendo à solicitação, colocou a mala sobre a bancada e a abriu. Fiz menção de retirar as roupas para inspecionar o interior quando o passageiro, de maneira veemente, pediu que eu não tocasse nas roupas dele, afirmando que ele próprio me mostraria o que eu desejasse ver. Concordei e pedi que retirasse tudo da mala, pois inspecionaríamos a totalidade dos itens

Havia, de fato, muitas roupas, conforme constatado pela operadora, mas não era possível afirmar que eram novas; pareciam de uso pessoal, um pouco desgastadas pelo tempo. Entretanto, ao chegar ao fundo da mala, surgiu uma pequena caixinha, em formato de cubo, de cor verde-clara, que notadamente pertencia a uma joalheria muito famosa.

Percebendo a situação, o passageiro ficou visivelmente desconcertado e tentou justificar a presença daquele item de todas as formas. Como ainda não tinha visto o interior da caixa, pedi a ele que a abrisse por favor. Para minha surpresa, dentro havia um anel com uma pedra tão grande que eu jamais tinha visto igual.

Ainda surpreso, ouvi o passageiro, numa nova tentativa, justificar que se tratava de uma aliança que seria utilizada para pedir sua noiva em casamento num jantar que haviam marcado para o dia seguinte.

Desejei muita sorte e felicidades aos noivos, mas o informei de que, se realmente quisesse utilizar o anel para propor casamento à sua noiva, seria necessário pagar os tributos devidos, pedindo ainda que apresentasse o documento fiscal da compra para que pudesse calculá-los. Ele respondeu que não estava portando o documento de compra e, sendo informado de que o valor então seria obtido por meio de pesquisas e devidamente arbitrado, disse que um amigo, que veio no mesmo voo e ainda estava aguardando a bagagem, possivelmente teria o documento.

Solicitei que ele entrasse em contato com o amigo para que viesse até a área de inspeção onde estávamos. Após alguns momentos, o amigo chegou e apresentou o documento fiscal da joalheria, revelando um valor



considerável para o anel. Analisando o documento cautelosamente, percebi que, além do anel, havia também a descrição de um colar, que eu não tinha encontrado na mala inspecionada.

Interrogando ambos os passageiros sobre o paradeiro do colar, fui informado de que ele havia ficado na origem do voo com uma terceira pessoa. Percebi que a resposta não fazia muito sentido e, olhando para a bagagem do segundo passageiro, que ainda não tinha sido verificada, aproveitei a oportunidade e solicitei que colocasse as malas na bancada para inspeção, encontrando o colar dentro de uma caixa de formato diferente, mas da mesma cor e joalheria.

Novas desculpas foram apresentadas, todas sem fundamento e, como não havia mais o que ser feito, informei os passageiros de que calcularíamos os tributos e a respectiva multa, considerando ambos os itens no cálculo.

Reconhecendo o erro ao não declararem esses itens, os passageiros fizeram o devido recolhimento dos tributos e da multa, retirando seus bens e bagagens.

Ao partirem, o supervisor da equipe, que havia acompanhado a situação à distância, me perguntou: E então? Como foi? Ao que prontamente respondi: tudo joia!



## ***Um novo tempo: o início da minha jornada na Receita Federal do Brasil***

Marina Sarti Muradas

*Analista Tributária da RFB*

*Ingressou na Receita Federal em 2013. Desde 2014, ocupa cargos de chefia na RFB e, atualmente, é Chefe da Seção Especial de Tecnologia e Segurança da Informação da 6ª Região Fiscal, conduzindo projetos estratégicos de prospecção e uso de novas ferramentas, experiência do usuário e desenvolvimento de sistemas.*

Era maio de 2013 quando chegou a tão sonhada convocação para que eu me apresentasse para a posse na unidade da Receita Federal do Brasil em Osasco/SP. Preparei-me para uma nova jornada, levando na mala meus sonhos, meus medos e, acima de tudo, minha vontade de colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Servir ao outro sempre me gerou grande satisfação. A oportunidade de vestir, literalmente, a camisa da Receita Federal era (e ainda é) um presente, fruto da minha dedicação em busca de um ideal. A alegria não cabia no peito; afinal, fazer parte desse time me permitiria contribuir para o alcance da conformidade tributária e aduaneira, para o incremento da arrecadação federal, para a promoção da segurança jurídica dos contribuintes, para a facilitação e segurança no comércio exterior e, sobretudo, para a satisfação dos cidadãos com a Receita Federal do Brasil (RFB).



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Dediquei-me, com todo cuidado, para vivenciar o tão esperado momento da posse. Chovia fraquinho naquela manhã. A ansiedade me fez chegar com bastante antecedência na Delegacia da RFB e, por isso, me permiti aguardar dentro do carro, observando as pessoas que entravam no prédio, imaginando se seriam colegas ou não, se seriam os novatos ou não, e como seriam essas novas conexões.

Destaco que, há poucos meses, a unidade havia passado por um processo correcional importantíssimo para a imagem e a história da Receita Federal. A operação Paraíso Fiscal deu fim a um esquema de corrupção que causou prejuízos estimados em 2 bilhões de reais aos cofres públicos, graças à atuação determinante da Corregedoria da RFB, a qual preza sempre pela defesa da imagem da instituição e dos bons servidores. Não nego que esse fato gerou um certo desconforto durante a escolha das lotações pelos novos servidores. No entanto, saber que o órgão atua com pulso firme no combate à corrupção, banindo da Receita Federal qualquer comportamento e pessoas que comprometem sua imagem, trazia promessas de ordenação naquela unidade.

Esse contexto permeou a minha experiência de ingresso na Receita Federal. Com coragem e esperança, lá fui eu. Recebida com sorrisos, calor humano e olhares repletos de otimismo, percebi nos colegas que já trabalhavam por ali que eles depositavam em nós, recém-ingressos, a promessa de novos ares. Senti e aceitei essa “responsabilidade”. E, por conta do destino, ou não, tive a oportunidade de iniciar minhas atividades na Delegacia colaborando na Gestão de Pessoas. Com isso, pude participar de todo o processo de reconstrução daquele time, no sentido literal, enquanto unidade harmônica, movida por um propósito comum: fazer brilhar a marca Receita Federal na Delegacia de Osasco.

Percebi que os novos colegas, recém ingressos como eu, também traziam consigo o desejo de realizar mudanças, sempre mais e melhor. Era um novo motor, uma nova engrenagem, uma nova energia. Era um novo





tempo, não só para nós, mas para todos os outros que lá estavam e que há pouco vivenciaram dias difíceis por ali.

E foi assim, naquele maio de 2013, que fiz da Receita Federal minha segunda casa, onde me dedico diariamente a fazer o melhor, com alegria e gratidão. E foi assim, naquele maio de 2013, que criei laços com pessoas que levo no coração por toda a vida. E foi assim, naquele maio de 2013, que me encantei com essa instituição, por sua grandeza e integridade.

E foi assim... e assim ainda é.



### ***Uma jornada de três décadas***

Ana Emília Baracuhy Cavalcanti  
*Auditora-Fiscal da RFB*

*Ingressou na RFB em 1991, inicialmente no cargo de Técnico do Tesouro Nacional. Em 1997, aprovou-se para o então cargo de Auditor-Fiscal do Tesouro Nacional. Exerceu as funções de Assistente na Superintendência da 4ª Região Fiscal. Foi Chefe do Serviço de Recursos Humanos, Chefe da Divisão de Gestão de Pessoas e Superintendente-Adjunta da 4ª Região Fiscal. Atualmente, é assistente no Gabinete da Superintendência e Conselheira Titular da Comissão de Ética da RFB.*

As mesas eram pesadas, com gavetas, de madeira escura e vidro sobre o tampo. Os telefones, de disco ou tecla, funcionavam como ramais internos. A telefonista auxiliava nas ligações externas. Mesas menores acomodavam máquinas elétricas de datilografia. Havia ainda calculadoras com bobinas de papel, aparelho de telex, copiadora e o chamado “terminal burro”, que não tinha capacidade própria de processamento, dependendo de um computador central para processar informações

Sobre as mesas e nos armários, carimbos, grampeadores, materiais de escritório, Diário Oficial da União, processos e ofícios representavam, à perfeição, a típica imagem de uma repartição pública na era analógica, repleta de pilhas de papéis, procedimentos normativos e uma hierarquia bem definida.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Este foi o cenário que conheci, em dezembro de 1990, ao iniciar a semana de estágio na Receita Federal, parte da segunda etapa do concurso público para o cargo de Técnico do Tesouro Nacional - TTN, que se prolongou até a efetiva nomeação cinco meses à frente.

Três décadas se passaram, e quase tudo com que trabalhei virou peça de museu. A evolução tecnológica e a digitalização não se limitaram a substituir máquinas e papéis, mas também revolucionaram a forma como realizamos as tarefas, nos relacionamos com os colegas e nos conectamos com o mundo. O escritório deixou de ser um lugar físico para se tornar um conceito. Com o avanço do trabalho remoto, a localização geográfica se tornou secundária e a produtividade, medida por resultados e não por horas presenciais, passou a ser o foco principal, exigindo organização, disciplina e autogestão.

A digitalização nos desafiou a aprender novas habilidades e a nos adaptar a um ritmo de mudança constante. Apesar da nostalgia, sinto-me privilegiada por ter vivenciado essa transformação e por fazer parte dessa nova era. Lembro-me de como foi revolucionária a chegada do primeiro aparelho de fac-símile (fax). Perplexos, olhávamos o documento ser impresso a partir de uma chamada telefônica! Isto era apenas o começo de transformações mais profundas e disruptivas.

A tecnologia contribuiu para reduzir o tempo gasto em tarefas manuais, para trabalhar de forma mais eficiente e colaborativa e para aproximar a instituição dos contribuintes, permitindo uma interação mais ágil e personalizada, por meio de plataformas digitais e canais de atendimento *online*. Apesar dos ganhos evidentes, não se pode perder de vista o desafio decorrente da diminuição do contato humano face a face e como isto afetará o relacionamento com a sociedade e a gestão das pessoas.



O encerramento da minha jornada profissional está próximo e levarei comigo a gratidão por ter feito parte desta história. Aprendi muito e fiz amigos para a vida toda. Sinto-me realizada por ter sido útil à sociedade e por ter colaborado com a instituição.

Aos novos servidores, desejo que encontrem na Receita Federal um ambiente propício para o desenvolvimento e a realização pessoal. Que sejam agentes de transformação, busquem o conhecimento, a excelência e a inovação e contribuam para construir uma Receita Federal cada vez mais moderna, humana, íntegra e eficiente, exemplo de profissionalismo e compromisso com o desenvolvimento econômico e social do país.



## ***Uma porta, várias janelas***

Débora Brígido de Sousa  
*Auditora-Fiscal da RFB*

*Tomou posse na Receita Federal em 1995 em Foz do Iguaçu/PR. Trabalha na equipe de Seleção de Contribuintes para Fiscalização, no segmento de Pessoas Físicas, na 6ª Região Fiscal.*

Dizem que quando se fecha uma porta sempre se abre uma janela, na minha experiência, eu diria que se fecha uma porta e se abrem várias janelas. Sempre temos novas escolhas e variados caminhos a seguir. Uma porta se fechou para mim no dia 10 de dezembro de 1993. Fechou e prendeu com ela vários sonhos. Na época, aos 21 anos, estava terminando a faculdade, faltava apenas um semestre para a tão sonhada graduação e a entrada definitiva no mundo adulto.

Eu era atendente no *telemarketing* passivo de um banco americano. Em suma, trabalhava dando informações sobre saldos bancários e realizando movimentações financeiras para os clientes. Ainda não estávamos sob o reinado dos *smartphones*, então o telefone analógico era o meio mais cômodo para se evitar um deslocamento ao banco.

Éramos por volta de 40 mulheres, a maioria bem jovem, com pouco mais de 20 anos. Por questões operacionais, o banco decidiu que as centrais de atendimento seriam concentradas em apenas duas capitais do país. Como nossa central de atendimento não se localizava em nenhuma delas, ela deveria ser encerrada.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Naquele dia, 10 de dezembro de 1993, todas as atendentes foram convocadas para uma reunião às 17 horas. Trabalhávamos divididas em equipes de atendimento que se revezavam nas 24 horas do dia, nos sete dias da semana. O boato sobre o fechamento da central já circulava pela “rádio corredor”, e uma reunião convocando toda a equipe não podia ser promissora.

Não foi! Fomos dispensadas com a sutileza de um paquiderme. Podem imaginar 40 mulheres chorando ao mesmo tempo? Melhor não. Guardo a lembrança para mim, compartilhada com as colegas da época. O que ficou daquele dia triste foi a decisão de nunca mais ser dispensada por “injusta causa”. A tão falada estabilidade funcional tornou-se imperativa.

Em janeiro de 1994, um mês depois daquela desagradável experiência, foi publicado o edital para o concurso de AFTN - Auditor Fiscal do Tesouro Nacional. Uma janela se abria. Aquelas letrinhas, que não faziam o menor sentido para mim, representavam uma oportunidade de segurança.

Eu já havia ouvido falar vagamente de um tal de pente fino (que não era para parasitas) e de um leão (que não era felino), ambos apavoravam os adultos. É pueril essa reflexão, mas, de fato, eu não tinha a menor ideia do que se fazia na Receita. Tinha apenas essas imagens extraídas do anedotário popular.

“Para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve”, disse o gato na história de Alice. Foi assim que pulei nessa janela. Não foi um sonho de infância, tampouco vocação; foi uma escolha consciente por estabilidade, por um bom emprego, atrelado a uma boa remuneração.

Enquanto cursava o último semestre da faculdade de Ciência da Computação à noite e fazia cursinho preparatório à tarde, mergulhei no universo dos direitos, da contabilidade, da estatística, do português, da lógica etc. Comecei, então, a desvendar o real significado daquelas letrinhas e o que me aguardava pela frente.



Há quem diga que, para passar em concurso é preciso ter sorte. Concordo plenamente, desde que ela venha acompanhada de muitas horas de estudo, dedicação, disciplina, abnegação, coragem e força de vontade. Sorte vem para quem faz por merecer. Não existe sorte como solução única, existe estudo, mais estudo e quando achar que já não consegue mais, estude mais um pouquinho. Foram dois meses de um regime espartano de estudos e muita determinação para passar.

Há também quem acredite em santos, simpatias, entidades, orixás, superstições. Tive direito à minha dose. Confiei em São Judas Tadeu e a ele dediquei minhas melhores promessas de aprovação. Foram todas pagas, e, até hoje, ele continua meu protetor nas causas impossíveis.

Naquele ano de 1994, ocorreram dois concursos para AFTN: o primeiro em março e o segundo em setembro. Fiz a pontuação necessária para não ser eliminada no concurso de março, mas foi insuficiente para me classificar entre o número de vagas disponíveis. Sorte minha, porque aquele concurso foi paralisado pela Justiça em virtude de uma fraude ocorrida no certame.

Em setembro, já formada, tive uma nova janela de oportunidade para ingressar no cargo de AFTN. Foram mais dois meses de estudos intensos, dedicados à aprovação. Nesse concurso, foram oferecidas mil vagas para mais de 48 mil inscritos.

No dia do exame, tive certeza de que não tinha conseguido aprovação. Saí da sala, com uma enorme sensação de derrota, as provas tinham sido difíceis. Mas, após a divulgação do gabarito oficial, fiquei sabendo que menos de 200 pessoas conseguiram se classificar. Havia esperança, eu tinha sido reprovada por apenas duas questões - duas matérias em que não consegui a pontuação mínima. Começou, então, a corrida pela interposição de recursos. Entrei com recurso em quatro questões mal elaboradas. Das quatro, duas foram anuladas, o suficiente para me colocar de novo no páreo.



Agora era questão de tempo e de aguardar o resultado oficial. Como ainda não vivíamos na era digital, a solução era seguir as informações disponibilizadas nos cursinhos preparatórios, nos jornais de concurso e ligar insistentemente na imprensa oficial para saber se o tão sonhado resultado já havia sido publicado.

E foi assim que, um belo dia, liguei na imprensa oficial e esperei o gentil atendente, que, neste caso, era gentil mesmo e muito paciente, percorrer a lista dos aprovados e dizer: “Você foi aprovada”. Gritaria e muita emoção no telefone. Aquelas palavras eram alegria demais para meus ouvidos e sonhos. Das mil vagas, apenas 388 foram preenchidas, uma foi minha.

Fiz o curso de formação em Belo Horizonte e fui nomeada para trabalhar em Foz do Iguaçu. Um mundo de novas janelas se abria para aquela menina. Sair de casa, morar sozinha, pagar as contas, montar apartamento, ser a senhora do destino.

Entrei em exercício em julho de 1995. Após uma semana morando em hotel, arrumei uma pequena quitinete para locação. Comprei um colchão, uma roupa de cama e me instalei no novo lar. Colchão e malas no chão - naquele momento, era tudo o que tinha. Todo o resto foi preenchido com a felicidade enorme de ter chegado até ali.

Plagiando a mim mesma, reproduzo um trecho de um texto que escrevi, em 2020, falando sobre o que não estava no meu perfil no SA3. Uma iniciativa da equipe de comunicação da minha região fiscal queria conhecer melhor o capital humano da casa. Naquela época escrevi:

*“Este ano completo bodas de prata com a Receita, e, com certeza, o SA3 não reproduz toda a história de amor e ódio que travei e continuarei travando com esta casa. Afinal, todo casamento é assim: tem o bom e o ruim, o sucesso e o fracasso, o conhecimento e a ignorância, a fartura e a*





*escassez, o seguro e o incerto, a amizade e a hostilidade, o reconhecimento e a indiferença, o alegre e o triste. Mas, com certeza, tudo colocado na balança, a felicidade continua levando a melhor parte!”.*

Esse trecho, atualíssimo, resume meu dia a dia emocional ao longo desses 29 anos. Aprendi muita coisa na Receita Federal e a ela serei eternamente grata pela independência, estabilidade, amigos e conhecimentos adquiridos. Do meu casamento com a Receita não espero a morte, apenas a tão sonhada aposentadoria.



— |

| —

— |

| —

# Poesias Premiadas



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

# Primeiro Lugar

## ***PIA 24 horas em ação***

Ademir José Balena  
*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou na RFB em 2006, lotado na ARF Medianeira trabalhando no atendimento ao público da região até o fechamento da unidade em 2022. Exerceu o cargo de Chefe da Agência, a partir de 2014, por oito anos. Atualmente, está na Equipe do Fale Conosco do Simples Nacional (50%) e na Equipe de Vigilância e Repressão da Alfândega de Foz do Iguaçu/PR (50%).*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

***PIA 24 horas em ação***

Não há quem faça uma pintura  
do trabalho de um único dia,  
feito pelos servidores da PIA  
no controle do contrabando,  
que não para nem mesmo  
quando a luz do sol irradia.

Ainda durante a madrugada  
chega um carro suspeito.  
Na penumbra não se vê direito,  
é selecionado para uma vistoria.  
Talvez a placa seja fria,  
ou tenha produto contrafeito.

Na velha van estrangeira,  
detalhes chamam a atenção.  
E logo se vê a infração,  
muitos pneus no bagageiro,  
também no banco traseiro.  
É um veículo para retenção.



Alguns minutos depois,  
mais um veículo é parado.  
Desta vez na pista ao lado,  
de baixo valor é o carro.  
O delito agora é o cigarro,  
e um fundo falso é encontrado.  
Na pista de caminhões  
o ilícito pode estar escondido  
na carga de soja, milho ou trigo.  
Então é usada a tecnologia,  
similar a uma radiografia,  
e o entorpecente é apreendido.

Pela manhã o movimento aumenta,  
muitos carros, ônibus e bicicletas,  
pedestres e milhares de motocicletas.  
É impossível a todos fiscalizar,  
então precisa escolher quem abordar  
e a verificação deve ser completa.

Uma motocicleta é parada  
e iniciada a inspeção pelo servidor.  
Logo empreende fuga o condutor  
e um policial sai em perseguição.  
Em seguida, retorna com o fujão  
que levava armas e munição  
escondidas em cima do motor.





Pouco depois, na pista de ônibus,  
uma senhora levanta suspeita,  
no assento ela se ajeita  
e usa um vestido comprido.  
Embaixo dele, estão escondidos  
celulares presos na meia preta.

Isso é apenas uma amostra  
daquilo que pode acontecer,  
de manhã, à tarde ou anoitecer,  
sábado, domingo ou feriado.  
É preciso sempre estar preparado  
para o ilícito combater.

Esclarecendo a sigla PIA  
para quem não tem familiaridade -  
é Ponte Internacional da Amizade,  
em Foz do Iguaçu localizada,  
na década de sessenta inaugurada,  
visando fomentar a integração  
e o desenvolvimento da região  
até então estagnada.



— |

| —

— |

| —

# Segundo Lugar

## ***Uma Receita de letras, números e poesia***

Gediel Pinheiro de Sousa

*Analista Tributário da RFB*

*Ingressou no cargo de Técnico da Receita Federal em 1993 na Alfândega do Porto de Manaus/AM. Em 1997, foi para a Alfândega do Aeroporto de Manaus. Em 2010, foi removido a pedido para a Delegacia da Receita federal de Maceió/AL onde foi chefe do Atendimento por aproximadamente uma década. Em 2024, voltou para a Alfândega do Aeroporto de Manaus onde está lotado atualmente. Autor do livro de poesia "Olhos de Jardineiro", lançado em 2024.*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

***Uma Receita de letras, números e poesia***

Carrego nítido na memória  
o verão de noventa e três.  
Assumi as digitais fazendárias,  
prata da casa - Primeira vez!  
Cruzei a trilha que separa o sol,  
tributo à história de um servidor.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
balançar a Linha do Equador!

Fui lotado na Zona Primária.  
Novato em recintos alfandegados,  
sendo aduaneiro, vistoriei porões.  
No meio da floresta industrial,  
Manaus foi mais que um legado,  
palco de aventuras e paixões.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
Encantar-se com rio Negro e Solimões!



Havia, na Zona Franca, de um tudo.  
Açaí, pirarucu, tucumã e tambaqui,  
mangarataia, cupuaçu e taperebá.  
Era um tal de tacacá, jambu e tucupi.  
Comi castanha, tapioca e guaraná.  
Se provei jaraqui, sou lenda viva.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
ouvir o canto da boca dos bumbás!

A riqueza cultural do Amazonas,  
uma história folheada de borracha,  
de rios, de fauna e de floresta,  
sons de festa, marujada e batucada.  
Fui tocado pelo eco dos tambores  
entre o cais e a dança das cunhãs.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
pelos barcos, balsas e catamarãs!

Navios cargueiros cruzavam oceanos  
e traziam à terra o segredo dos mares.  
A mim cabiam verificações e relatórios,  
com vistorias, contagens e recontagens.  
Por meio de papéis pouco afamados  
- manifesto de carga, *master e house* -  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
aplicar a lei, sem um quê a mais!



Vez ou outra surgia um embaraço,  
objeto de advertência ou multa.  
Nos domínios do tempo analógico,  
os olhos valiam pelas minúcias,  
haja vista uma tecnologia precária,  
tudo isso antes do desembaraço.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
vasculhar papéis em calhamaços!

Lembro-me de um certo episódio,  
no fim de um dia de plantão.  
Abordei um caminhão de cerveja  
com destino à ilha Tupinambarana.  
Por mais improvável que isso seja,  
importada sem regular importação.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
varar a noite por uma notificação!

Em mil novecentos e noventa e sete  
mudei-me das águas para o ar.  
Finquei pés na pista do aeroporto  
e mãos nas teclas do computador.  
Segui controlando sujeitos e cargas  
por meio de múltiplas declarações.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
contar números frios caídos no chão!



Em um certo plantão, na madrugada,  
enquanto atendia um voo de Miami,  
um passageiro, de voz alterada,  
desacatou as ordens da Imigração.  
Ordenamos passar malas no scanner,  
falou que só atendia à Receita Federal.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
aliviado com tamanha consideração!

Fui seduzido pelo canto da lara,  
na ponte imaginária Nordeste-Purus.  
Do enlace improvável: dois curumins!  
Batismo de fogo, encontro das águas.  
Voltei ao tempo da Ilha de Vera Cruz,  
naquele cenário de contos e fábulas.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
beber na fonte dos povos originários!

Em dois mil e dez voltei ao Nordeste,  
convencido pela brisa que tempera o ar.  
Após visitar três cidades litorâneas,  
escolhi a Terra das Águas para morar.  
Lotado na Delegacia de Maceió,  
trouxe na bagagem a alma do cigano.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
furar a bolha do dialeto interurbano!





Cheguei como chega um clandestino,  
meio arredio, em terreno forasteiro.  
Sem saber analisar um relatório,  
tive que mudar meu plano tático,  
reaprender o ABC do tributário  
e explicar de modo convincente.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
mastigar a dureza dos regulamentos!

Em menos de dois anos, estava chefe.  
Uma simples aposta ou falta de juízo?  
Quem nomeou quem naquela banca?  
O improviso ou os imprevistos?  
O tempo sugeriu várias respostas,  
fiquei mais de dez anos na função.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
soletrar códigos e siglas de montão!

Durante o período de minha gestão  
criei o Autoatendimento Orientado,  
uma alternativa para dar vazão  
às centenas de serviços diários.  
Com planejamento e estagiários,  
chegamos ao fim do caos rotineiro.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
fazer as pazes com o travesseiro!



Em dois mil e vinte veio a Pandemia.  
Fui para a linha de frente da batalha,  
formei um esquadrão de voluntários.  
Saímos de uma inércia cadastral  
pela labuta de um dia sem horário,  
graças à revolução tecnológica.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
desmistificar o mundo virtual!

No ano de dois mil e vinte e dois  
recebi a maior honraria cabível  
a um servidor de minha carreira.  
Fui reconhecido por meus pares,  
com a medalha Noé Winkler,  
insígnia de atributos magnânimos.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
digerir uma vaidade inorgânica!

A Receita foi passe e passaporte  
para Grandes Eventos no país.  
Copa do Mundo, lá em Recife.  
Em Roraima, Operação Acolhida.  
Olimpíadas, no Rio de Janeiro.  
Cursos, treinamentos e reforços.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
driblar a rotina e espantar o ócio!



Lembram do jaraqui? Me chamou  
em março de dois mil e vinte quatro.  
Vim arrematar o ciclo da história,  
voltei como um filho pródigo,  
após uma quarentena de luxúria.  
Vim atender ao chamado da floresta.  
Lá se foi meu sotaque nordestino,  
como reza toda lenda que se preza!

E cá estou, na corda bamba,  
a poucos passos da aposentadoria.  
Com a cabeça na Fazenda Pública  
e o corpo inteiro imerso em poesia.  
São trinta e um anos no estandarte  
que me orgulha ser representante.  
Lá se vai meu sotaque nordestino,  
encarar a lucidez sem alucinantes!



— |

| —

— |

| —

# Terceiro Lugar

## ***Cidadania Fiscal na Rodovia***

Honorino José Gonçalves  
*Auditor-Fiscal da RFB*

*Auditor-Fiscal desde junho de 1995. Pós-graduado em Direito Aduaneiro e Comércio Exterior; Pós-graduado em Engenharia Civil e Pós-graduado em Direito Tributário. Ocupou as funções de Assistente (2007 a 2011) e de Chefe da Seção de Controle e Acompanhamento Tributário (2011 a 2014). Exerceu o cargo de Delegado da Receita Federal em Joinville/SC (2014 a 2022). Atualmente, é o Delegado Adjunto da mesma unidade.*



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

***Cidadania Fiscal na Rodovia***

Em todas as ações da Receita Federal  
Está presente a Cidadania Fiscal  
E destaca-se a ação  
De apresentar as novidades da Declaração  
Do Imposto de Renda  
Para que a coletividade não se surpreenda!

O representante da Cidadania Fiscal  
Ministrou uma palestra sensacional,  
Para acadêmicos da universidade,  
Onde houve reciprocidade,  
Jovens prestando atenção  
Nas novidades da Declaração!

Série de temas relevantes,  
Nunca visto dantes  
Pelos universitários,  
Atentos aos assuntos tributários,  
Novas regras de tributação,  
Sendo necessário prestar muita atenção!



Os acadêmicos de Ciências Contábeis,  
Semelhantes às células lábeis,  
Que precisam de renovação,  
Espíritos voltados para a cooperação,  
Conforme o acordo assinado  
Pelo Reitor e pelo Delegado!

Delegado e Reitor assinaram o acordo de cooperação  
E entrou em ação  
Projeto desenvolvido pela Receita Federal  
Para criação do (NAF) Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal,  
Oportunidade para que o aluno participe  
E, por meio da vivência, se qualifique!

A conscientização tributária e a cidadania o NAF busca ampliar,  
A orientação fiscal a pessoas físicas de baixa renda disponibilizar,  
Sob a supervisão de professor,  
Os estudantes, com louvor,  
Orientam os que têm dificuldades no uso de meios digitais,  
Sem prejudicar a atuação dos profissionais  
E os alunos não têm acesso a informações internas da Receita  
Federal,  
Sendo essa atribuição realizada de forma interna, institucional.





Após essa explicação,  
Voltemos às novidades e aos temas importantes da Declaração  
Que geram dúvidas no seu preenchimento:  
Definições, para fins tributários, de residente e não residente;  
Ganho de capital em moeda estrangeira;  
Novas regras de tributação em aplicação financeira  
No exterior, criptoativos, entre outras abordagens,  
Que levam ao conhecimento sobre os tributos e suas engrenagens!

Sim, engrenagem é uma metáfora de conhecimento  
Sobre força, potência e movimento,  
Para garantir à Administração Tributária  
O equilíbrio financeiro, não de forma autoritária,  
Mas, por meio de recolhimento de tributos,  
Sendo que a coletividade recolherá os seus frutos!

Nesse diapasão, outra expressão metafórica,  
Os estudantes, de forma eufórica,  
Demonstraram satisfação após a finalização  
Da palestra sobre a Declaração,  
Novidades e temas relevantes  
Do Imposto de Renda, que foram motivantes!



Terminada a palestra, devido a avançada hora da noite,  
Preferimos o pernoite

Na cidade onde foi realizado o evento na universidade,  
Para no outro dia retornar à nossa unidade

Com a certeza de mais um trabalho realizado,  
Conforme foi idealizado!

Durante o retorno, por meio de viatura oficial,  
Em uma rodovia estadual,

Fomos parados por um policial:

- Vocês trabalham na Receita Federal?

Pensei:

- Será que ultrapassei os 60 km por hora?

Meu colega pensou:

- Será que pensam que subtraímos esse veículo caracterizado  
Para levarmos embora?

Ora, ora!

Essa parada foi no Posto Rodoviário Estadual,

Esperando o que pretendia o policial,

Qual foi a nossa surpresa,

Pois se tratava de uma gentileza

Para que ele fosse orientado sobre a Declaração

No seu preenchimento no pagamento de uma pensão.



O representante da Cidadania Fiscal entrou em ação,  
Aproveitou a oportunidade de divulgação  
Aos policiais de plantão,  
Para que preenchessem corretamente a declaração  
Cabo, sargento e até capitão  
Aprenderam, após a rápida ministração  
Realizada com bastante compilação!

Seja no auditório ou na estrada  
A palestra será ministrada  
Pois o contribuinte precisa estar informado,  
Trata-se de um objetivo colimado  
E alinhado à missão institucional  
Da Receita Federal!



— |

| —

— |

| —

# Menção Honrosa



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

***“Thank” cheio de mágoa***

João Batista da Silva Machado

*Assistente Técnico-Administrativo*

*Chefe da Agência da Receita Federal em Cruz Alta, RS.*

*Ingressou na Receita Federal em junho de 2015.*

*When the walls tumble down  
There's no stoppin' the love from comin' in  
When the walls tumble down  
The new life will begin.  
(Quando as paredes caem  
Nada impede o amor de entrar  
Quando as paredes caem  
A nova vida vai começar).*

*Whitecross - When the walls tumble down*

Não vi nem no cinema nem no teatro

As cheias no Sul em 2024.

Inundaram tudo quase às lágrimas torrenciais,

Mas somos muitos, muitos mais.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Águas que já passaram não movem moinhos  
Mas movem uma população em solidariedade  
Mostrando que não, não estamos sozinhos.  
A tristeza de ver tudo destruído,  
Os rios correndo pro mar:  
Martírio martelando a dor  
Marcando o poder de dar,  
Dar amor, dar esperança para quem tudo perdeu.

“Não tá morto quem peleia”, dizia o velho gaúcho  
Que no dilúvio vê que a luta se agiganta  
Mas o amor no Brasil não é um luxo,  
É um grito de dor preso na garganta.

O líquido precioso a lágrima pura  
Que escoar por meandros de todo o estado  
É grito, é relincho, é uivo, é miado,  
Toda a criação geme de dor e estupor.  
É morte, é vida, é rio que se recicla,  
É tudo, é nada, é algo, é dor.  
É trágico, é tétrico, é tímido,  
É úmido, é único, é último,  
Nada nítido, nada lúcido, nada lúdico,  
Tudo submerso, subvertido, subumano.





Era boi em cima do poste,  
Móvel em cima do fio,  
Casas de grande porte  
Indo embora no rio;  
Era uma tristeza forte  
Fez-se feio o frio.  
Esta chuva trouxe a morte  
Um choro, gemido, cicio.

... Mas nos braços, nos espaços, nos corações  
De quem vem, que quer bem, não estamos sem,  
Não estamos sem vida, não estamos mortos,  
Não estamos tortos, não estamos rotos,  
Somos tristes testemunhas de que o Brasil é um.

Sob a ótica da ética  
O que se ouve são pedidos de socorro;  
Pela ótica da estética  
A água quase sobe o morro.



O gigante estende a mão pátria mãe gentil  
A Receita Federal vem no papel, preto no branco  
E traz a Portaria RFB 419, para ajudar as pessoas que precisam.  
Prazos prorrogados de tributos e parcelamentos,  
Para mitigar os lamentos e tormentos do momento.  
Cumprimento de obrigações acessórias postergado  
Nas quase 400 cidades listadas, molhadas.

Tributo de abril, maio e junho ficaram para julho, agosto e setembro,  
Isso não esqueço, eu lembro.  
A entrega da Declaração do Imposto de Renda,  
Ficou de 31 de maio para 31 de agosto. Suaviza o amargo desgosto.

A Receita Federal também usou seus drones  
Além de mobilizar aeronaves, camionetes e equipes para ajudar no resgate  
às vítimas.  
Os prazos para atos processuais, suspensos até 31 de maio do corrente.  
Excelente!  
Um bilhão de reais para o adiantamento de restituições! Isso beneficiou  
mais de um milhão e meio de pessoas! Notícias boas!

Foi publicada no Diário Oficial da União a Instrução Normativa 2.192/2024,  
que facilita o apoio de pessoas físicas, instituições e organizações sem fins  
lucrativos do exterior que queiram remeter para o Brasil, sem pagamento  
de tributos, bens destinados às vítimas de calamidades.  
Excelentes novidades!  
Doações do exterior isentas de tributos. Mecanismos legais argutos!



Receita Federal doou muito material apreendido.  
Um gesto a que sou agradecido!

A Primeira Região, doou-se de coração;  
A Segunda Região Fiscal, doou-se total;  
A Terceira, na ajuda foi guerreira;  
A Quarta, na ajuda foi farta;  
Quinta Região, uma grande mão!  
Um senso de união, a Sexta Região;  
A Sétima é ótima!  
Oitava Região Fiscal, foi sem igual;  
A Nona Região ajudou com exatidão;  
E a Décima também ajudou seus pares.

Vi a soma de mãos-irmãos-mais-irmãos-mãos,  
Braços-laços-abraços deixando traços,  
Vi a fome se juntar à miséria num torpor verdadeiro  
Apenas para serem chutadas por inteiro  
Para longe, para lá dos confins do “(talvez) nunca mais” ...

Não aprendi nem no cinema nem no teatro  
Que dois mais dois é muito, muito mais que quatro.

Muito obrigado a todos, e em especial, à Receita Federal!



— |

| —

— |

| —

# Poesias Classificadas



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

— |

| —

— |

| —

## ***O homem, o urso e o leão - Uma fábula moderna***

João Batista da Silva Machado

*Assistente Técnico-Administrativo*

*Chefe da Agência da Receita Federal em Cruz Alta, RS.  
Ingressou na Receita Federal em junho de 2015.*

Cá no reino de Pindorama, há milhares de dias atrás  
Vivia um certo homem, pobre, mas sonhador audaz

Sonhava em habitar e trabalhar no castelo do leão  
Mesmo sendo um bem pequeno e humilde aldeão

Mas para sonhar não promulgaram imposto  
Nem tributo, nem taxa, nem pedágio posto

Assim, ele vivia estudando fórmulas  
E polígrafos e hieróglifos, e súmulas



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Vínculos e métodos lógicos, leis e normas  
Emendas e reformas, perímetros e formas

Filigranas e mistérios do universo financeiro  
Labirintos e meandros do mundo brasileiro

Mas no caminho havia um enorme urso  
O Urso Konk, com o mesmo discurso

Ele erguia-se em um caminho seco e frio  
E aparecia de repente e lançava o desafio

Como grande esfinge disposta a devorar  
Aparecia e clamava com voz de assustar:

“Decifra-me ou te devoro sem piedade  
E aí não te restará nem sequer saudade

São 50 questões objetivas, puramente  
Mas haverá uma resposta unicamente

Início com interpretação de texto  
Para saber se discernes o contexto





Depois, raciocínio lógico-matemático  
Para testar o teu pensamento prático

O último questionamento é sobre legislação  
Deves responder rápido questão por questão

O teu tempo inicia:  
O tique-taque da agonia.

Não esqueças, eu já te avisei:  
Decifra-me ou devorar-te-ei”!

Com um ricto apavorante, até desafiador  
Konk Urso em outra mesa, canta ao redor:

“O teu tempo se escoia:  
O tique-taque eis que voa

Teu tempo quase finda  
E o tique-taque bate ainda

Tique-taque a hora passa  
A hora voa, a hora amassa  
A hora escoia, a hora caça.



Tique-taque a hora vai  
Tique-taque a hora foi (...)

A hora foi - Bate o sino, sino de “blém-blém”  
O concurso acaba, abarca, agrada... ninguém.

Sim, é verdade que milagres não existem  
(Existem apenas para os que não desistem  
E para os que muito insistem)

A fera se levanta então com dentes vorazes  
Konk Urso estende seus dedos audazes.

Suas garras são atrozes,  
Seus gestos são velozes  
Tanto quanto cem atrizes  
Tanto quanto mil algozes

Soa a trombeta, o Arauto aparece  
E Konk Urso desaparece.

O Arauto pomposamente abre o pergaminho:  
“A todos os que estão andando no caminho,



Àquele que anda, àquele que vê,  
Àquele que manda, àquele que lê,

Nomeia-se o homem para morar com o Leão  
Em harmoniosa convivência, lealdade e gratidão  
Que entre lá e lá sirva a população  
Com zelo, respeito e dedicação”.

Moral da História (de Trabalho):

Querer vir para cá valeu o esforço  
Se não quisesse, restaria o remorso  
Entre mil números, sistemas e metas  
Encontra-se lugar até para... POETAS!



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

**Oi**

João Batista da Silva Machado  
*Assistente Técnico-Administrativo*

*Ingressou na RFB em junho de 2015.  
Chefe da Agência da Receita Federal em Cruz Alta, RS.*

Ingressei na Receita, em seus braços,  
Entrando pela porta, antes, um portão  
Um tapete debaixo dos meus passos  
Documentos na minha trêmula mão.

Falei com o guarda vigilante;  
Mandou-me subir a escada  
Pisei os degraus, confiante  
Iniciou-se a minha jornada.



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

Eu: “Bom dia, sou o novo servidor!  
Senhor guarda, me respondas, já:  
Poderias me informar, por favor,  
Onde fica este setor?”

“Gestão de Pessoas que queres saber?  
A segunda porta, no corredor  
Lá, quem irá te atender  
É uma moça bela, um esplendor”.

Eu: “Muito obrigado pela informação”.  
Entrei e a moça, sorrindo  
Deu-me calorosa recepção  
E ao Delegado foi-me conduzindo.

A moça, tão prestativa quanto bela  
Perguntou se eu queria um café  
E eu, pra não desfazer a bondade dela  
Disse: “Quero dois ou três, até”!

No Gabinete, peguei a caneta,  
O meu nome na posse assinei  
No papel branco, a tinta preta  
Meu futuro aqui assinalei.



O Delegado, com nobre porte  
Assinou com tinta azul  
Entrei em exercício no Norte,  
Deixando meu querido Sul.

Assim ingressei, assim eu ia,  
Lembro-me bem como foi:  
Diziam-me “oi e bom dia”  
E eu dizia “bom dia e oi”.

Esse relato ainda me comove  
É simples, mas está na memória,  
Um ano, dois, agora nove  
Na Receita Federal, essa é a minha história.



## ***Saudosa memória***

Sérgio Roberto Cotrim Guará

*Auditor-Fiscal da RFB*

*Iniciou suas atividades na extinta Receita Previdenciária no cargo de Fiscal de Contribuições Previdenciárias em 1986. Com a fusão das Receitas (Federal e Previdenciária), foi lotado na Seção de Análise Tributária da RFB e, posteriormente, na Seção de Fiscalização, onde exerceu chefia. Depois trabalhou na Equipe Regional de Gestão do Crédito Tributário e do Direito Creditório - Benefícios Fiscais na 3ª Região Fiscal. Finalmente, atuou na Equipe de Gestão do Crédito Tributário e do Direito Creditório da Delegacia da Receita Federal em Sorocaba/SP, onde se aposentou.*

Aportei no mês de setembro  
Na Delegacia da Receita Federal  
Corria o ano de dois mil e sete  
Início da quadra primaveral

Na última leva dos deportados  
Da ex-Receita Previdenciária  
Que partiu para a nova casa  
Numa esperança paritária



Histórias de Trabalho da  
Receita Federal do Brasil

A antiga casa em abandono  
Após os derradeiros lamentos  
Guardou ciosa a sete chaves  
Segredos de vida, sentimentos

Do tempo precioso ali vivido  
Por servidores dedicados  
A prover os cofres públicos  
Dos valores destinados

Ao custeio dos benefícios  
Previstos em lei federal  
Um instrumento do Estado  
Que promove paz social

Naquele espaço eu servi  
E aprendi o significado  
De ser um servidor público  
Com a missão identificado

Um último olhar em direção  
À Beira-Mar foi lançado  
A brisa suave em meu rosto  
Fez um afago diferenciado





Minha jornada na Receita  
Eu muito devo à SAORT  
Um espaço de aprendizado  
Minha escola e suporte  
Surgiram novos desafios  
Como legislação a dominar  
Outros sistemas, aplicativos  
Para a gente utilizar

Mas o ambiente na SAORT  
Era cordial e salutar  
Com reuniões planejadas  
Para as normas estudar

Reinava o profissionalismo  
Bem assim a cooperação  
As metas eram alcançadas  
Com esmero e dedicação

Formávamos três equipes  
A de Restituição/Compensação  
As outras também valorosas  
De Revisão e de Finalização



Confesso então cismava  
Sobre a nova situação  
Se o ambiente de trabalho  
Seria de paz e integração

Enfim chegamos à nova casa  
Um prédio concavo, imponente  
Concreto e janelas de vidro  
Voltado para o nascente

Apresentei-me ao Delegado  
Que a mão me estendeu  
E fui lotado na SAORT  
O que bem me pareceu

Apresentou-me ao chefe Mauro  
Que com toda a fidalguia  
Acolheu o novo membro  
Com sincera empatia



Da SAORT guardo lembranças  
Dessa auspiciosa sinergia  
De amizade e compromisso  
Colaboração e parceria  
A porta de entrada na Receita  
Foi de inestimável valor  
Que marcou minha vivência  
E da saudade deixou o sabor

O que se seguiu foi marcado  
Pela jornada inaugural  
De cooperação e trabalho  
E realização profissional.

*“A vida é uma longa viagem,  
com muitas estações. Felizes os que  
sabem descobrir e viver as alegrias,  
não só das estações, mas também  
do caminho entre uma estação e outra.”*  
Sílvia Meincke



— |

| —

— |

| —